

INVESTIGANDO A BÍBLIA – ESTÁGIO 2: INTEGRIDADE [1]

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO À INVESTIGAÇÃO DA BÍBLIA	3
1.1.	OS MANUSCRITOS HISTÓRICOS SÃO CONFIÁVEIS?	3
1.2.	QUAL É O MÉTODO CIENTÍFICO DE INVESTIGAÇÃO?	3
1.3.	QUAL É O MÉTODO LEGAL DE INVESTIGAÇÃO?	4
2.	INSPIRAÇÃO	4
2.1.	O QUE É INSPIRAÇÃO?	4
2.2.	EM QUE BASE A INSPIRAÇÃO É DISCERNIDA?	4
2.3.	QUAIS SÃO OS ATRIBUTOS DA INSPIRAÇÃO?	5
3.	COMO SE DETERMINA A IDADE DE DOCUMENTOS?	6
3.1.	POR QUE PRECISAMOS SABER A IDADE DOS DOCUMENTOS BÍBLICOS?	6
3.2.	NÃO É SIMPLES COMO CHECAR OS CALENDÁRIOS ANTIGOS?	6
3.3.	A HISTÓRIA TURBULENTA DO ESTABELECIMENTO DE DATAS ANTIGAS	6
3.4.	QUAIS SÃO OS MÉTODOS ATUAIS DE DATAÇÃO DE DOCUMENTOS SENDO EMPREGADOS?	7
3.5.	CONFIRMAÇÃO INTRABÍBLICA	9
4.	QUANDO OS LIVROS BÍBLICOS FORAM ESCRITOS?	9
4.1.	NÃO É NECESSÁRIA A CONFIRMAÇÃO DE CADA AUTOR BÍBLICO	9
4.2.	O EFEITO DO ILUMINISMO NA DATAÇÃO DE DOCUMENTOS	10
4.3.	O ILUMINISMO	10
4.3.1.	O QUE FOI O ILUMINISMO?	10
4.3.2.	COMO A TEORIA DA EVOLUÇÃO AFETOU A ANÁLISE DE DOCUMENTOS?	10
4.3.3.	OPINIÕES DE NOTÁVEIS ESTUDIOSOS ALEMÃES DO SÉCULO 19 – HIPÓTESE DOCUMENTÁRIA	11
4.3.4.	PRECONCEITO ANTISSEMÍTICO	12
4.4.	ESTUDO MODERNO	12
4.5.	DATAS PARA CADA LIVRO OU CARTA DA BÍBLIA	13
5.	A BÍBLIA ESTÁ COMPLETA?	14
5.1.	O ANTIGO TESTAMENTO	14
5.2.	O NOVO TESTAMENTO	15
5.3.	DEPOIS DOS APÓSTOLOS	16
5.4.	A BÍBLIA ESTÁ ABERTA A INCLUSÕES FUTURAS?	16
5.5.	E QUANTO À EXISTÊNCIA DE LIVROS SECRETOS?	17
6.	COMO OS MANUSCRITOS FORAM PASSADOS AO LONGO DAS ERAS?	18
6.1.	OS ESCRITOS BÍBLICOS FORAM PRECEDIDOS POR SÉCULOS DE TRANSMISSÃO ORAL?	18
6.2.	QUAL FOI O PROCESSO ANTIGO PARA DUPLICAR DOCUMENTOS?	19
6.3.	A TRANSMISSÃO DAS TRADIÇÕES ORAIS	20
6.3.1.	A REDAÇÃO DO TEXTO OCORREU NÃO MUITO TEMPO APÓS OS EVENTOS	20
6.3.2.	A TRADIÇÃO ORAL DO NOVO TESTAMENTO É CONFIÁVEL	21
6.3.3.	OS PRIMEIROS CRISTÃOS NÃO CONSIDERAVAM A TRADIÇÃO ORAL COMO OBSTÁCULO	24
6.3.4.	O TEXTO BÍBLICO DISPONÍVEL HOJE É O MESMO QUE PRESERVOU A TRADIÇÃO ORAL?	25
7.	AS PALAVRAS ORIGINAIS FORAM PERDIDAS AO LONGO DOS SÉCULOS?	26
7.1.	A REDAÇÃO DA BÍBLIA DE HOJE ESTÁ LIVRE DE ERROS OU NÃO?	27
7.2.	CRÍTICA TEXTUAL E EXEMPLOS	27
7.3.	ONDE ESTÃO OS ERROS NA BÍBLIA?	27
7.4.	QUANTA CONCORDÂNCIA EXISTE ENTRE AS CÓPIAS DOS MANUSCRITOS BÍBLICOS?	29
8.	QUAIS MANUSCRITOS ANTIGOS DA BÍBLIA EXISTEM HOJE?	30
8.1.	O ANTIGO TESTAMENTO: PERGAMINHOS DO MAR MORTO	30
8.2.	O ANTIGO TESTAMENTO: A SEPTUAGINTA	30
8.3.	O ANTIGO TESTAMENTO: O TEXTO MASSORÉTICO E OUTROS	31
8.4.	O NOVO TESTAMENTO: VÁRIOS	31

9.	OS CRÍTICOS DESACREDITARAM OS MANUSCRITOS ANTIGOS?	32
9.1.	CRÍTICA E APARENTES CONTRADIÇÕES	32
9.2.	OS MANUSCRITOS BÍBLICOS FORAM SENDO ANEXADOS AO LONGO DO TEMPO?	33
9.3.	PROFECIAS ESCRITAS APÓS OS EVENTOS?	34
9.4.	ONDE CONTINUAR ESSA DISCUSSÃO	34
10.	OS EVANGELHOS SÃO CONFIÁVEIS?	34
10.1.	DADOS SE PERDERAM ANTES DOS REGISTROS ESCRITOS?	35
10.2.	MAS É VERDADE?	35
10.3.	AS CÓPIAS	36
10.4.	TESTE BIBLIOGRÁFICO	36
10.4.1.	INTERVALO DE TEMPO	37
10.4.2.	A DESCOBERTA DO CODEX SINAITICUS	38
10.5.	TESTE DE EVIDÊNCIA INTERNA	38
10.5.1.	CONSISTÊNCIA	39
10.5.2.	DETALHES	39
10.5.3.	CARTAS PARA PEQUENOS GRUPOS	40
10.5.4.	CARACTERÍSTICAS CONSTRANGEDORAS	40
10.5.5.	MATERIAL CONTRAPRODUCENTE OU IRRELEVANTE	40
10.5.6.	AUSÊNCIA DE MATERIAL RELEVANTE	40
10.6.	TESTE DE EVIDÊNCIA EXTERNA	41
11.	COMO PODEM EXISTIR TANTAS TRADUÇÕES DIFERENTES DA MESMA BÍBLIA?	41
11.1.	POR QUE NÃO TEMOS UMA SÓ TRADUÇÃO?	42
11.2.	A NATUREZA DA LINGUAGEM	42
11.3.	DE UMA LINGUAGEM PARA OUTRA	43
11.4.	TEXTO RECEBIDO E TEXTO CRÍTICO	43
11.5.	TRADUÇÕES DE EQUIVALÊNCIA FORMAL, DINÂMICA, MISTA E PARÁFRASES	44
11.6.	BÍBLIAS DE ESTUDO	46
11.7.	O QUE REALMENTE IMPORTA	46
12.	APÓCRIFOS, DEUTEROCANÔNICOS, PRESUDEPÍGRAFOS E NÃO CANÔNICOS	46
12.1.	O QUE SÃO LIVROS APÓCRIFOS	47
12.2.	QUAIS SÃO OS LIVROS NÃO CANÔNICOS?	47
12.2.1.	OS LIVROS DEUTEROCANÔNICOS E O CONCÍLIO DE TRENTO	47
12.2.2.	APÓCRIFOS DA SEPTUAGINTA NÃO CANONIZADOS	48
12.2.3.	LIVROS PSEUDEPÍGRAFOS	49
12.2.4.	LISTA DE LIVROS NÃO CANÔNICOS	50
12.3.	A IMPORTÂNCIA DO CÂNON	56
12.4.	A IGREJA CATÓLICA ROMANA SOBRE OS APÓCRIFOS	58
12.5.	OS EVANGELHOS GNÓSTICOS SÃO A HISTÓRIA REAL DE JESUS?	59
12.5.1.	CONHECEDORES SECRETOS	59
12.5.2.	CRÍTICOS ANTIGOS	59
12.5.3.	AUTORES MISTERIOSOS	60
12.5.4.	MISTÉRIO VERSUS HISTÓRIA	60
12.6.	PROBLEMAS COM OS APÓCRIFOS	60
12.7.	O MAIOR PROBLEMA DE LIVROS NÃO CANÔNICOS	62
12.7.1.	A FALSIDADE DOS EVANGELHOS NÃO CANÔNICOS	64
12.7.2.	ESTUDO DE CASO: O EVANGELHO DE TOMÉ	66
12.7.3.	O EVANGELHO DE BARNABÉ VERSUS A CONFIABILIDADE DO NOVO TESTAMENTO	70
12.8.	A REJEIÇÃO DOS LIVROS APÓCRIFOS NO PRIMEIRO SÉCULO	75
12.9.	OS APÓCRIFOS HOJE	75
12.10.	POR QUE A EPÍSTOLA DE JUDAS FAZ REFERÊNCIA A LIVROS PSEUDOEPIGRAFOS?	76
13.	REFERÊNCIAS	77

A investigação da autoridade da Bíblia começa com a questão: “O que lemos na Bíblia hoje é o mesmo que foi escrito na antiguidade?” Se não for, então o texto original, independentemente de ser verdadeiro ou não, pode ser considerado perdido. E, se estiver perdido, não adiantaria confiar na Bíblia – ela teria perdido sua integridade.

De minha parte, devo dizer que, tendo por muitos anos feito das evidências do cristianismo objeto de estudo minucioso, [...] é de fato a Palavra de Deus. (*Simon Greenleaf, Professor de Direito de Harvard*).

1. INTRODUÇÃO À INVESTIGAÇÃO DA BÍBLIA

As pessoas não gostam de pensar. Se alguém pensa, é preciso chegar a conclusões. As conclusões nem sempre são agradáveis. (*Helen Keller*).

Veremos agora uma visão geral das divisões de avaliação metódica da Bíblia. Resumidamente, como saberemos se o que lemos hoje é verdadeiramente aquilo que foi escrito há muito tempo? Vejamos:

- **O método científico;**
- **O método legal.**

1.1. OS MANUSCRITOS HISTÓRICOS SÃO CONFIÁVEIS?

Não deve haver barreiras à liberdade de investigação. (*J. Robert Oppenheimer*).

O sobrenatural é o natural ainda não compreendido. (*Elbert Hubbard*).

- **Se a Bíblia de hoje é uma reprodução exata dos seus manuscritos (as fontes), e...**
- **Se os conteúdos dos manuscritos são válidos, e...**
- **Se os conteúdos afirmam que Jesus é Deus, e...**
- **Se Deus afirma que a Bíblia contém tanto instrução quanto autoridade para nossas vidas, então...**
- **Deve-se crer na Bíblia – ela tem autoridade sobre nossas vidas.**

Essa linha de raciocínio vai ser nossa base para discutir a autoridade da Bíblia. É uma argumentação que começa com manuscritos (fontes) confiáveis. Mas quão confiáveis são esses manuscritos? Em outras palavras, como sabemos que o que lemos na Bíblia hoje é o que foi realmente escrito há tanto tempo?

Essa é uma questão muito boa – uma questão que é complicada, tendo em vista as barreiras de linguagem, as variações textuais entre cópias múltiplas das mesmas passagens e a existência de várias traduções da Bíblia a partir dos escritos originais. **Para responder à questão, é necessário investigar primeiro a integridade e a autenticidade dos antigos escritos bíblicos.**

1.2. QUAL É O MÉTODO CIENTÍFICO DE INVESTIGAÇÃO?

Segundo o autor e advogado Josh McDowell, há dois métodos básicos de investigação. Um deles, o **método científico**, envolve a criação de uma situação controlada onde algo pode ser repetido com base em dados levantados e hipóteses feitas. Esse método é válido para provar leis da física e princípios mecânicos, mas **é incapaz de determinar a historicidade de eventos passados.**

O método científico, por exemplo, pode prever quanto tempo uma criança vai levar para nascer por meio do estudo da gravidez e das variáveis nela envolvidas. Contudo, o método científico não pode repetir o nascimento dessa criança em particular para provar a um juiz, ou a qualquer outra pessoa, que a criança em questão é realmente a criança que nasceu.

1.3. QUAL É O MÉTODO LEGAL DE INVESTIGAÇÃO?

Se o nascimento de uma criança não pode ser experimentalmente reproduzido para provar cientificamente que é ela mesma que está diante de um oficial da lei, então como fazer para determinar a sua idade e quem ela é?

É nesse tipo de caso que é empregado o **método legal** de investigação. Esse método de análise adquire conhecimento do passado baseado sobre testemunho oral ou escrito, e então determina sua exatidão histórica.

A prova aceitável legalmente da existência da criança nos casos acima mencionados poderia ser uma certidão de nascimento. **Similarmente, uma vez que autentiquemos a integridade e veracidade das Escrituras, elas também se tornam uma fonte legítima de informação a respeito do passado.**

2. INSPIRAÇÃO

É difícil conceber como a mente humana pode concordar com ideias tão terríveis, ou como qualquer homem são pode ler a Bíblia e ainda acreditar na doutrina da inspiração. (*Robert G. Ingersoll*).

Inspiração: um efeito peculiar da flatulência divina emitida pelo Espírito Santo que sibila nos ouvidos de alguns escolhidos de Deus. (*Voltaire*).

“Inspiração” é um termo bem mais concreto do que muitas pessoas imaginam em relação à qualificação de textos bíblicos.

Começaremos a falar sobre inspiração não porque os escritos bíblicos começaram sendo declarados como inspirados, mas porque os escritos que eventualmente se provaram inspirados têm a inspiração como sua qualidade mais fundamental.

2.1. O QUE É INSPIRAÇÃO?

Inspiração, ou inspiração divina, descreve o processo pelo qual Deus habilitou seres humanos a registrar o que ele tinha a intenção de transmitir. Inspiração é muito mais do que grandes pensamentos, mas não é como um controle sobre um robô. Em cada escrito bíblico, Deus revelou informação (como história e profecia) que os autores não poderiam ter conhecido ou descoberto por si mesmos. Ainda assim, os escritos ainda refletem as personalidades únicas dos seus autores. **Escritos bíblicos não são declarados inspirados por Deus porque foram coletados na Bíblia – eles foram coletados na Bíblia porque foram divinamente inspirados.**

Historicamente, o antigo Israel, e depois a igreja primitiva, ambos com mais informações e evidências mais frescas do que as evidências disponíveis a nós hoje, discerniram os livros inspirados pela sua origem, veracidade e outros indicadores. Com relação ao Antigo Testamento, por exemplo, pode-se dizer:

Dentro de poucos séculos depois que o último livro do nosso Antigo Testamento foi escrito, toda a nação judaica foi unânime em aceitar cada um dos seus livros como canônicos e em rejeitar como falsas as alegações de qualquer outro livro para reconhecimento similar. Uma unanimidade como essa assim alcançada é um pouco menos do que um milagre [2].

2.2. EM QUE BASE A INSPIRAÇÃO É DISCERNIDA?

A tradição judaica e os escritos bíblicos testificam que, no começo, a comunicação direta de Deus com as pessoas não deixou dúvidas sobre quem estava falando (Deus). Uma vez que Deus direcionou suas palavras para serem registradas, essas palavras permaneceram sendo identificadas pelo que poderia ser considerado como a “assinatura de Deus”. Ou seja, esses registros tinham que exibir as idênticas características das comunicações orais anteriores que tinham sido recebidas de Deus.

Um exemplo desse tipo de identificação pode ser uma carta de um melhor amigo: nós sabemos que a carta é autêntica quando ela expressa de todo modo a pessoa que viemos a conhecer – até mesmo ao ponto de ser uma extensão dessa pessoa. Da mesma forma, escritos inspirados por Deus devem, em si mesmos, ser uma extensão dos atributos anteriormente revelados de Deus.

2.3. QUAIS SÃO OS ATRIBUTOS DA INSPIRAÇÃO?

Se Deus é tanto confiável quanto onisciente, quando é escrito algo que ele inspira, esse escrito tem que dizer a verdade e tem que refletir exatidão. Os aspectos da veracidade e exatidão são analisados no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Adicionalmente, como Deus proclama ser imutável em caráter, sua inspiração tem que ser totalmente consistente com aquilo que ele já revelou antes. Essa é a principal razão pela qual [livros não canônicos](#) foram deixados fora da Bíblia.

Um escrito inspirado deve também exibir a integridade do seu autor (se o autor é conhecido). Pois para quem mais iria Deus (assim como qualquer outra pessoa) escolher revelar a si mesmo, a não ser que um relacionamento especial seja autenticamente e visivelmente compartilhado? É de se esperar que apenas uma pessoa verdadeiramente devota vá agir e viver como ela fala.

Outra característica da inspiração é a confirmação sobrenatural. Deus realizou milagres por meio de Moisés, Jesus realizou milagres, os milagres de Jesus continuaram por meio dos seus apóstolos, e muitos profetas do Antigo Testamento tiveram suas profecias dadas por Deus rapidamente cumpridas (não todas, mas boa parte delas), o que confirmou a própria autoridade deles como autores inspirados. Um escrito divinamente inspirado pode até mesmo expressar o poder de Deus: assim como a proximidade com Deus mudou vidas, os escritos inspirados, como a voz de Deus na Terra, têm provado exibir uma influência de transformação similar e têm provado serem aceitos pelo povo de Deus.

Há algo muito importante a ser dito sobre a inspiração divina: ela trabalha dentro do contexto da pessoa. A pessoa inspirada por Deus continua exibindo as características de seu estilo de escrita e continua dentro de seu contexto cultural e social.

É bastante importante ter em mente que **a inspiração divina não foi algo que fez com que escritores dos tempos bíblicos escrevessem sobre a Terra ou o universo de alguma forma científica**. Essa é uma das principais razões pela qual professos cristãos e céticos se confrontam no assunto “Bíblia versus ciência”. Isso é assunto do terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Entenda que escritores bíblicos inspirados escreviam de acordo com suas perspectivas do evento, em seus contextos locais, culturais e sociais. Por isso, não podemos esperar que a Bíblia dê informações científicas sobre a Terra ou o universo com a exatidão que muitos esperariam de algo divino. **Ao longo da Bíblia observa-se que Deus sempre agiu dentro do livre arbítrio do ser humano e dentro de seu contexto local, cultural e social** – veja o sétimo tópico especial deste estudo (estudo sobre o livre arbítrio). Deus não fez nada forçado e também não “esbanjava milagres”. Na verdade, ao contrário do que muitos professos cristãos imaginam, Deus parece ter uma preferência em ser **silencioso e interferir o mínimo possível nos assuntos humanos**.

Para entender melhor essa ideia apresentamos o “exemplo da tartaruga”, o qual também consta no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Digamos, hipoteticamente, que Deus tenha se revelado a um povo antigo que tinha a crença de que o mundo repousava nas costas de uma tartaruga gigante. Então, digamos que Deus tenha inspirado uma pessoa daquele povo a escrever o seguinte: “Deus colocou o mundo firmemente nas costas da tartaruga; não será abalado” (veja o Salmo 104:5). Será que essa declaração ainda poderia ser a Palavra de Deus, embora fazendo referência a uma imagem incorreta do mundo? Certamente! **A revelação inspirada nessa declaração não teria nada a ver com uma tartaruga, mas tudo a ver com a fidelidade de Deus** (veja o contexto de Salmo 104:5). **No exemplo, a tartaruga apenas faria parte de um quadro cultural que permite que a revelação faça sentido para aquele povo.**

Entendendo isso sobre a inspiração divina, muitos dos “conflitos ciência versus Bíblia” desaparecem e teremos interpretações bíblicas adequadas, isto é, **compreenderemos o que o autor bíblico quis transmitir e o que a Bíblia realmente ensina – um ponto em que há falha da parte tanto de professos cristãos quanto não cristãos**. Veja o terceiro estágio deste estudo (veracidade).

3. COMO SE DETERMINA A IDADE DE DOCUMENTOS?

Quando uma concepção de Deus deixou de ter significado ou relevância, ela foi silenciosamente descartada e substituída por uma nova teologia. Um fundamentalista negaria isso, já que o fundamentalismo é anti-histórico. (*Karen Armstrong*).

Uma mentira dá meia volta ao mundo antes que a verdade tenha a chance de vestir as calças. (*Sir Winston Churchill*).

O estabelecimento da integridade dos textos bíblicos começa com a determinação de suas idades, e isso começa com a identificação de métodos capazes de revelar tal informação.

3.1. POR QUE PRECISAMOS SABER A IDADE DOS DOCUMENTOS BÍBLICOS?

O exame dos documentos que se traduzem na Bíblia começa com a determinação de suas idades. Saber a idade dos escritos ajuda a enquadrá-los no contexto histórico. Isso vai ajudar a esclarecer os pontos mais delicados dos significados dos escritos, bem como avaliar a veracidade de suas profecias. Obviamente, ninguém vai encontrar uma data em um documento antigo seguido por um "a.C." (antes de Cristo), por exemplo. Portanto, outros métodos devem ser utilizados para adequadamente enquadrar esses documentos no tempo.

3.2. NÃO É SIMPLES COMO CHECAR OS CALENDÁRIOS ANTIGOS?

Considere os problemas peculiares encontrados em datar textos de calendários antigos. Um dos problemas é que **culturas diferentes usaram calendários diferentes, e culturas diferentes não mantiveram um mesmo calendário**. Outro problema é que culturas antigas tipicamente não dataram seus anos de existência em nenhum ponto comum (como, por exemplo, com o uso de "a.C." e "d.C.").

Muitas culturas antigas marcaram a si mesmas como relativas ao reino de um monarca em particular. Para coordenar as cronologias entre essas culturas, podemos graficamente notar a duração do reino de diferentes governantes em uma linha de tempo e então cruzar os eventos como guerras, tratados, terremotos, ou cometas, os quais são relativos a um número de anos para dentro ou para fora de um reinado em particular.

Essa é uma solução trabalhável, mas é complicada pelo fato de que **diferentes culturas também usaram diferentes métodos para registrar os anos de um reino de determinado monarca**. Esses anos do reino podem ser datados a partir de quando um novo governante foi nomeado, ou quando um novo governante começou a correinar com um governante já existente, ou quando um governante realmente assumiu o trono, ou no começo do primeiro ano depois que o governante em questão já tinha chegado ao poder.

Como a datação antiga é limitada principalmente a esses tipos de associações, a exatidão é um tanto relativa a uma escala sempre móvel de quando um punhado de grandes eventos é mais bem determinado. Para complicar ainda mais isso, existe o problema da arqueologia incompleta. A arqueologia, como a reconhecemos hoje, é uma ciência relativamente jovem. Com cada um dos muitos novos achados arqueológicos sendo feitos, vêm ajustes nas teorias anteriores e nos posicionamentos relativos no tempo.

3.3. A HISTÓRIA TURBULENTA DO ESTABELECIMENTO DE DATAS ANTIGAS

A seguir temos um excelente exemplo de como descobertas progressivas e pesquisas têm contribuído para a história turbulenta de estabelecer apenas uma única data:

Como tem sido observado antes, a associação de Anrafel, rei de Sinear (Gênesis 14:1), com Hamurabi da Babilônia levou estudiosos nas primeiras duas décadas do século vinte a atribuir Hamurabi a um período tão antigo como 2123-2081 a.C.

Em 1928, S. H. Langdon e J. K. Fotheringham colocaram o reino de Hamurabi por volta de 2067-2025 a.C. [...]

Thureau-Dangin reduziu a datação por mais de meio século, para cerca de 2003-1961 a.C., Pirot trouxe isso ainda mais abaixo para cerca de 1947-1905 a.C.

Evidência de Mari [um sítio arqueológico] levou à conclusão geral que as datas mais antigas eram antigas demais e, quando Thureau-Dangin publicou evidência em 1937 que Shamshi-Adad I foi contemporâneo com a porção mais antiga do reino de Hamurabi, Albright sugeriu uma data para adesão do último em cerca de 1870 a.C. [...]

Albright tornou sua própria datação ainda mais recente para 1728-1686 a.C. Isso concordou geralmente com as conclusões de Neugenbauer, que tinha arguido que as observações astronômicas de Vênus requeriam a data de 1792-1750 a.C. [...] [3].

E vai indo assim o processo de datação, ilustrando que **quanto mais antigo o documento, mais inexata e relativa é qualquer data atribuída**. Inversamente, **quanto mais recente o evento do escrito, mais exata a data atribuída**.

Uma dificuldade adicional em datar escritos bíblicos é que nenhum dos documentos originais (chamados **autógrafos**), escritos pela mão dos autores originais, é conhecido como ainda existente. Os escritos bíblicos foram ativamente usados para o ensino e adoração e, assim, foram sujeitos ao desgaste.

O fato de que cópias foram feitas é típico da preservação de documentos em tempos antigos (e abordaremos adiante [o quão atípico é um processo de cópia para documentos cridos como sendo diretamente inspirados por Deus](#)). Uma vez introduzidos alguns dos desafios em datar escritos, o que segue são métodos que atualmente estão sendo usados de forma combinada para se chegar às respostas mais prováveis.

3.4. QUAIS SÃO OS MÉTODOS ATUAIS DE DATAÇÃO DE DOCUMENTOS SENDO EMPREGADOS?

1. **Estudo simples.**
2. **Peculiaridades linguísticas.**
3. **Paleografia.**
4. **Arqueologia.**
5. **Datação por carbono 14.**
6. **Referências de trabalhos de outros.**

Estudo simples. O simples estudo do conteúdo de um texto às vezes revela sua autoria e data. Um autor de um comentário do livro bíblico de Habacuque menciona certos eventos correntes a seu próprio tempo. Esses eventos podem colocar a origem do comentário na época da captura da Palestina por Pompeu do Império Romano em 63 a.C. Costumes e outras práticas de vida são outra maneira de deduzir quando um texto foi escrito. Também devem ser levados em conta detalhes dentro de um texto que não estão mais disponíveis, como descrições bem detalhadas de cidades ou estruturas que foram destruídas há muito tempo.

Aqueles que abordam escritos bíblicos com a pressuposição de que “previsão do futuro por profecia é impossível” muitas vezes atribuem datas tardias aos escritos bíblicos. Por exemplo, alguns críticos do período do iluminismo que reconheceram a profecia cumprida da expiação de Cristo no capítulo cinquenta e três de Isaías atribuíram o livro para uma data tão tardia como a Idade Média. No entanto, essa atribuição foi baseada em uma rejeição preconcebida do conteúdo do texto, e não por razões históricas ou literárias.

Peculiaridades linguísticas. Peculiaridades linguísticas também podem oferecer auxílio na dedução de quando e por quem um determinado texto foi escrito. O estilo, as palavras particulares ou frases escolhidas, tópicos específicos pelos quais detalhes são fornecidos, ou a forma de como as ênfases são dadas, tendem a indicar o segundo plano do autor e o período geral na história.

Em certo ponto assumiu-se que, dos vários dialetos semitas (conhecidos coletivamente como aramaico), o aramaico ocidental era de origem tardia. Isso foi assumido por falta de prova em contrário. No entanto, as descobertas posteriores provaram o contrário, como R. K. Harrison argumentou:

A presença de elementos do aramaico nas composições de Ras Shamra, como ilustrado particularmente pela mudança consonantal de “z” para “d” no pronome relativo e em outro lugar, atesta adiante para a antiguidade da língua. Consequentemente, não é mais possível argumentar em atribuir uma data tardia para uma dada composição nas bases das palavras aramaicas e expressões em aramaico [4].

O perigo aqui é que a procura por peculiaridades pode ser mal-usada se aplicada de uma maneira muito fina, ou seja, se aplicada a cada palavra ou frase de um documento, ao invés do documento como um todo. Foi fazendo tal aplicação que críticos de uma era anterior procederam de sua premissa de que a Bíblia teria sido anexada e mudada através dos séculos. Na **Hipótese Documentária**, como exemplificada pelo físico francês do século 18 d.C. Jean Astruc e depois modificada por um número de estudiosos alemães no século 19 d.C., cada frase de um documento antigo poderia ser sujeita à avaliação individual para sua autoria particular [5].

Se Deus foi referido como *Elohim* em uma passagem, por exemplo, e então como *Yahweh* na próxima, a conclusão dos críticos que buscaram provas de autoria múltipla era que [essas frases evidenciaram as preferências de autores diferentes](#). Essa teoria vai ser discutida adiante, e as filosofias predominantes dos séculos 18 e 19 d.C. serão discutidas no terceiro estágio deste estudo (veracidade). No entanto, se fosse usado esse padrão, até mesmo o conteúdo do *website* do estudo original (www.provethetemple.net) seria dito como não tendo um único autor, embora realmente teve um único autor. O próprio autor se referiu a Deus com títulos diferentes como “Senhor”, “criador”, entre outros.

Paleografia. A paleografia é o estudo da antiga escrita manuscrita, um método comparativo de datação que pode ser usado para descobrir a data de manuscritos ou para corroborar o testemunho de outros métodos de datação. William F. Albright e John C. Trevor chegaram a separadas, mas idênticas, conclusões em estudos paleográficos de alguns dos [pergaminhos do Mar Morto](#). Os dois colocam os escritos como tendo sido produzidos tão antigamente quanto 200 a.C.

Arqueologia. A arqueologia fornece mais pistas como quando cópias das Escrituras foram escritas. A cerâmica na qual os pergaminhos do Mar Morto foram deixados sem perturbação datam dos tardios períodos helenísticos e dos iniciais períodos romanos de 200 a.C. a 100 d.C. Mais especificamente, escavações em Qumran têm revelado que o período geral de ocupação foi de 135 a.C. a 68 d.C., quando Roma esmagou a revolta zelote.

Outro exemplo da arqueologia auxiliando o processo de datação vem das escavações no Iraque em locais antigos, tais como Nuzu. Lugares como esse têm provido cerca de vinte mil tabuetas de argila detalhando a antiga vida babilônica. As tabuetas confirmam muitos dos costumes bíblicos observados – costumes tais como a transferência dos direitos de sucessão, o tipo de compra de uma porção de terra que foi feita por Abraão, o costume de numerar as árvores em determinada terra e os direitos e obrigações em relação a escravos expulsos, entre outros. De acordo com Harrison:

Os tabletes lançam uma luz interessante sobre a vida e tempos de Abraão, Isaque, e Jacó, estabelecendo-os com exatidão com o segundo plano cultural do segundo milênio antes de Cristo: a sociedade assíria [6].

Datação por carbono 14. A datação por carbono 14 compara a decadência de átomos de carbono dentro de um objeto com uma conhecida taxa de mudança. Um pano de linho no qual certos pergaminhos foram preservados resultou em uma data de 250 a.C. Um método diferente de datação em laboratório é a análise radiométrica. Ela mede mudanças em decadência radioativa para chegar a uma estimativa de idade.

Referências de trabalhos de outros. Referências por outros escritos mais tardios também podem ajudar a estabelecer a data de material precedente. Um filósofo judeu alexandrino chamado Aristóbulo, escrevendo entre 170-150 a.C., registrou que a Torá (os primeiros cinco livros do Antigo Testamento) foi traduzida para o grego durante o reino de Ptolomeu II (285-247 a.C.). Essa tradução foi chamada Septuaginta ou LXX, coleção na qual as traduções do restante do Antigo Testamento foram mais tarde adicionadas. A Septuaginta estava completa em 117 a.C. ou antes [7]. Nenhuma luz é dada sobre as datas dos escritos originais da Septuaginta, mas os comentários de Aristóbulo estabeleceram importância e difundiram muito a ideia de esses escritos estarem presentes muito cedo na história.

Uma palavra de cautela a respeito do uso de confirmação extrabíblica para declarações das Escrituras: é falacioso imaginar que as Escrituras sempre devem ser corroboradas pelo uso de fontes não bíblicas. Isso não é

uma necessidade lógica. É infundado assumir que alguma coisa é falsa apenas porque é encontrada na Bíblia, assim como é igualmente infundado assumir que alguma coisa é verdadeira porque não é encontrada na Bíblia. Archer advertiu:

Com demasiada frequência, a tendência tem sido a de considerar qualquer declaração bíblica como não confiável e suspeita, embora a própria antiguidade do Antigo Testamento (mesmo considerando a própria datação dos críticos) deveria recomendá-lo para ser considerado como um documento arqueológico. Em caso de qualquer discrepância com um documento pagão, mesmo se ele for de data mais recente, a fonte pagã tem tido a preferência como testemunha histórica automaticamente.

[...] Seria ingênuo supor que os registros pagãos egípcios, babilônios e assírios – em contraste com as Escrituras hebraicas cujos padrões éticos são elevados – estariam livres de tendências propagandísticas ou de serem partidárias [8].

Confirmação extrabíblica das declarações contidas dentro da Bíblia é certamente bem-vinda, mas não é de forma alguma um pré-requisito para aceitação da verdade de qualquer particular declaração das Escrituras. Material extrabíblico não é menos sujeito aos fatores partidários e à interpretação do que a Bíblia é. É interessante que o voo espacial foi tanto uma confirmação de que “não há Deus” para Yuri Gagarin quanto foi uma confirmação de que “há Deus” para Charles Duke da Apollo XVI. Similarmente, a datação das Escrituras vai, sem dúvida, sempre continuar a ser debatida e contestada, assim como a própria crença em Deus já é.

3.5. CONFIRMAÇÃO INTRABÍBLICA

Uma alternativa à confirmação extrabíblica que pode ser surpreendente para muitas pessoas é o que poderia ser chamada de **confirmação intrabíblica**. Os vários escritos bíblicos podem, em grande extensão, ser usados para corroborar um com o outro. Isso pode ser feito porque a Bíblia não é um único livro – ela consiste de livros separados, de autores diferentes, de séculos diferentes.

4. QUANDO OS LIVROS BÍBLICOS FORAM ESCRITOS?

Uma defesa ao diabo: é preciso lembrar que ouvimos apenas um lado do caso. Deus escreveu todos os livros. (*Samuel Butler*).

A doutrina cristã foi despedaçada por estudiosos da Bíblia nos séculos 18 e 19, mas a informação não chegou ao grosso das pessoas [...]. (*Farrell Till, “The Skeptical Review”*).

Estritamente falando, não existe tal livro [como a Bíblia]. Para fazer a Bíblia, sessenta e seis livros são encadernados em um volume. Esses livros são escritos por muitas pessoas em épocas diferentes, e ninguém sabe a época ou a identidade de qualquer autor. (*Clarence Darrow*).

As determinações das idades dos documentos bíblicos confirmam suas historicidades e são também os primeiros passos na determinação de suas autenticidades (por exemplo, quando se quer saber se tais documentos foram realmente escritos quando os autores alegam que foram escritos).

4.1. NÃO É NECESSÁRIA A CONFIRMAÇÃO DE CADA AUTOR BÍBLICO

A questão de [como se determina a idade de documentos](#) é um pré-requisito crítico para o entendimento que a **datação de documentos, como a arqueologia, é um processo contínuo de aperfeiçoamento**. Com esse entendimento, podemos prosseguir para examinar o que pode ser o melhor conjunto de datas que veio do estudo do século vinte em relação aos livros da Bíblia. O trabalho acadêmico aqui é creditado principalmente a **R. K. Harrison, Gleason Archer e F. F. Bruce**. Claro que mesmo o trabalho deles pode estar sujeito a aperfeiçoamento no futuro.

A confirmação do autor de cada livro bíblico não vai ser tratada aqui, pois, para o propósito deste estudo, não é tão importante quanto a descoberta de quando os livros foram escritos. **A autoria é de pouca importância porque o principal apelo para a divindade de Jesus dos cristãos do primeiro século, assim como por muitos cristãos de hoje, é o cumprimento das profecias do Antigo Testamento por Jesus**. Portanto, é muito mais importante determinar as datas dessas profecias do que identificar quem as proferiu (embora muitas dessas

identidades já estejam confiavelmente estabelecidas). Assim, ao estabelecermos as datas das obras do Antigo Testamento, podemos saber que **as profecias da aparição de Cristo foram escritas muito antes do fato, e não depois.**

4.2. O EFEITO DO ILUMINISMO NA DATAÇÃO DE DOCUMENTOS

Um método de estabelecimento de datas para escritos que era popular há várias centenas de anos antes do presente envolve a contagem das gerações de descendentes mencionados na Bíblia e, em seguida, fazer o cálculo para trás. Esse método assume a completude das genealogias nas cópias massoretas das Escrituras (os mais antigos documentos bíblicos disponíveis naquela época). Também assume que os descendentes listados não foram apenas representantes de maiores genealogias (na verdade, alguns foram). Autorias foram simplesmente tomadas pelo valor de face (por exemplo, “Jeremias escreveu o livro de Jeremias”), ou baseada em tradição rabínica (por exemplo, “Jeremias também escreveu 1 e 2 Reis”).

No décimo oitavo e no décimo nono século, um período também conhecido como **iluminismo**, a ênfase no racionalismo veio para seriamente desafiar a validade desse método de datação, bem como a então aceita autoria de muitos dos escritos. Foi durante esse período que a dúvida a respeito da idade e autoria dos escritos bíblicos foi agitada. Essa dúvida foi abraçada de tal forma pelos críticos daquela época que mesmo os emergentes fatos arqueológicos de hoje sobre a autenticidade das Escrituras são considerados “refutados” por aqueles que desejam permanecer contentes com as conclusões do século dezoito.

4.3. O ILUMINISMO

Para o propósito deste estudo, é importante considerar a influência do iluminismo na avaliação dos escritos bíblicos. Vejamos mais sobre ele adiante.

4.3.1. O QUE FOI O ILUMINISMO?

O iluminismo foi um período de mudanças multifacetadas principalmente do fim do décimo sétimo século ao fim do décimo nono século. Como é típico de mudanças históricas de paradigma, houve um número de fatores que formaram esse período, um dos quais foram as leis científicas de Isaac Newton. Sua simplificação dos princípios mecânicos básicos em uma era relativamente antiga tinha permitido o nascimento de uma direção filosófica chamada **determinismo**.

O determinismo basicamente visualizou o universo como um enorme mecanismo, embora fundamentalmente simples, que podia ser completamente entendido com matemática. Essa forma de pensamento pareceu fornecer uma base empírica para deístas que acreditaram que Deus existiu em alguma forma remota, mas não em uma proximidade íntima como descrita na Bíblia. A visão mais pessoal do Deus da Bíblia foi a crença anteriormente mais popular no mundo ocidental (a qual Newton mantinha para si mesmo).

Ao longo dos anos, o tremendo sucesso das leis de Newton em prever o comportamento dos objetos em movimento progressivamente suportou a ideia de que fórmulas e teorias poderiam sempre ser aplicadas em relação aos fatos reais. A mais reconhecível daquelas teorias é a evolução. A crença de que a vida humana evoluiu de formas de vida inferiores foi inicialmente mais prevalecente na França e Alemanha. A teoria da evolução ajudou a catapultar uma revolução na primeira e reformou tanto a ciência quanto a filosofia na última.

Como consequência à aceitação popular na França e Alemanha da teoria evolucionista como fato, dessas mesmas nações se ergueu uma teoria similar de formação concernente à Bíblia.

4.3.2. COMO A TEORIA DA EVOLUÇÃO AFETOU A ANÁLISE DE DOCUMENTOS?

Como o homem estava sendo teorizado como tendo evoluído, críticos começaram a teorizar que os escritos bíblicos evoluíram. O raciocínio filosófico daquela época geralmente seguiu a seguinte linha:

- Se Deus é inexistente, ou se pelo menos sua intervenção no mundo físico é desnecessária, então profecia divina é impossível ou improvável;

- Se profecia é impossível ou improvável, então profecias na Bíblia foram provavelmente adicionadas depois do fato profetizado;
- Se as profecias e livros foram assim anexados, então os livros devem ser de autoria múltipla, assim...
- Se os livros são de autoria múltipla, então todas as Escrituras devem ser questionáveis porque a maioria dos livros alega ter sido escrita por autores singulares, ou dão a impressão disso.

O filósofo deísta do século dezessete **Thomas Hobbes** acreditava na grande antiguidade da Torá (os primeiros cinco livros da Bíblia) e em Moisés como autor dela, mas Hobbes atribuiu datas tardias para pelo menos cinco outros livros do Antigo Testamento. O filósofo judeu **Benedict Spinoza** similarmente atribuiu datas tardias para muitos livros, mas acreditou que o escriba bíblico Esdras era o autor da Torá.

Em 1753, o físico francês **Jean Astruc** publicou, de forma anônima, seus pensamentos de que Moisés foi de fato o autor de Gênesis. Contudo, ele também acreditou que certas repetições e discrepâncias alegadas por críticos mais antigos foram respondidas pela conjectura de que Moisés meramente compilou documentos pré-existentes de autores separados [9].

4.3.3. OPINIÕES DE NOTÁVEIS ESTUDIOSOS ALEMÃES DO SÉCULO 19 – HIPÓTESE DOCUMENTÁRIA

Começando com sua obra “Einleitung” de 1780, o estudioso alemão **J. G. Eichhorn** eliminou Moisés como autor ou compilador da Torá. Eichhorn dividiu Gênesis e parte de Êxodo como obra de dois compiladores anônimos baseado no critério do texto se dirigir a Deus como *Elohim* ou *Jehovah*/Jeová (*Yahweh* ou Javé). Basicamente, o suposto compilador/escriba que teria se dirigido a Deus como *Elohim* era chamado “eloísta” (“fonte E”) e o suposto compilador/escriba que teria se dirigido a Deus como *Jehovah*/Jeová (*Yahweh* ou Javé) era chamado “javista” (“fonte J”). Outros supostos compiladores/escribas foram teorizados, denotando uma fonte sacerdotal (“fonte P”) e mais uma fonte “deuteronômica” (do livro de Deuteronômio – “fonte D”).

Esse critério foi modificado por outros estudiosos alemães incluindo **Hermann Hupfeld** por volta de 1853. Ele notou que passagens usando *Elohim*, não obstante, pareceram expressar mais do que um interesse particular e, portanto, as próprias passagens contendo *Elohim* devem ter tido mais de um autor [10]. Das crenças de Hupfeld, Harrison escreveu:

Ele mais adiante manteve que o segundo escriba estava mais próximo em peculiaridades linguísticas e estilo ao autor javista (em relação ao primeiro escriba eloísta, que distintivamente manifestou tendências sacerdotais). Havia agora quatro princípios fonte para serem tidos em mente em todas as considerações relativas à compilação do Pentateuco ou Hexateuco: eles consistiram de um documento javista (J) e compilação eloísta (E), uma fonte sacerdotal (P) [...], e o Livro de Deuteronômio (D) [11].

Essa construção foi modificada adiante em 1865 por **K. H. Graf** e, depois, por **Julius Wellhausen**, com uma atribuição de datas muito tardias aos documentos. Wellhausen, assim como fizeram muitos dos seus contemporâneos como **Nietzsche**, **Darwin** e **Freud**, buscaram explicar todas as coisas em termos de princípios singulares e simples. Harrison descreveu os métodos de Wellhausen, os quais se tornaram o fundamento para críticos da Bíblia até o meio do século vinte:

Partindo da premissa positivista que a religião foi meramente uma ramificação ou produto da atividade cultural humana, ele aplicou os conceitos filosóficos evolucionários do hegelianismo para um estudo da fé de Israel. Baseado na visão que pouco podia ser conhecido com certeza com relação à história e religião dos hebreus antes do período da monarquia, Wellhausen rejeitou a ideia de que a Torá [...] foi o ponto inicial para a história de Israel como comunidade de fé [12].

Como resultado de sua premissa, Wellhausen concluiu que os primeiros cinco livros da Bíblia evoluíram para suas formas presentes apenas nos tardios anos 200 a.C. Ele também afirmou que, por séculos, apenas a tradição oral tinha preservado os escritos e que os israelitas nem sequer existiram antes de Moisés [13].

4.3.4. PRECONCEITO ANTISSEMÍTICO

Tão tardiamente quanto em 1893, partidários de Wellhausen acreditavam que sua [Hipótese Documentária](#) era correta com base em estilo literário e, em maior parte, pela crença de que a escrita não tinha sido desenvolvida antes de 1000 a.C. [14]. Embora a arqueologia bíblica ainda estivesse há cerca de cinquenta anos antes de suas maiores descobertas (como em datar a escrita por de volta de 3100 a.C.), ainda existia evidência nos dias de Wellhausen provando claramente que a escrita se desenvolveu muito mais cedo do que ele alegava. No entanto, como a Alemanha estava prestes a ingressar no século vinte, estudos de outras áreas diferentes de estudos sobre escritos bíblicos estavam assumindo um caráter de “agressão intelectual, de dominação e de uma superioridade ideológica segura de si” [15].

Com grande teimosia, Wellhausen e seus colegas continuaram a rejeitar a evidência da antiguidade dos escritos judaicos. Essa rejeição refletia o caráter na Alemanha que, naquela época, estava cada vez mais inclinado a expressar um ódio para todas as coisas judaicas, incluindo as tradições rabínicas em relação às Escrituras.

Teologicamente, essa atmosfera teimosa e amarga culminou na “igreja do estado alemão” e, mais tarde, na década de 1930, o “movimento cristão alemão” (um movimento racista e antissemita minoritário da “igreja” protestante alemã sob a liderança de Ludwig Müller). Esse movimento acompanhou a ascensão do movimento nazista e queria expurgar completamente a Bíblia de seus aspectos e referências judaicas, incluindo, incrivelmente, até mesmo o judaísmo de Jesus.

4.4. ESTUDO MODERNO

O estudo atual de escritos bíblicos está utilizando todos os [métodos de datação](#) disponíveis: estudo simples, peculiaridades linguísticas, paleografia, arqueologia, datação por carbono 14 e referências de trabalhos de outros.

Embora o pesquisador moderno ainda não esteja livre de suas próprias inclinações pessoais, o raivoso antissemitismo e a “infância arqueológica” da era anterior não são mais os problemas monumentais que uma vez foram.

Nos dias de Wellhausen, estudiosos conservadores nunca aceitaram a [Hipótese Documentária](#). Na última metade do vigésimo século, essa hipótese estava sendo evitada mesmo por muitos dos mais liberais estudiosos. O retorno atual às datas mais conservadoras e autorias tradicionais pode ser atribuído a várias coisas, de acordo com os estudiosos Gleason Archer e Oswald T. Allis [16]:

1. A premissa antissobrenatural na era anterior por certos estudiosos franceses e alemães implorava por conclusões antissobrenaturais. Essa premissa incluiu tendências contra revelação, profecia, e mesmo a crença em Deus.
2. A teoria de Wellhausen não era coerente a não ser que fosse aplicada de forma inconsistente. Se quaisquer passagens, por exemplo, exibissem mais de um estilo de acordo com as regras daqueles que suportavam a Hipótese Documentária, essas passagens eram reduzidas ao nível de textos contaminados por escribas posteriores. Portanto, nas palavras de Archer, “[...] o mesmo corpo de evidência que é invocado para provar a teoria é rejeitado quando conflita com a teoria” [17].
3. Estudiosos críticos da Bíblia têm se provado incorretos ao assumirem que qualquer autor singular não pode se referir ao Altíssimo por mais de um título, ou criar um documento com mais de um tema.
4. A rápida asserção para atribuir qualquer alegada discrepância para um autor posterior ou compilador tem se provado desnecessária, uma vez que agora há um melhor entendimento das culturas antigas e das práticas antigas graças à arqueologia moderna.
5. Estudiosos atuais possuem mais escritos hebreus antigos com os quais podem comparar as Escrituras – escritos que os estudiosos anteriores não tinham. Os estudiosos até a tardia época da Segunda Guerra

Mundial não conheciam muito do material disponível hoje, incluindo os [pergaminhos do Mar Morto](#): um dos maiores achados arqueológicos de todos os tempos.

4.5. DATAS PARA CADA LIVRO OU CARTA DA BÍBLIA

Como uma culminação do estudo moderno, a tabela a seguir lista cada livro e carta da Bíblia com a data aproximada, ou faixa de data, para a conclusão de cada obra bíblica. A tabela a seguir é principalmente uma compilação da pesquisa realizada pelos estudiosos anteriormente mencionados: **Gleason Archer, R. K. Harrison e F. F. Bruce**.

DATAS APROXIMADAS DE AUTORIA PARA O ANTIGO TESTAMENTO

Gênesis	1400-1200 a.C.	Cântico dos Cânticos	Por volta do meio dos anos 900 a.C.
Êxodo	1400-1200 a.C.	Isaías	630 a.C.
Levítico	1400-1200 a.C.	Jeremias	520 a.C.
Números	1400-1200 a.C.	Lamentações	Por volta dos anos 500 a.C.
Deuteronômio	1400-1200 a.C.	Ezequiel	Por volta do meio dos anos 500 a.C.
Josué	1300-1045 a.C.	Daniel	530 a.C.
Juízes	Por volta dos anos 900 a.C.	Oseias	753-722 a.C.
Rute	800-600 a.C.	Joel	Por volta dos anos 400 a.C.
1 e 2 Samuel	920-900 a.C.	Amós	760-745 a.C.
1 e 2 Reis	Por volta dos anos 500 a.C.	Obadias	450 a.C.
1 e 2 Crônicas	Por volta do início dos anos 400 a.C.	Jonas	Por volta dos anos 500 a.C.
Esdras	440-400 a.C.	Miqueias	Por volta dos anos 700 a.C.
Neemias	400 a.C.	Naum	663-612 a.C.
Ester	400-350 a.C.	Habacuque	605-598 a.C.
Jó	1200-800 a.C.	Sofonias	640-612 a.C.
Salmos *	1300-500 a.C.	Ageu	520 a.C.
Provérbios *	700-500 a.C.	Zacarias	Por volta do meio dos anos 400 a.C.
Eclesiastes	935 a.C.	Malaquias	432-425 a.C.

* Essas obras são compilações por diferentes autores em diferentes eras.

DATAS APROXIMADAS DE AUTORIA PARA O NOVO TESTAMENTO

Mateus	Por volta dos anos 50-60 d.C.	2 Tessalonicenses	48-62 d.C.
Marcos	Por volta dos anos 50-60 d.C.	1 Timóteo	62-63 d.C.
Lucas	Por volta dos anos 50-60 d.C.	2 Timóteo	67 d.C.
João	60-100 d.C.	Tito	63 d.C.
Atos dos Apóstolos	Por volta dos anos 50-60 d.C.	Filemom	60-61 d.C.
Romanos	50-57 d.C.	Hebreus	64-68 d.C.
1 Coríntios	50-57 d.C.	Tiago	Por volta do meio dos anos 40 d.C.
2 Coríntios	50-62 d.C.	1 Pedro	60-64 d.C.
Gálatas	48-62 d.C.	2 Pedro	64-66 d.C.
Efésios	48-62 d.C.	1, 2 e 3 João	60-95 d.C.
Filipenses	48-62 d.C.	Judas	66-80 d.C.
Colossenses	48-62 d.C.	Apocalipse	Por volta dos anos 60-90 d.C.
1 Tessalonicenses	50-57 d.C.		

A tabela acima é apresentada com o intuito de representar o consenso geral dos estudos de toda uma vida de muitos estudiosos eminentes. Portanto, não é o intuito da tabela representar qualquer ponto de vista de um estudioso singular.

Quanto ao Novo Testamento, estudiosos críticos alemães do final do século dezenove e do início do século vinte argumentaram que ele foi escrito por autores desconhecidos no segundo século. Mas nova evidência revela que seus livros foram todos escritos no primeiro século. O historiador Paul Johnson ressaltou:

A noção do final do século dezenove e do início do século vinte de que o Novo Testamento foi uma coleção de registros tardios e altamente imaginativos já não pode ser seriamente mantida. Ninguém duvida agora que as epístolas de Paulo ou que os registros cristãos mais antigos sejam autênticos, e ninguém mais os data [os escritos cristãos mais antigos] mais tarde do que os anos 50 d.C. [18].

O arqueólogo William Albright concluiu que todo o Novo Testamento foi escrito em “muito provavelmente em algum momento entre cerca de 50 d.C. e 75 d.C.” [19].

O estudioso de Cambridge John A. T. Robinson defende datas ainda mais antigas. Ele acredita que a maior parte do Novo Testamento foi escrita entre 40 e 65 d.C. [20]. Robinson baseia sua conclusão principalmente no fato de que **todos os livros do Novo Testamento são silenciosos sobre a destruição de Jerusalém. Tal evento-chave certamente teria sido mencionado por eles se tivesse ocorrido antes de os livros serem escritos.**

Evidência adicional para a datação mais antiga é que as mortes de Pedro e Paulo por volta de 64-68 d.C. não são mencionadas em nenhum livro. Há uma quantidade incrível de detalhes por escrito sobre suas vidas no Novo Testamento, mas por que não suas mortes? Em Atos 12, o apóstolo Tiago, irmão de João, foi morto por Herodes, e isso foi relatado. Judas, um dos doze apóstolos, se suicidou, e isso foi relatado. Por que não foi relatada a morte de dois personagens icônicos do cristianismo, como Pedro e Paulo? Isso convence muitos estudiosos de que suas mortes ainda não tinham ocorrido na época de escrita dos manuscritos originais.

Enfim, o consenso da maioria dos estudiosos hoje é que as cartas de Paulo começam no início dos anos 50 d.C., e os evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) foram escritos no início e meados da década de 60 d.C. Estimativas sobre outros livros variam de 40 a 100 d.C., mas o consenso é que **todos os escritos do Novo Testamento foram compostos no primeiro século.**

5. A BÍBLIA ESTÁ COMPLETA?

É bom usar luvas ao ler o Novo Testamento. A proximidade de tanta impureza quase obriga a fazer isso. (*Friedrich Nietzsche*).

Leia a própria Bíblia. Leia as declarações dos pregadores. E você vai entender que Deus é o personagem mais desesperado, o pior vilão de toda a ficção. (*E. Haldeman-Julius*).

Eu estimo os evangelhos como completamente genuínos, pois neles brilha o esplendor refletido de uma sublimidade procedente da pessoa de Jesus Cristo de um tipo tão divino que somente o divino poderia ter se manifestado na terra. (*Johann Wolfgang von Goethe*).

Examinamos a [lista dos livros bíblicos e as datas prováveis em que foram escritos](#). Passaremos agora a responder as seguintes questões:

- “Há mais algum livro?”
- “Pode haver mais algum livro na Bíblia?”

5.1. O ANTIGO TESTAMENTO

A destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C. pôs um fim no sistema sacrificial judaico. Naquela época, Yochanan ben Zakkai, com a permissão de Roma, remontou os líderes religiosos judeus do Sinédrio. No chamado Conselho de Jâmnia eles se reuniram para reconfirmar os livros do Antigo Testamento: livros que

permaneceriam como textos unificadores do povo judeu que estava disperso. **A coleção do Antigo Testamento permaneceu como é desde a sua coalescência entre 400 e 300 a.C. [21].**

Um total de trinta e nove livros compõe o Antigo Testamento. Em traduções usuais, o Antigo Testamento é classificado desta forma: Gênesis a Deuteronômio compreendem a **Torá**, também chamada de o **livro da lei**, ou **pentateuco**; Josué a Ester compreendem os **livros históricos**; Jó a Cântico dos Cânticos são os livros de **poesia e ética/sabedoria**; e Isaías a Malaquias são os livros dos **profetas**.

Josefo, historiador judeu do primeiro século, confirmou que **nenhum escrito hebraico foi adicionado após o tempo do rei persa Artaxerxes**. Josefo afirmou: “Porque a sucessão exata dos profetas cessou [...] ninguém ousou acrescentar nada a eles, ou tirar alguma coisa deles, ou alterar qualquer coisa neles” [22]. Após afirmar isso, Josefo então passou a listar esses livros, os quais correspondem com os do Antigo Testamento de hoje.

F. F. Bruce utilizou os escritos de Fílon de Alexandria também como uma confirmação do cânon do Antigo Testamento:

Fílon, o erudito judeu de Alexandria, nasceu cerca de dez anos antes de Cristo e faleceu cerca de dez anos depois de Cristo, parece ter conhecido e aceito o cânon hebraico. A Lei para ele é preeminentemente inspirada, mas ele também reconhece a autoridade dos outros livros do cânon hebraico (embora, como um alexandrino, ele usou apenas a versão grega). Ele não considera os livros apócrifos como tendo autoridade, e isso sugere que, embora esses livros estivessem em circulação entre os judeus, eles não estavam realmente enquadrados em uma categoria canônica pelos judeus de Alexandria [23].

Examinaremos os [livros apócrifos, deutero-canônicos, pseudepígrafos e não canônicos](#) mais adiante neste estágio do estudo (integridade).

5.2. O NOVO TESTAMENTO

Enquanto o Antigo Testamento foi o texto principal usado pelos judeus que estavam aguardando pela vinda do Messias (ou Cristo), o Novo Testamento é uma coleção de escritos por aqueles que acreditaram que Jesus era aquele Messias – o Messias prometido pelas profecias do Antigo Testamento. Depois de sua crucificação, os apóstolos de Jesus, seus discípulos mais próximos, cumpriram o mandamento de Jesus de expandir o grupo de judeus e gentios (não judeus) convertidos a ele – os **cristãos** – e cuidar desse grupo. A esse grupo Jesus chamou, coletivamente, sua Igreja. Mas os cristãos, como os judeus, foram descentralizados depois da queda de Jerusalém em 70 d.C.

A descentralização ocasionou aos apóstolos a realização de muitas viagens. Eles também escreveram cartas às igrejas locais espalhadas, passando a elas os ensinamentos que Cristo os comissionou a compartilhar. As cartas aplicaram os ensinamentos de Cristo para várias situações entre as igrejas. Os apóstolos alegaram autoridade baseados sobre:

- **Discipulado vindo de Cristo;**
- **Apelos para as testemunhas oculares que corroboravam com os ensinamentos e milagres;**
- **A consistência deles com o cumprimento do Antigo Testamento por Cristo;**
- **Os milagres que Deus operou por meio deles.**

As igrejas primitivas receberam as cartas dos apóstolos como autoridade e as retiveram para propósitos de ensino. F. F. Bruce ofereceu mais informações a respeito da autoridade dos apóstolos:

Jesus, na véspera de sua crucificação, prometeu a seus discípulos o envio do Espírito Santo a eles, a outra pessoa divina de quem ele disse, entre outras coisas: “Mas o Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que eu lhes disse” [João 14:26, “Nova Versão Internacional”]; “Mas quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade. Não falará de si mesmo; falará apenas o que ouvir, e lhes anunciará o que está por vir” [João 16:13, “Nova Versão Internacional”] [24].

5.3. DEPOIS DOS APÓSTOLOS

A necessidade de coletar as cartas dos apóstolos crescia conforme eles morriam e a Igreja se expandia. Existe evidência na correspondência à igreja coríntia pelo líder romano da igreja, Clemente, no ano 96 d.C., na qual ele sabia da carta que Paulo tinha escrito à igreja romana, bem como de, pelo menos, uma carta aos coríntios [25]. Mas as igrejas cristãs, não tendo compartilhado um lar geográfico comum exceto por um curto período, não tinham uma coleção singular de todos os escritos dos apóstolos. Um conjunto formalizado era desejado para prover às igrejas os ensinamentos completos que Deus tinha falado aos apóstolos. Um conjunto formal dos escritos inspirados dos apóstolos iria também servir para desencorajar quaisquer outros escritos de serem introduzidos nas igrejas como iguais em autoridade.

Dentro do primeiro século, os quatro evangelhos vieram juntos em um grupo. A reunião das cartas de Paulo e dos outros seguiram a isso. Em 180 d.C., Irineu, bispo de Lião, confirmou uma coleção de todas exceto sete das vinte e sete cartas de hoje [26]. Os antigos “pais da igreja” Eusébio, Policarpo, Agostinho e Orígenes contribuíram para a confirmação do cânon resultante do Novo Testamento de hoje. As cartas do Novo Testamento, **embora tivessem sido sempre aceitas como inspiradas**, foram finalmente declaradas “oficiais” no Sínodo de Hipona, em 393 d.C.

Os vinte e sete escritos do Novo Testamento são categorizados como se segue:

- Mateus a Atos dos Apóstolos compreendem as **narrativas** (dos quais todos, exceto Atos dos Apóstolos, são os **evangelhos**);
- Romanos a Judas compreendem as **cartas** ou **epístolas** (embora seja mais adequado se referir a Hebreus como livro);
- Apocalipse é o livro de **profecia**.

A autenticidade dos documentos do Novo Testamento, assim como a autenticidade dos documentos do Antigo Testamento, tem sido confirmada por estudo diligente, até mesmo no século recente. O testemunho fornecido por vastas quantias de escritos antigos, descobertos desde o século dezenove, é evidente, como Bruce observou:

Não há corpo de literatura antiga no mundo que aproveite tamanha riqueza de boa atestação textual como o Novo Testamento. A evidência para o texto original do Novo Testamento é fornecida principalmente por: (1) antigos manuscritos do Novo Testamento em sua língua original (grego); (2) traduções antigas de “versões” do Novo Testamento em outras linguagens, cuja leitura permite enxergar o grego por trás delas; (3) citações do Novo Testamento nas obras de autores antigos (principalmente grego, latim e siríaco, mas também coptas e armênios); (4) lecionários, tanto em grego como em outras línguas mencionadas, nas quais passagens das Escrituras foram dispostas para leitura sistemática nos serviços da igreja [27].

5.4. A BÍBLIA ESTÁ ABERTA A INCLUSÕES FUTURAS?

Jesus repetidamente endossou e frequentemente citou o Antigo Testamento de sua época sem qualquer indicação de que ele estava falho ou tinha algo faltando. Aquele era o mesmo Antigo Testamento que temos atualmente.

O acordo da igreja primitiva sobre ter recebido a revelação completa de Deus é bastante claro: nenhum livro apostólico permanece para ser produzido. **O Novo Testamento se encerrou com a morte dos apóstolos de Cristo. A Bíblia estava completa no primeiro século.**

Outro indicativo da completeza do cânon conhecido, especialmente para o Novo Testamento, é o puro volume de antigas cópias conhecidas. Se tivéssemos apenas três ou quatro cópias, por exemplo, poderia haver questionamentos, como se em nossas poucas coleções estaria faltando uma carta maior ou não. Note que o mundo tem 643 cópias da *Ilíada* de Homero [28]. Embora nenhuma das cópias da *Ilíada* esteja mais próxima do autógrafo original do que 500 anos, sugere-se que esse volume de cópias (643 no mundo todo) fornece aos leitores de hoje confiabilidade em relação à completeza e à tradução da obra.

Já o número de cópias e porções antigas do Novo Testamento excedem o número de **24.000**, e não “apenas” 643, como a *Ilíada*. A mais antiga cópia do Novo Testamento está, talvez, a apenas 25 anos do autógrafo original, e não 500 anos como no caso da *Ilíada* [29]. **Se a *Ilíada* de hoje é considerada confiável por ter 643 cópias em todo o mundo e por estar 500 anos distante dos autógrafos originais, o que dizer do Novo Testamento, cujos números são tremendamente melhores?**

Portanto, a possibilidade de que uma inclusão vital possa ter sido perdida, esquecida, ou destruída, entre mais de 24.000 manuscritos, é virtualmente zero – pequena demais para ameaçar a confiança na completeza do cânon existente.

5.5. E QUANTO À EXISTÊNCIA DE LIVROS SECRETOS?

Mas o que podemos dizer em relação à existência de [livros secretos](#) ou [textos “bíblicos” subsequentes](#) como alegados por várias pessoas e religiões?

Invariavelmente, todas as “descobertas e revelações secretas” têm se provado até agora como inconsistentes com a Palavra de Deus confirmada. O “[Evangelho de Tomé](#)” é um exemplo disso. Tal documento, produzido não antes de 175 d.C. (na melhor das hipóteses), uns 72 anos depois que o último apóstolo morreu (considerando a melhor das hipóteses), não pode vir junto ao cânon, contradizendo o testemunho uniforme de todos os 66 livros da Bíblia, e alegar ser o livro número 67. Você pode estar certo de que nenhum escrito como tal foi “erroneamente posto de lado” quanto às inclusões no cânon.

Note que os profetas e apóstolos alegaram autoridade pelos seus ensinamentos orais e escritos, pelos milagres que eles foram aptos a operar e pelas profecias que foram concedidos a revelar. Lembre-se que foram os [escritos deles que foram reconhecidos como sendo inspirados por Deus e que foram coletados na Bíblia](#) – não foram coletados apenas quaisquer pensamentos agradáveis ou ideias inovadoras que alguma pessoa tinha a oferecer.

Além disso, boa parte do que se chama de “literatura culta” sempre alega substituir a Bíblia e procura estabelecer a sua própria organização privada como sendo a “verdadeira avenida da vida adequada”. **Em antecipação a tais alegações falsas, os autores bíblicos incluíram critérios pelos quais julgar todos os escritos, até mesmo os seus próprios.** Paulo confrontou as igrejas da Galácia da seguinte maneira:

Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho que, na realidade, não é o evangelho. O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo perverter o evangelho de Cristo. **Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado! Como já dissemos, agora repito: se alguém lhes anuncia um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado!** Acaso busco eu agora a aprovação dos homens ou a de Deus? Ou estou tentando agradar a homens? Se eu ainda estivesse procurando agradar a homens, não seria servo de Cristo. **Irmãos, quero que saibam que o evangelho por mim anunciado não é de origem humana. Não o recebi de pessoa alguma nem me foi ele ensinado; ao contrário, eu o recebi de Jesus Cristo por revelação.** (*Gálatas 1:6-12, “Nova Versão Internacional”*).

Paulo, claramente, não foi o primeiro autor a proteger a revelação que Deus deu à humanidade. **O próprio primeiro autor da Bíblia, Moisés, incluiu um dos alertas iniciais contra alteração das comunicações divinas:**

Nada acrescentem às palavras que eu lhes ordeno e delas nada retirem, mas obedçam aos mandamentos do SENHOR, o seu Deus, que eu lhes ordeno. (*Deuteronômio 4:2, “Nova Versão Internacional”*).

Eu lhes ensinei decretos e leis, como me ordenou o SENHOR, o meu Deus, para que sejam cumpridos na terra na qual vocês estão entrando para dela tomar posse. (*Deuteronômio 4:5, “Nova Versão Internacional”*).

Assim como o primeiro autor nos deu o alerta, o último autor, João, similarmente compartilhou a proibição de Deus contra inclusões e subtrações do livro que ele escreveu, o livro de profecia Apocalipse:

Declaro a todos os que ouvem as palavras da profecia deste livro: se alguém lhe acrescentar algo, Deus lhe acrescentará as pragas descritas neste livro. Se alguém tirar alguma palavra deste livro de profecia, Deus

tirá-lo de sua parte na árvore da vida e na cidade santa, que são descritas neste livro. (*Apocalipse 22:18-19*, “Nova Versão Internacional”).

É evidente que o Antigo Testamento tem permanecido intacto e sem inclusões estranhas desde centenas de anos antes de Cristo. O Novo Testamento tem permanecido completo por mais de 1.900 anos.

No entanto, assim como a virada de século anterior viu uma onda de novas religiões promovendo “evangelhos perdidos” e as suas próprias “revelações”, assim pode acontecer com a próxima virada de século. Podendo ou não isso acontecer, de uma coisa podemos ter certeza: **nós hoje possuímos a completa e inalterada Palavra de Deus.**

6. COMO OS MANUSCRITOS FORAM PASSADOS AO LONGO DAS ERAS?

Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. Amarre-as como um sinal nos braços e prenda-as na testa. Escreva-as nos batentes das portas de sua casa e em seus portões. (*Deuteronômio 6:6-9*, “Nova Versão Internacional”).

[Darwin] não apenas declarou, mas demonstrou, que o escritor inspirado não sabia nada deste mundo [...]; que a Bíblia é um livro escrito pela ignorância – por instigação do medo. (*Robert G. Ingersoll*).

Tendo sido estabelecido um conjunto finito de escritos como sendo “a Bíblia”, agora precisamos saber se um processo confiável existiu, e se foi utilizado, para transmitir com exatidão os conteúdos dos escritos da geração original para as gerações subsequentes.

6.1. OS ESCRITOS BÍBLICOS FORAM PRECEDIDOS POR SÉCULOS DE TRANSMISSÃO ORAL?

Os documentos bíblicos originais (autógrafos), os quais foram iniciados tão antigamente como o início do segundo milênio antes de Cristo, não existem mais. Tudo que temos hoje são cópias: cópias de cópias. Para o leitor alerta, isso deveria levantar duas bandeiras vermelhas. As duas questões que deveriam imediatamente vir à mente são:

1. Por qual processo esses documentos foram copiados?

2. Quão bem-sucedido foi esse processo?

Examinemos agora o processo de cópia das Escrituras e, depois, a efetividade desse processo.

As Escrituras do Antigo Testamento e do Novo Testamento não foram os únicos registros que foram copiados em tempos antigos com o intuito de preservar a fidelidade dos autógrafos originais. Civilizações vizinhas prosseguiram seus próprios programas de duplicação cuidadosa, como R. K. Harrison registrou:

O fato de que estudiosos agora possuem materiais, em primeira mão, datáveis, contemporâneos e comparativos para exercerem controle objetivo sobre as formas da literatura do Antigo Testamento, bem como sobre as diferentes variedades de crítica literária, tem tornado possível uma inspeção mais próxima dos métodos de registro e transmissão empregados pelos escribas da antiguidade do Oriente Próximo. Em ambos Mesopotâmia e Egito, **escribas foram educados a um alto grau de proficiência literária, e foram renomados pela sua exatidão consistente em copiar e registrar.** Um papiro religioso egípcio de cerca de 1400 a.C. realizou uma certificação para o efeito de que os escribas se referiam ao livro, em sua existente forma escrita, como completo do começo ao fim, sendo ele **copiado, revisado, comparado e verificado sinal por sinal.** Se esse foi o caso na Mesopotâmia e no Egito, não há impedimento para a suposição de que os hebreus fossem menos cuidadosos ou exatos na questão de seus próprios escritos sagrados [30].

Assim, constatamos que a escrita não só existia no momento em que os primeiros livros da Bíblia estavam sendo escritos, mas já existia em um grau tão elevado que um método formalizado de preservação de escritos já era efetuado. Portanto, a alegação de que os escritos bíblicos foram precedidos por séculos de transmissão oral, ou que evoluíram a partir de séculos de transmissão oral, é uma acusação sem fundamento.

A tradição firme do período mosaico, bem como de outros povos antigos além dos hebreus, era que quaisquer eventos de importância eram geralmente registrados em forma escrita muito brevemente após terem ocorrido [31].

Alguns dos mais antigos escritos semitas (os israelitas tinham origem semita) são encontrados nas minas de turquesa de Serabit el-Khadim. Mineiros semitas empregados pelo Egito trabalhavam nelas. Descobertos em 1904, acredita-se que esses escritos não tenham sido redigidos mais recentemente do que 1500 a.C. [32].

Tais escritos não apenas são anteriores à estimativa mais atual para os escritos de Moisés, mas sugerem que a escrita era uma capacidade da classe trabalhadora e, possivelmente, até mesmo da classe de escravos.

6.2. QUAL FOI O PROCESSO ANTIGO PARA DUPLICAR DOCUMENTOS?

Da época do primeiro escrito até a invenção da imprensa no século quinze, todo escrito a ser copiado era copiado à mão. No antigo Israel, as cópias das Escrituras eram ativamente usadas para o ensino, leitura e estudo e, como consequência, eram sujeitas ao desgaste. Quando cada cópia honrada alcançava certa idade, era requerida a ser cerimonialmente enterrada. Assim, é altamente improvável que qualquer uma dessas velhas cópias ou documentos originais sejam encontrados. Não era o documento físico que era objeto de reverência e preservação, mas a mensagem contida nele.

Os escribas especiais que copiaram a mensagem para fins de culto e de estudo o fizeram como um modo de vida. Eles tiveram que aderir a regras rígidas. Orientações que os soferins (escribas judeus zelosos que fizeram o trabalho de crítica textual de 400 a.C. até 950 d.C.) usaram e, mais tarde, os talmudistas, ilustram perfeitamente o cuidado que um povo tomava a respeito da escrita que acreditava plenamente ter sido diretamente inspirada por Deus:

Um rolo de sinagoga deve ser escrito em peles de animais limpos e preparado para o uso particular da sinagoga por um judeu. Esses rolos devem ser presos juntos com cordas retiradas de animais limpos. Toda a pele deve conter certo número de colunas, igual ao longo de todo o códice. O comprimento de cada coluna não deve se estender por menos de 48 ou por mais de 60 linhas; e a largura deve consistir de 30 letras. Toda a cópia deve ser primeiramente alinhada; e se três palavras forem escritas desalinhadas, o rolo é inútil.

A tinta deve ser preta, não vermelha, verde, nem de qualquer outra cor, e ser preparada de acordo com uma receita definida. Uma cópia autêntica deve ser o exemplar a partir do qual o transcritor não deve desviar ao mínimo. Nenhuma palavra ou letra, nem mesmo um *yod* [a décima e menor letra do alfabeto hebraico], deve ser escrita de memória, como no caso de o escriba não ter olhado para o códice diante dele [...]. Entre cada consoante deve intervir o espaço de um cabelo ou fio; entre cada novo *parashah* [formalmente, uma seção de um livro bíblico], a largura de nove consoantes; entre cada livro, três linhas. O quinto livro de Moisés deve terminar exatamente com uma linha; mas o resto não precisa ser assim. Além disso, o copista deve sentar-se usando vestimenta judaica completa, lavar todo o seu corpo, e não começar a escrever o nome de Deus com uma pena recém-mergulhada em tinta, e mesmo se um rei se dirigir a ele enquanto escreve esse nome, ele não deve notá-lo [33].

Depois, copistas massoretas (escribas judeus que se dedicaram a preservar e cuidar das Escrituras que atualmente constituem o Antigo Testamento, “substituindo” os soferins por volta do ano 500 d.C. até ao ano 1000 d.C.), adicionaram maiores salvaguardas como garantia contra enganos:

Eles contaram os versos, palavras e letras de cada livro. Eles calcularam a palavra do meio e a letra do meio de cada um. Eles enumeraram versos que continham todas as letras do alfabeto, ou certo número deles; e assim por diante. Essas trivialidades, como podemos corretamente as considerar, tinham ainda o efeito de garantir atenção minuciosa à transmissão exata do texto [34].

O maior trabalho dos escribas era transcrever o *masorah*, que eram notas marginais e notas finais sobre o texto em si, apontando os pontos problemáticos para copistas, quantas vezes uma palavra é usada, e listas, como as de concordância. Passar o texto do Antigo Testamento adiante se tornou um modo de vida para esses homens [35].

Embora esses cuidados incriveis tenham sido tomados para reproduzir os documentos bíblicos, alguns erros de copistas ainda podem ser encontrados entre as milhares de cópias existentes. Felizmente, **o volume dessas**

cópias iniciais que está disponível para referência cruzada e para comparação torna a questão desses erros inconsequente.

A intenção dos autores originais ainda chega até nós por meio dos antigos manuscritos. Não é muito diferente do que ouvir um velho disco de vinil. Paraphrasing o falecido Dr. Walter Martin, “Há arranhões aqui e ali, mas para aqueles que quiserem ouvir, ainda pode ser ouvida a voz do Mestre.”

6.3. A TRANSMISSÃO DAS TRADIÇÕES ORAIS [36]

O registro de textos bíblicos dependeu de uma tradição oral. Os autores bíblicos, antes de escreverem, transmitiram oralmente suas experiências com Jesus Cristo e consultaram outras testemunhas oculares. Muitos sugerem que, antes de serem redigidas as Escrituras do Novo Testamento, pequenos documentos foram escritos para registrar a tradição oral.

O questionamento em relação às bases orais do cristianismo está fundamentado no preconceito moderno sobre a falível arte de “contar histórias e aumentá-las”. No entanto, observa-se o passado segundo as singularidades do presente: o cuidado que os antigos, principalmente os judeus, tiveram com a transmissão oral de suas experiências, em especial em relação às experiências religiosas, uma vez que **eles nutriram um respeito muitíssimo grande por Deus, temendo deturpar os fatos**. Isso impossibilitou aquilo que alguns céticos chamam de “brincar de telefone sem fio”, ou seja, quando uma história vai se deturpando enquanto se espalha verbalmente.

6.3.1. A REDAÇÃO DO TEXTO OCORREU NÃO MUITO TEMPO APÓS OS EVENTOS

Alguns céticos alegam que os documentos do Novo Testamento foram escritos da metade do segundo século em diante, o que daria tempo para que a transmissão oral se deturpar e alterar significativamente os eventos originais, até mesmo mergulhando-os em mitologia. No entanto, as evidências mais fortes indicam que **todo o Novo Testamento foi escrito até o final do primeiro século, situando-se entre, aproximadamente, vinte e sessenta anos após a morte e ressurreição de Jesus**. Além disso, **os escritos da década de 50 d.C., vinte anos após a ascensão de Cristo, não contradizem os escritos redigidos posteriormente**. Isso é suficiente para sustentar o que se sabe sobre Cristo.

Ao considerarmos a redação do Novo Testamento no tempo de vida das testemunhas oculares, é altamente improvável que houvesse tempo para a tradição oral transformar a história em mito. Vejamos alguns exemplos:

1. Papias, bispo de Hierápolis, na Frígia, falecido em 130 d.C., falou a respeito da confecção dos evangelhos de Mateus, João e Marcos.
2. Há uma significativa porção do evangelho de João que foi datada de cerca de 125 d.C. (o Papiro P52). É importante considerar que a existência do evangelho original em circulação é de, no máximo, 100 d.C. [37].
3. Há cerca de 10 a 15 manuscritos relacionados ao Novo Testamento datados de, no máximo, 100 anos após sua conclusão [38].
4. Existem cerca de 75 fragmentos de papiro datados desde 135 d.C. até o século 8 d.C. contendo partes de 25 dos 27 livros do Novo Testamento, totalizando cerca de 40% do texto [39].
5. A epístola de Clemente aos coríntios (95 d.C.) cita os evangelhos e os livros de Atos dos Apóstolos, Romanos, 1 Coríntios, Efésios, Tito, Hebreus e 1 Pedro. As cartas de Inácio (115 d.C.) citam o evangelho de Mateus, João, Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, 1 e 2 Timóteo e Tito [40].
6. Epístolas de Clemente, Inácio e Policarpo, datadas de aproximadamente 95 a 110 (ou 115) d.C., citam 25 dos 27 livros do Novo Testamento. Apenas as cartas de Judas e 2 João não foram citadas, porém muito provavelmente já haviam sido escritas, uma vez que, provavelmente, Judas era familiar de Jesus, e a carta de 3 João foi escrita após 2 João [41].

7. Segundo Amy Orr-Ewing, com os manuscritos datados de 180-225 d.C., como o papiro Chester Beatty e os papiros Bodmer II, XIV e XV, é possível reconstruir de forma completa os evangelhos de Lucas e João, os livros de Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, Hebreus, parte dos evangelhos de Mateus e Marcos, e parte dos livros de Atos dos Apóstolos e Apocalipse [42].
8. Há fortes evidências para a redação de muitos dos escritos do Novo Testamento entre as décadas de 40 e 50 d.C. com uso de fontes da década de 30 d.C. Análises cuidadosas da epístola de Tiago apontam, com categoria, para uma redação feita, no máximo, no ano 46 d.C. Algumas das mais sérias análises da epístola de Paulo aos Gálatas sugerem sua redação por volta do ano 48 d.C. [43].
9. Paulo escreveu 1 Coríntios por volta de 55 a 56 d.C., mas ele transferiu para a carta um credo cristão da década de 30 d.C. de alguns anos após a ressurreição de Cristo. A passagem em 1 Coríntios 15:3-8 é declarada como a transmissão de um conhecimento que Paulo recebeu sobre a ressurreição de Jesus, o qual teria sido formulado entre 18 meses e 8 anos após o evento. Um testemunho tão antigo da ressurreição de Cristo é, também, um testemunho sobre a sua divindade.
10. Tanto Filipenses 2:5-11 quanto Colossenses 1:15-20 se assemelham a antigos hinos da igreja primitiva, os quais teriam sido aprendidos por Paulo quando esteve em Jerusalém na década de 30 d.C. O prólogo de João 1:1-5 também soa como um antigo hino sobre a divindade de Cristo. Há cerca de 41 trechos do Novo Testamento que se parecem com credos formulados desde os primeiros anos da era cristã [44].
11. William F. Albright, famoso arqueólogo bíblico, certa vez declarou: “Nós já podemos dizer enfaticamente que não existe mais nenhuma base sólida para que qualquer livro do Novo Testamento seja datado após 80 d.C., duas completas gerações anteriores à época de 130 e 150 d.C., defendida pelos mais radicais críticos do Novo Testamento.” Ele também afirmou que a época definitiva para a redação do Novo Testamento se situa “provavelmente em algum período entre 50 e 75 d.C.”
12. Um grande crítico do Novo Testamento, o qual outrora defendia a ideia de que o Novo Testamento foi escrito muito depois dos eventos, mudou de posicionamento quando, por diversão, decidiu investigar os argumentos em favor de uma datação antiga para as Escrituras. Feita a investigação, o Dr. John A. T. Robinson do Trinity College em Cambridge teve que reconhecer, por exemplo, que o primeiro esboço de Mateus foi redigido ainda na década de 40 d.C.
13. O período entre os eventos e a redação do Novo Testamento é pequeno demais para permitir qualquer corrupção significativa do seu núcleo essencial, e até mesmo do teor específico das declarações de Jesus. Howard Vos declarou: “Do ponto de vista da evidência literária, a única conclusão lógica é que a hipótese para a confiabilidade do Novo Testamento é infinitamente mais forte do que para qualquer outro registro da antiguidade” [45].

6.3.2. A TRADIÇÃO ORAL DO NOVO TESTAMENTO É CONFIÁVEL

Já demonstramos que o conteúdo apresentado no Novo Testamento é confiável, uma vez que **foi escrito pouco tempo depois dos eventos, especialmente quando comparado a outras obras da antiguidade consideradas confiáveis, como a Ilíada**. Em outras palavras, deturpações míticas são altamente improváveis.

No entanto, é um ponto válido desconfiar que os anos entre a morte de Cristo e os primeiros esboços do Novo Testamento, dominados pela tradição oral, tenham perpetuado alguma distorção, mesmo em menores níveis. Para entendermos essa questão, examinemos as seguintes considerações [46]:

1. Os antigos judeus eram treinados para memorizar palavras.
2. Variações dos sermões em ocasiões diferentes.
3. A transmissão oral dos eventos não é como “brincar de telefone sem fio”.

4. Os discípulos tinham um caráter aprovado.
5. A harmonia entre os relatos.
6. Os discípulos não teriam interesse em deturpar os registros.
7. Os discípulos não pouparam detalhes incômodos.
8. Os relatos são corroborados por evidências externas.

Os antigos judeus eram treinados para memorizarem palavras. A respeito da redação do Novo Testamento, Christiane Rancé declarou que “era conveniente fixar as informações pertencentes a uma tradição oral transmitida com rigor”. Sobre as epístolas de Paulo, ela utilizou um argumento cabível a todos os documentos do Novo Testamento:

Os escritos de Paulo se dirigiam a seus contemporâneos. Eram lidos para um público que conhecia a vida de Jesus, de modo que não era necessário lembrar todos os acontecimentos. E, quando essa lembrança às vezes ocorre, tem a intenção de refrescar a memória de comunidades cristãs afastadas, ou elucidar algum ponto litúrgico. Essas alusões atestam, de fato, a existência de um fundo de conhecimentos comuns e forte tradição oral que se repetia de uma comunidade cristã a outra, de maneira extremamente rápida [47].

Os judeus eram o “povo do livro” em uma terra e período onde livros eram raros. Considerando a importância das Escrituras para eles, assim como o acesso limitado a elas, eles se especializaram em memorizar longas passagens, livros inteiros, ou até mesmo todo o Antigo Testamento. O incentivo à alfabetização dos meninos judeus, objetivando a leitura das Escrituras, fez com que judeus tivessem um índice de analfabetismo bem menor do que a média no Império Romano – eles liam, geralmente em voz alta, procurando guardar as passagens na memória.

Segundo o estudioso Craig Blomberg, a educação, o aprendizado e o ensino nas comunidades religiosas eram ministrados oralmente, sendo que era possível encontrar quem conseguisse decorar todo o Antigo Testamento. Tendo em vista esse tipo de cultura, é bem provável que os discípulos tivessem conseguido memorizar longos discursos de Cristo com boa exatidão. Meninos galileus dos dias de Jesus iniciavam seus estudos da Torá com 6 anos de idade e, ao completarem 10, já tinham a Torá decorada. A questão torna-se ainda mais provável ao se considerar que boa parte das palavras de Jesus foram originalmente proferidas em forma poética – com métrica, versos harmônicos e paralelismos – facilitando a memorização. Aliás, vários textos do Antigo Testamento se apresentam originalmente dessa forma. O Salmo 119, por exemplo, o “capítulo” mais longo da Bíblia, foi escrito em forma de poema no estilo acróstico: ele possui vinte e duas estrofes, cada uma iniciando com uma consoante do alfabeto hebraico. É bem possível que esses arranjos literários fossem utilizados para facilitar a memorização. Além disso, é certo que Cristo repetiu diversas vezes as suas máximas e alguns de seus discursos.

Daniel-Rops, escritor e historiador francês, afirmou que precisamos nos libertar de nossas percepções modernas para entender o funcionamento da transmissão oral no mundo antigo, uma vez que nossas mentes se enfraqueceram pela completa dependência do papel e da escrita, o que “não ocorre entre muitos povos orientais que exigem muito mais da memória; também era assim no tempo de Cristo. Aprender a decorar e recitar eram duas operações normais para a transmissão de um texto. Os grandes escritores de Israel [...] eram literalmente grandes oradores [...] a Mixná, a parte mais essencial do Talmude, foi escrita somente depois de séculos de transmissão oral. ‘Um bom discípulo’, diziam os rabinos, ‘é como uma cisterna bem construída: ele não deixa escapar nem uma gota de água do ensino de seu mestre.’ Temos que imaginar a primeira instrução do evangelho do mesmo modo: aquilo que os apóstolos acumulavam de memória, eles ensinavam infalivelmente aos seus próprios discípulos que, por sua vez, o repetiam em seus corações.”

Variações dos sermões em ocasiões diferentes. Jesus, certamente, repetiu alguns de seus discursos e máximas conforme mudava o público. Isso ajuda a compreender os motivos que levaram os evangelhos a situarem determinados sermões em ocasiões diferentes. Segundo Craig Blomberg, as culturas orais tinham o costume de introduzir variações em partes da história conforme a ocasião, incluindo detalhes, parafrazeando ou explicando. Cerca de 30 a 40% de toda a “tradição sagrada” transmitida oralmente no antigo Oriente Médio apresenta variações de uma ocasião para a outra, mas há pontos que nunca são alterados, havendo a possibilidade de a

comunidade intervir para corrigir o narrador caso ele reproduzisse aspectos importantes do relato de forma errônea. Essa é, praticamente, a variação de relato encontrada entre os evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas): de 10 a 40%. Muitos discípulos e outras testemunhas memorizaram o que Jesus disse e fez, mas sentiam-se à vontade para relatar suas lembranças de diferentes maneiras, atentando para a preservação da essência dos ensinamentos e dos atos originais do mestre.

A transmissão oral dos eventos não é como “brincar de telefone sem fio”. Há alguns que alegam que a tradição oral deturpou a verdade dos fatos sobre Cristo de maneira análoga à “brincadeira do telefone sem fio”: uma pessoa sussurra uma frase que ouviu no ouvido de outra pessoa, que sussurra o que ouviu no ouvido de outra pessoa, e assim por diante, até que, no final, nada do que foi dito inicialmente foi preservado. No entanto, há muitas diferenças entre uma brincadeira em que a graça está em forçar o erro e a ocasião da transmissão das informações bíblicas.

Ao invés de sussurrarem nos ouvidos uns dos outros as mensagens e eventos da vida de Cristo, os cristãos do primeiro século repetiam em alto e bom som o que ouviram dos outros, recorrendo às fontes para conferir se aquilo que receberam era confiável. Se as declarações não fossem fidedignas, estavam sujeitas a serem corrigidas. A comunidade local estaria monitorando constantemente a reprodução da mensagem e sempre disposta a intervir em caso de distorção. É importante ressaltar que, entre a transmissão oral e a redação das Escrituras, havia ainda as testemunhas oculares dos fatos para corroborarem com a verdade e desconsiderarem boatos e mentiras.

Os discípulos tinham um caráter aprovado. Além de considerarmos a improbabilidade de que distorções significativas tenham ocorrido entre a transmissão e o registro dos eventos bíblicos em termos de capacidade e tempo, é necessário verificar se os discípulos estariam dispostos a mentir. Ao considerarmos o caráter deles, essa possibilidade pode ser desconsiderada: a disposição deles em seguir Cristo, cujas exigências morais são elevadíssimas, já demonstra uma conduta moralmente coerente. Além disso, apóstolos como Pedro e Paulo foram mortos por causa da mensagem de Jesus. Há mártires que foram terrivelmente torturados e mortos por causa dessa mensagem. Discípulos viveram uma vida toda de abnegação e perseguições pelo testemunho de Jesus. Será que eles aceitariam sofrer tanto, e morrer, para perpetuar uma mentira? Claro que não. Abordamos isso no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

A harmonia entre os relatos. Ao contrário do que muitos podem imaginar, as “pequenas divergências” existentes entre os evangelhos são argumentos que favorecem a veracidade deles. Isso significa que pessoas diferentes, baseadas em memórias singulares, escrevendo em datas e circunstâncias diferentes, conseguiram concordar em quase tudo: não há contradições doutrinárias e nenhuma divergência cronológica e histórica relevante. Na verdade, considerando os padrões da época, os evangelhos são muito harmoniosos entre si. As variações existentes são, em sua maioria, paráfrases, omissões ou seleções de fatos, e abreviações ou acréscimos explicativos, os quais não alteram o significado.

Daniel-Rops afirmou: “Irineu falou com muita exatidão do evangelho tetramórfico, isto é, o evangelho existente sob quatro formas. E, a partir da metade do segundo século, com Clemente de Alexandria e o cânon muratoriano, era a prática – e a única prática correta – dizer: ‘o evangelho segundo São Mateus’, ‘segundo São Marcos’, ‘segundo São Lucas’, ‘segundo São João’, deixando claro que aqui existe um corpo de verdade, substancialmente um e único, comunicado aos homens em diferentes formas.”

Para Hans Stier da escola historiográfica clássica, a harmonia em dados básicos e a divergência nos detalhes são sinal de credibilidade, uma vez que narrativas fabricadas costumam ser integralmente consistentes e harmoniosas.

Os discípulos não teriam interesse em deturpar os registros. É verdade que os discípulos amavam a Jesus e, portanto, poderiam não ser absolutamente imparciais em seus relatos. No entanto, segundo o estudioso Craig Blomberg, as pessoas “são capazes de honrar e respeitar alguém a tal ponto que se sintam impelidas a registrar sua vida com a maior integridade possível”. Isso seria uma demonstração de amor pelo indivíduo sobre quem se escreve. Como a configuração atual dos evangelhos poderia ser fruto de manipulação da parte dos apóstolos? A única coisa que eles ganharam com essa história foi pobreza, críticas e martírio – eles foram pressionados a negar Cristo e, humanamente falando, a negação de Cristo teria sido mais benéfica se eles realmente fossem interesseiros.

Não é o caso dos apóstolos: eles não eram nem mentirosos e nem interesseiros. Abordamos isso no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Os discípulos não pouparam detalhes incômodos. Geralmente, as pessoas procuram proteger a si mesmas e aos outros quando relatam algum evento, poupando os ouvintes de detalhes embaraçosos. Nem mesmo isso os discípulos fizeram – há registros bastante desconfortáveis para eles mesmos em seus textos. Como exemplos, podemos citar: as palavras duras de Cristo e seus ensinamentos excessivamente éticos dirigidos aos discípulos e seguidores; o fato de que Cristo não pôde realizar milagres em Nazaré; o texto no qual Jesus afirma “não saber o dia e nem a hora” de seu retorno; a falta de fé e a tripla negação de Pedro; o aparente abandono de Jesus na cruz; o evidente fato de que os discípulos frequentemente não entendiam bem o que Jesus dizia; o momento no qual Tiago e João pediram para Cristo os melhores lugares no seu reino.

Os relatos são corroborados por evidências externas. A arqueologia tem desenterrado muitos objetos e localidades do mundo do Novo Testamento. Seguem algumas curiosidades sobre a arqueologia bíblica:

- Há algumas décadas foram catalogados mais de 25.000 sítios do mundo bíblico confirmados por achados arqueológicos;
- A obra de 17 volumes “Arqueologia, a Bíblia e Cristo” do Dr. Clifford Wilson, ex-diretor do Instituto Australiano de Arqueologia de Melbourne, traz mais de 5.000 fatos relacionados à arqueologia bíblica;
- A respeito da arqueologia e o Novo Testamento, Norman Geisler e Ron Brooks observaram que “a evidência para a sua confiabilidade histórica é surpreendente”. John Warwick Montgomery disse: “A pesquisa arqueológica tem confirmado, seguidas vezes, a confiabilidade da geografia, da cronologia, e da história geral do Novo Testamento.”

Além das citadas evidências, é interessante notar os dizeres de inimigos da fé que, do primeiro século em diante, acabaram por evidenciar a existência de Cristo, a natureza de sua mensagem, e a prática moral dos discípulos. Caso Jesus fosse uma invenção, por que inimigos que tinham todas as razões para desejar o fim do cristianismo acabaram evidenciando sua existência? Eles acusaram Cristo de ser um feiticeiro, um herege, o responsável pela disseminação de uma fé estranha, e de ser tratado como Deus pelos seus seguidores – veremos mais sobre isso no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

6.3.3. OS PRIMEIROS CRISTÃOS NÃO CONSIDERAVAM A TRADIÇÃO ORAL COMO OBSTÁCULO

Veremos a seguir que as tradições orais não eram vistas como obstáculo pelos cristãos do primeiro século no tocante à transmissão correta das informações [48].

A cultura judaica valorizava muito os livros, mas exerceu a oralidade mais do que a escrita. A tradição oral judaica foi preservada por centenas de anos, até ser compilada na Mixná (200 d.C.), no Talmude Palestino (350-425 d.C.) e no Talmude Babilônico (500 d.C.). É dessa cultura que vieram os discípulos de Jesus. Portanto, não é de se espantar que tenham conseguido memorizar com exatidão as palavras e atos de Jesus que desejaram preservar. Além disso, Jesus, um bom educador, transmitiu suas principais mensagens em segmentos fáceis de lembrar, a exemplo das parábolas, concisas e facilmente recordáveis.

Havia muito zelo da parte dos apóstolos sobre quem estaria no centro da disseminação do material sobre Cristo, coisa que se verifica na escolha do “substituto” de Judas Iscariotes, Matias, escolhido por ter acompanhado Jesus em todo o seu ministério. Como disse Harold Riesenfeld, estudioso do Novo Testamento: “As palavras e as ações de Jesus são uma palavra santa, comparável ao Antigo Testamento, e a transmissão desse precioso material foi confiada a pessoas especiais.” De fato, os discípulos seguiram a prática das comunidades judaicas na seleção de pessoas especiais, encarregadas da preservação e transmissão da tradição.

Papias valorizou a “voz viva e constante” dos apóstolos e discípulos mais do que os livros. A Mixná favoreceu a tradição oral, alegando que documentos escritos poderiam ser falsificados. Daniel-Rops complementou: “[...] da mesma maneira, Irineu, bispo de Lião, lembra o tempo em que ouviu São Policarpo, o grande bispo de Esmirna, narrando o que ele próprio lembrava de São João. Aqui podemos sentir o calor humano,

a mesma verdade da vida; quando, muito posteriormente, o texto escrito foi definitivamente imposto, após ter rivalizado por muito tempo com a palavra falada, seria possível imaginar que nessas condições os dois tivessem sido diferentes? O texto escrito preserva, para todos que podem ouvir, a marca comovente desses testemunhos vivos.”

O pensador sueco Birger Gerhardsson observou os procedimentos utilizados pelas autoridades judaicas para receber, selecionar e transmitir com exatidão a sua tradição oral, encontrando evidências do uso de observâncias semelhantes entre as comunidades cristãs para perpetuar a tradição oral sobre Jesus. Diversas citações rabínicas são apontadas por Gerhardsson para evidenciar o quão importante para a cultura judaica era o receber e o transmitir de sua tradição oral com o máximo de exatidão. Alguns exemplos estão no Talmude Babilônico: “O mago murmura e não entende o que está dizendo. Da mesma maneira o tanaíta recita e não entende o que ele está dizendo.” “Se deveria sempre recitar, [embora se esquecesse e] embora não se entendesse o que se está dizendo.” Em diversos textos, o pupilo é apresentado como aquele que aprende uma doutrina específica por meio de palavras: “Ele a aprendeu dele ‘quarenta vezes’, e ela se tornou para ele como o seu tesouro.” Há também diversas evidências de que os rabinos apresentavam para seus aprendizes mecanismos capazes de facilitar a memorização – um desses mecanismos era a leitura em voz alta: “Deixe seus ouvidos ouvirem o que você permite passar pelos seus lábios.” “Cante [a Torá] todos os dias.”

Há também pesadas advertências contra o esquecimento, como a seguinte: “Todo o homem que esquece uma única palavra da Mixná [aquilo que ele aprendeu], a escritura o considera como se ele tivesse perdido a própria alma!”

Há mais um fator importante a se considerar: o temor que os judeus tinham de Deus. As considerações a seguir são exemplos de razões que impediriam que os discípulos de Cristo tivessem seguido a qualquer “falastrão” ou que tivessem deturpado as mensagens recebidas:

- A expectativa de séculos pela vinda do Messias;
- O risco de caírem em heresia e serem mortos, excluídos da comunidade judaica ou, ainda, o medo de serem amaldiçoados por Deus;
- O costume de lidar com “alarmes falsos”, os falsos messias.

Assim como os seguidores de um rabino procuravam registrar os ensinamentos com exatidão, em amor e respeito pelo mestre, os discípulos de Jesus somaram esforços na preservação exata de sua mensagem, como afirmou Gerhardsson: “Toda a probabilidade histórica está a favor dos discípulos de Jesus, e de todo o cristianismo primitivo, por terem conferido aos dizeres daquele que acreditavam ser o Messias, no mínimo, o mesmo grau de respeito que os alunos de um rabino conferiam às palavras de seu mestre.”

6.3.4. O TEXTO BÍBLICO DISPONÍVEL HOJE É O MESMO QUE PRESERVOU A TRADIÇÃO ORAL?

Ter a consciência de que a redação original dos escritos do Novo Testamento preserva a mesma mensagem da tradição oral é uma coisa. Mas sabermos se as atuais traduções e versões do Novo Testamento são idênticas aos escritos originais que preservaram essa tradição oral de forma fidedigna é outra coisa. Para muitos, os escritos da Bíblia são apenas “cópias de cópias”, em uma sequência que chega a centenas ou milhares, sendo que praticamente nada restou dos autógrafos originais. Será que isso é verdade?

Há traduções e versões da Bíblia da atualidade que não são produzidas partindo de outras traduções modernas, mas de uma seleção dos melhores dentre os milhares de manuscritos antigos escritos na língua original do Novo Testamento. Assim, [temos disponíveis hoje traduções e versões que partem de textos consideravelmente próximos dos autógrafos originais](#). Estão disponíveis excelentes textos completos do Novo Testamento dos primeiros séculos da era cristã, além de fragmentos muito antigos de suas primeiras cópias, os quais são encontrados também nas palavras dos “pais da igreja” – [citações que são da primeira porção de décadas após a consumação dos eventos](#).

Considerando apenas isso, já é possível ter alguma ideia de como era o Novo Testamento no primeiro século, bem como é possível ter uma boa noção ao pensarmos nos três ou quatro primeiros séculos da era cristã. O fato de estarem disponíveis porções significativas do texto do Novo Testamento dos primeiros cem anos após sua conclusão possibilita a formulação de traduções e versões bastante próximas da ideia original dos apóstolos. No entanto, as fontes vão além da antiguidade dos documentos.

A principal base para a descoberta do texto original do Novo Testamento está na quantidade de manuscritos antigos disponíveis: são mais de 24.000 documentos que servem como base, mais de 5.000 considerando apenas aqueles nas línguas originais. É verdade que essa quantidade de manuscritos aumenta o número de variantes entre os textos, mas [a maioria absoluta das variações não afeta em nada a mensagem central](#). No entanto, a grande quantidade de material disponível permite a adequação das palavras mais indicadas para cada passagem do texto, sendo isso realizado por meio de verificações e comparações das traduções e versões antigas e dos melhores e mais antigos documentos, além da combinação das palavras entre os milhares de manuscritos. Por exemplo, é possível checar quantas vezes certa palavra aparece em uma determinada frase por meio da consulta de vários manuscritos.

Vejamos a seguir o que alguns especialistas dizem sobre o assunto:

Reconstruir o original [...] Novo Testamento [é fácil] – com uma exatidão acima de 99 por cento, com as incertezas restantes sendo insignificantes. [...] Existem 5.300 manuscritos em grego e porções, 10.000 da Vulgata Latina, e 9.300 de outras versões. [...] [somando] mais de 24.000 porções de manuscritos [...] sendo que os fragmentos mais antigos datam entre 50 e 300 anos após o manuscrito original ter sido escrito [...].

É essa abundância de material que tem permitido a estudiosos como Westcott e Hort, Ezra Abbott, Philip Shaff, A. T. Robertson, Norman Geisler e William Nix colocarem a restauração do texto original com uma exatidão acima de 99 por cento. A estimativa de “variações circunstanciais” de Hort é de um décimo de 1 por cento, e a de Abbot é de um quarto de 1 por cento – os números de Hort que incluem as “variações triviais” ainda é inferior a dois por cento do texto.

Segundo Sir Frederic Kenyon, **o número de manuscritos do Novo Testamento [...] é tão grande que é praticamente certo que a leitura verdadeira de cada passagem duvidosa é preservada em uma ou outra dessas autoridades antigas. Isso não pode ser dito de nenhum outro livro do mundo.**

A documentação do Novo Testamento é, pelo menos, 100 vezes mais confiável do que o restante da literatura antiga [49].

E mais:

Segundo Norman Geisler, **aproximadamente um oitavo de todas as variações textuais [dos manuscritos bíblicos] tem alguma importância, a maioria é apenas uma questão de mecanismos de ortografia ou estilo, por exemplo. No total, apenas um sessenta avos pode não ser considerado como “trivialidade” ou pode ser entendida de alguma forma como uma “variação substancial” [50].**

7. AS PALAVRAS ORIGINAIS FORAM PERDIDAS AO LONGO DOS SÉCULOS?

No final, é reconfortante descobrir que o resultado geral de todas essas descobertas e de todo esse estudo é fortalecer a prova da autenticidade das Escrituras e nossa convicção de que temos em nossas mãos, em integridade substancial, a verdadeira Palavra de Deus. (Kenyon, F. G., “The Story of the Bible”, 1936, p. 144).

A existência de milhares de variações de textos torna impossível manter a doutrina de um livro verbalmente infalível. (Elmer Homrighausen).

Já examinamos [como os escritos originais foram passados adiante](#). Agora precisamos avaliar a exatidão do processo. Precisamos nos certificar que as palavras originais têm sido transmitidas com sucesso para a geração atual, além de abordar a acusação de erros na Bíblia.

A questão da inerrância bíblica em relação à veracidade dos eventos registrados na Bíblia será abordada no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

7.1. A REDAÇÃO DA BÍBLIA DE HOJE ESTÁ LIVRE DE ERROS OU NÃO?

Se, como os cristãos acreditam, o autógrafo inicial bíblico foi inspirado por Deus sem erro, como podemos estar certos de que temos a mesma mensagem inerrante hoje? Não é provável que ainda que um Deus perfeito desse uma mensagem perfeita ao homem imperfeito, o homem iria eventualmente torná-la confusa ao longo de séculos de cópia? Como podemos saber se os textos originais têm mantido sua fidelidade enquanto foram passados de geração a geração?

Ao longo das eras, e mesmo com salvaguardas rigorosas, copistas ainda têm cometido enganos. Comparações textuais entre muitos documentos bíblicos conhecidos vão verificar isso. Claro que, quanto mais antigas as cópias que tivermos para comparar, mais fácil será a identificação de palavras erradas ou frases esquecidas. **Atualmente existem mais de 24.000 cópias antigas ou porções das Escrituras que têm revelado que as variações se concentram largamente na ortografia e, em grau menor, na ordem das palavras e gramática.**

Então a Bíblia não está livre de erros?

É a afirmação de estudiosos bíblicos conservadores e a interpretação ortodoxa que os autógrafos originais, sendo diretamente inspirados por Deus, foram completamente livres de erros, mas não necessariamente as cópias posteriores. Algumas das primeiras Bíblias formatadas, por exemplo, tiveram problemas notáveis. Uma das impressões omitiu a palavra “não” no sexto mandamento, permitindo que se leia “Tu cometerás assassinato” ao invés de “Tu não cometerás assassinato”. Mas hoje não consideramos “Tu cometerás assassinato” como a mensagem correta do texto. Por quê? Devido ao processo de **crítica textual**. É por esse processo que podemos confiar que a Bíblia moderna está tão livre de erros quanto as cópias mais antigas conhecidas e mais bem preservadas.

7.2. CRÍTICA TEXTUAL E EXEMPLOS

O processo de distinguir a redação original de quaisquer desvios entre os documentos antigos é chamado **crítica textual**, **crítica baixa** ou **crítica documental**. A crítica alta foi cunhada por J. G. Eichhorn em 1787 como um processo de julgar a autoria e data de escritos bíblicos por seu conteúdo [51].

Crítica textual é um estudo surpreendentemente formalizado que categoriza diferentes tipos de variações, ou enganos, encontrados em escritos antigos [52].

Fissão, por exemplo, é o termo usado para descrever a divisão de uma palavra em duas palavras. Um exemplo em português seria a escrita errada da palavra “radioativo” como “radio ativo”. Embora as mesmas letras estejam presentes em ambas as formas de escrita, um significado totalmente diferente é transmitido quando a palavra é dividida. **Fusão**, por outro lado, descreve a combinação errada de duas palavras em uma. **Ditografia** engloba a escrita em dobro de uma letra ou palavra que deveria ter sido escrita apenas uma vez. **Haplografia**, em oposição a essa última, engloba algo que foi escrito apenas uma vez, mas deveria ter aparecido várias vezes.

Metátese é a inversão de duas palavras, ou letras, ou frases, em uma passagem. **Homofonia** é a substituição de um homônimo por outro (palavras homônimas possuem a mesma pronúncia – algumas vezes a mesma grafia – mas significados diferentes). Também **existem erros que são simplesmente o produto de um erro de leitura ou de compreensão do texto por parte do copista**. Eles incluem a confusão de aparentes letras similares, ou a omissão de uma linha inteira de texto, geralmente devido a duas linhas consecutivas que começam com a mesma palavra ou palavras.

7.3. ONDE ESTÃO OS ERROS NA BÍBLIA?

Como o número de manuscritos existentes está na casa das dezenas de milhares, o número total de **variações** entre os documentos é de cerca de **duzentos mil, pela estimativa mais elevada**. Embora alguns críticos gostem de abordar essas variações como “erros da Bíblia”, elas devem ser aceitas como o que realmente são – **variações de transmissão, e não erros de fato**.

O exemplo de crítica textual a seguir vai colocar a questão dessas variações na perspectiva adequada. A seguir serão demonstrados doze escritos simulados da mesma frase, sendo que cada um seria encontrado em um manuscrito diferente. Nesse exemplo são ilustrados os mesmos tipos de variações que alguém pode encontrar ao analisar **doze cópias** de um mesmo trecho das Escrituras:

- Ela aparou a barba cinza dele.
- Ela **aprou** a barba cinza dele.
- Ela aparou a barba cinza dele.
- Ela **a parou** a barba cinza dele.
- **Aparou ela** a barba cinza dele.
- Ela aparou a barba cinza dele.
- **A baba cinza** dele **ela aprou**.
- Ela aparou a barba cinza dele.
- **A baba cinza** dele **ela aprou**.
- **Elaa parou** a barba cinza dele.
- Ela aparou a barba cinza dele.
- Ela aparou a barba cinza **dile**.

Essas frases, pelas regras da crítica textual, oferecem umas treze variações de ortografia e pelo menos umas três ordens de palavras diferentes. Isso gera um total de pelo menos dezesseis variações, ou “erros”, em uma única frase de apenas cinco palavras. No entanto, mesmo com mais de três vezes mais “erros” do que palavras, o sentido da frase ainda é bastante claro: uma mulher aparou a barba cinzenta de um homem.

Se um estudioso declarar oficialmente a redação correta como sendo “Ela aparou a barba cinza dele”, outro estudioso poderia sentir-se inclinado em discordar, baseado na evidência da comparação das frases. É exatamente por isso que proponentes de traduções modernas (como a Nova Versão Internacional e outras) se mantêm firmes no suporte a elas. **Variações similares dentro dos escritos bíblicos não apresentam ameaça para a transmissão das palavras originais ou para qualquer uma das doutrinas bíblicas.** Gleason Archer confidentemente declarou que:

[...] **um cuidadoso estudo das variantes dos vários manuscritos mais antigos revela que nenhuma delas afeta uma única doutrina das Escrituras.** O sistema de verdades espirituais contido no texto hebraico padrão do Antigo Testamento não é nem um pouco alterado ou comprometido por qualquer das variantes encontradas em manuscritos hebraicos da data mais antiga encontrados nas cavernas do Mar Morto ou em qualquer outro lugar. **É muito evidente que a grande maioria das variações são tão inconsequentes que não chegam ao ponto de afetar o significado de cada cláusula doutrinária.**

[...] Embora as duas cópias de Isaías descobertas na Caverna 1 de Qumran perto do Mar Morto, em 1947, fossem **mil anos mais antigas** do que o mais antigo manuscrito datado anteriormente conhecido (980 d.C.), **elas provaram ser palavra por palavra idênticas à nossa Bíblia hebraica padrão em mais de noventa e cinco por cento do texto.** Os cinco por cento restantes de variações consistiam principalmente de escorregadas óbvias da pena e de variações de ortografia [53].

Uma ifnroamãço itnressenate: de aocdro com uma pseqiusa da uinversdiade de Cmabrigde, não improtaul sjea a oderm das lertas em uma plaarva, a úncia ciosa ipmortatne é que a pirmiera e que a útlima lreta etseajm no lguar creto. O rseto pdoe ser uma bgaunça ttoal e vcoê anida pdoe ler e etnededr o txeto.

Isso proque a mnete hmuana não lê cdaa uma das lreats por si, mas a plaarva cmoo um tdo. Srupreednte, não?

7.4. QUANTA CONCORDÂNCIA EXISTE ENTRE AS CÓPIAS DOS MANUSCRITOS BÍBLICOS?

Na média, documentos do Antigo Testamento resultam em cerca de uma variação realmente significativa por página de texto. Já manuscritos do Novo Testamento resultam em cerca de um décimo de um por cento de diferença realmente significativa. Já vimos [alguns números](#) anteriormente, mas é importante lembrar do que alguns especialistas dizem sobre o assunto:

Reconstruir o original [...] Novo Testamento [é fácil] – com uma exatidão acima de 99 por cento, com as incertezas restantes sendo insignificantes. [...] Existem 5.300 manuscritos em grego e porções, 10.000 da Vulgata Latina, e 9.300 de outras versões. [...] [somando] mais de 24.000 porções de manuscritos [...] sendo que os fragmentos mais antigos datam entre 50 e 300 anos após o manuscrito original ter sido escrito [...].

É essa abundância de material que tem permitido a estudiosos como Westcott e Hort, Ezra Abbott, Philip Shaff, A. T. Robertson, Norman Geisler e William Nix colocarem a restauração do texto original com uma exatidão acima de 99 por cento. A estimativa de “variações circunstanciais” de Hort é de um décimo de 1 por cento, e a de Abbot é de um quarto de 1 por cento – os números de Hort que incluem as “variações triviais” ainda é inferior a dois por cento do texto.

Segundo Sir Frederic Kenyon, o número de manuscritos do Novo Testamento [...] é tão grande que é praticamente certo que a leitura verdadeira de cada passagem duvidosa é preservada em uma ou outra dessas autoridades antigas. Isso não pode ser dito de nenhum outro livro do mundo.

A documentação do Novo Testamento é, pelo menos, 100 vezes mais confiável do que o restante da literatura antiga [54].

Segundo Norman Geisler, aproximadamente um oitavo de todas as variações textuais [dos manuscritos bíblicos] tem alguma importância, a maioria é apenas uma questão de mecanismos de ortografia ou estilo, por exemplo. No total, apenas um sessenta avos pode não ser considerado como “trivialidade” ou pode ser entendida de alguma forma como uma “variação substancial” [55].

No caso do Novo Testamento, de maneira geral, pode-se dizer que 99% dos manuscritos estão em concordância. Há, no entanto, uma diferença de cerca de 10% (alguns dizem ser 7%) entre duas fontes distintas de manuscritos: o [texto recebido](#) (*textus receptus*) e o [texto crítico](#). No entanto, essas diferenças não ameaçam de forma alguma a doutrina cristã. Na verdade, boa parte dessas diferenças são apenas algumas omissões de trechos que não aparecem no texto crítico em relação ao texto recebido.

O Antigo Testamento também é muito bem atestado, mais do que suficiente para ter sua integridade considerada estabelecida, ainda mais ao se levar em conta a antiguidade dos eventos e os fatores culturais. A evidência dos [pergaminhos do Mar Morto](#), sozinha, basicamente certifica a excelente transmissão dos textos do Antigo Testamento dos tempos antigos até hoje. Temos, no entanto, algumas discordâncias em relação ao [texto massorético](#), a [Septuaginta](#) e o [pentateuco samaritano](#) em relação aos [números de anos nas cronologias antigas](#). Isso provavelmente porque os eventos foram registrados em um período muito antigo com o uso de números simbólicos preferidos e sagrados da antiguidade (principalmente da Mesopotâmia e do Egito). Os diferentes escribas podem ter tido dificuldade em fazer sentido desses números. Isso, no entanto, não é realmente um problema para a Bíblia. Examinaremos essa questão no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Embora um ou outro escriba ocasional tenha permitido alterações no texto que copiou, a cópia alterada resultante constitui apenas um caso pouco frequente em relação à multiplicidade de cópias disponíveis para comparação e corroboração. Mesmo que alguns copistas posteriores, sem saber, tenham deixado passar algumas eventuais “aberrações textuais”, o apelo a documentos mais antigos ou mais confiáveis preserva a mensagem original.

Graças à crítica textual e às contínuas descobertas arqueológicas, mesmo que o tempo passe bem além da data dos escritos originais, podemos estar confiantes de que a Bíblia de hoje é uma duplicação totalmente confiável dos autógrafos originais.

Em termos de literatura sobre a confiabilidade dos escritos bíblicos, Daniel B. Wallace é uma excelente referência. Obras como “Revisiting the Corruption of the New Testament”, “The Text of the New Testament in Contemporary Research”, “The Reliability of the New Testament” e “Christianity’s Critics” são indicadas para quem deseja se aprofundar no assunto.

8. QUAIS MANUSCRITOS ANTIGOS DA BÍBLIA EXISTEM HOJE?

Apesar de todos os anseios dos homens, ninguém pode produzir um único fato ou razão para apoiar a crença em Deus e na imortalidade pessoal. (*Clarence Darrow*).

Examinei cuidadosamente as evidências da religião cristã e, se estivesse sentado como jurado sobre sua autenticidade, daria sem hesitação meu veredito a seu favor. Posso provar sua verdade tão claramente quanto qualquer proposição já submetida à mente do homem. (*Alexander Hamilton citado em Bolton, Sarah K., “Famous American Statesmen”, p. 126*).

Vejamos uma listagem parcial dos documentos antigos existentes para os vários livros bíblicos.

8.1. O ANTIGO TESTAMENTO: PERGAMINHOS DO MAR MORTO

Os pergaminhos do Mar Morto são, talvez, a maior descoberta arqueológica do nosso tempo. Produzidos por essênios monásticos judaicos, são cerca de 800 pergaminhos, dos quais 200 são de material bíblico. Em 1947, pastores os descobriram por acidente em cavernas acima do vale Wadi Qumran, ao noroeste do Mar Morto. Alguns dos estudiosos e arqueólogos que contribuíram para a sua descoberta e verificação incluem E. L. Sukenik, G. Lankester Harding, Roland G. de Vaux, Yigael Yadin e William F. Albright.

Os pergaminhos do Mar Morto contêm pelo menos fragmentos de todos os livros do Antigo Testamento, exceto o Livro de Ester e o Primeiro Livro de Crônicas. Mais de dez pergaminhos foram maravilhosamente preservados intactos, incluindo duas cópias de Isaías [56]. O professor Millar Burrows da University of Yale atribuiu essas cópias para o primeiro século a.C. O professor William F. Albright da universidade John Hopkins os colocou de forma mais conservadora no segundo século a.C. [57].

As cópias de Isaías, escritas 1.000 anos antes do que as mais antigas cópias conhecidas anteriormente, provaram ser **“palavra por palavra idênticas à nossa Bíblia hebraica padrão em mais de noventa e cinco por cento do texto. Os cinco por cento restantes de variações consistiam principalmente de escorregadas óbvias da pena e de variações de ortografia”** [58]. Grande respeito deve ser dado aos copistas. Diligentemente “se escravizando” em prol da exatidão, eles aparentemente a conseguiram:

Das 166 palavras em Isaías 53, existem apenas 17 letras em questão. Dez dessas letras são simplesmente uma questão de ortografia, o que não afeta o sentido. Mais quatro letras são mudanças estilísticas menores, tais como conjunções. As três letras restantes compreendem a palavra “luz”, que é adicionada no versículo 11, e não afeta muito o significado (a palavra “luz” aparece no hebraico original). Além disso, essa palavra é apoiada pela LXX (Septuaginta) e IQ Is [codificação para “primeira caverna de Qumran, Rolo de Isaías”]. **Assim, em um capítulo de 166 palavras, há apenas uma palavra (três letras) em questão depois de mil anos de transmissão – e essa palavra não altera significativamente o sentido da passagem** [59].

Hoje, grande parte da coleção dos pergaminhos do Mar Morto continua com os muitos estudiosos individuais a quem os vários rolos e fragmentos foram designados e nomeados. Alguns dos documentos são de propriedade da Universidade Hebraica de Jerusalém e estão em exposição no Santuário do Museu do Livro na Jerusalém Ocidental. Eles incluem um rolo de Isaías que foi escrito entre 150-100 a.C., outro em torno de 50 a.C., um comentário sobre Habacuque escrito entre 100-50 a.C., e dois outros documentos [60].

8.2. O ANTIGO TESTAMENTO: A SEPTUAGINTA

A **Septuaginta** ou **LXX** é a mais antiga tradução grega do Antigo Testamento. Foi começada em torno de 247 a.C. por setenta estudiosos em Alexandria, Egito, para uma comunidade em expansão de judeus que falavam a língua grega. Foi concluída no prazo máximo de 117 a.C. [61].

R. K. Harrison confirmou o seu uso na antiguidade:

Enquanto há certas diferenças no uso do Novo Testamento, não há dúvida de que, de todas as versões gregas, **a LXX foi empregada predominantemente e aproveitou de uma existência independente no período pouco antes da época de Cristo** [62].

A Septuaginta foi também o texto padrão do Antigo Testamento mais provavelmente usado pela igreja cristã primitiva. Material mais antigo da LXX está incluído no Papiro Rylands 458, o qual remonta a 150 a.C. [63].

8.3. O ANTIGO TESTAMENTO: O TEXTO MASSORÉTICO E OUTROS

O **texto massorético** inclui muitas cópias de livros do Antigo Testamento e obras datadas entre 500-1000 a.C. [64]. Um deles é o **Codex Leningradensis**: um códice contendo uma cópia completa do Antigo Testamento hebraico datada de 1010 d.C. [65]. Ele é a fonte em que se baseiam os textos hebraicos de hoje e reside na Biblioteca Pública de Leningrado, embora o Estado de Israel já tenha sido reportado como tendo procurado adquiri-lo. Outra coleção é o **Allepo Codex**, o qual contém todo o Antigo Testamento do início do décimo século d.C.

Outras cópias antigas das Escrituras dos primeiros séculos antes de Cristo incluem o **Freer Greek Manuscript V** do terceiro século d.C., **Hexapla** de Orígenes de 240 d.C., o **Lucian Recension** e o **Hesychian Recension** [66]. O **pentateuco samaritano** é também uma cópia antiga do Antigo Testamento, mas seu valor para comparação é contestado. Isso porque há um temor de que, ao contrário dos hebreus, egípcios, ou muitas outras culturas orientais, os “samaritanos não possuíram um corpo de escribas profissionais, como tais, em qualquer período na antiguidade” [67].

8.4. O NOVO TESTAMENTO: VÁRIOS

Há mais de 5.000 cópias manuscritas antigas ou partes do Novo Testamento grego em existência hoje. Quando incluímos as primeiras versões da **Vulgata** latina e outras versões antigas, temos mais de 24.000 cópias antigas ou porções do Novo Testamento (o dobro disso quando incluindo citações dos antigos “pais da igreja”). Alguns desses datam apenas de vinte a trinta anos dos autógrafos originais. Por comparação, existem poucas cópias de obras de Platão e Aristóteles, as quais foram escritas de 1.200 a 1.400 anos depois dos autógrafos originais [68]. De acordo com um ex-diretor do Museu Britânico:

O intervalo então entre as datas da composição original e a mais antiga evidência existente se torna tão pequeno que é, de fato, insignificante, e a última base para qualquer dúvida de que as Escrituras chegaram até nós substancialmente como foram escritas foi agora removida. **Tanto a autenticidade como a integridade geral dos livros do Novo Testamento podem ser consideradas como finalmente estabelecidas** [69].

O papiro **Chester Beatty II** é a peça mais antiga do Novo Testamento conhecida. Ele contém a maioria das cartas de Paulo copiadas cerca de 100 d.C.

O manuscrito **John Rylands** (Papiro P52) contém parte do Evangelho de João copiado em 125 d.C. Ele pode ser encontrado na Biblioteca John Rylands de Manchester, Inglaterra.

O **Codex Vaticanus** é uma cópia grega de todo o Antigo Testamento e da maior parte do Novo Testamento. Copiado entre os anos 325 e 350 d.C. [70], o Codex Vaticanus tem residido na biblioteca do Vaticano desde 1481 como uma das testemunhas mais confiáveis para o texto do Novo Testamento [71].

O **Codex Sinaiticus** foi descoberto no Mosteiro Monte Sinai em 1859 pelo Dr. Constantin Von Tischendorf. Foi escrito por volta de 375-400 d.C. e contém todo o Novo Testamento e a maior parte do Antigo Testamento. Ele foi apresentado ao Czar russo e, em 1933, foi comprado pela Inglaterra. Hoje se encontra no Museu Britânico em Londres.

O **Codex Washingtonianus** pode ser encontrado na Smithsonian Institution, tendo sido escrito por volta do ano 450 d.C. Ele contém os quatro evangelhos completos.

O **Bodmer Papyri** e o **Bodmer Papyri II** são manuscritos que datam de 150 a 200 d.C. Essas várias partes do Novo Testamento, descobertas no Egito, já existem na biblioteca de literatura mundial Bodmer. Outras coleções

importantes incluem o **Codex Alexandrinus**, que é um texto egípcio de cerca de 450 d.C., o **Codex Ephraemi**, e o **Oxyrhynchus Papyri**.

Versões latinas notáveis das Escrituras incluem a versão **Itala** concluída por volta de 200 d.C. na região da África do Norte, o **Wurzburg Palimpsesto Codex** de cerca de 450 d.C., e o **Lyons Codex** de cerca de 650 d.C. A versão latina mais famosa é a **Vulgata** de Jerônimo de 390-404 d.C. [72].

Essa quantidade enorme de documentos do Novo Testamento é apreciada ainda mais quando percebemos que a perseguição de Diocleciano, em 303 d.C., procurou erradicar o cristianismo, incluindo todas as suas igrejas e escritos históricos. O fracasso da perseguição em concretizar isso é contrastado pelas estimativas das Sociedades Bíblicas Unidas que dizem que, desde 1815, uma inacreditável quantidade de quatro bilhões de Bíblias foi publicada em todo o mundo [73].

9. OS CRÍTICOS DESACREDITARAM OS MANUSCRITOS ANTIGOS?

Mesmo nos próprios termos dos críticos – fato histórico – as Escrituras parecem mais aceitáveis agora do que quando os racionalistas começaram o ataque. (*Revista Time, 30 de dezembro de 1974*).

Toda geração se imagina mais inteligente do que a anterior e mais sábia do que a que vem depois. (*George Orwell*).

Os críticos da Bíblia têm tido uma inabilidade, em mais de dois milênios, em buscar prová-la como falsa. No entanto, aqueles que admitem a historicidade da Bíblia, bem como sua idade, integridade e a exata transmissão dos seus dados ao longo do tempo, podem ainda ter problemas com aparentes contradições ou erros.

Por uma questão de estudo da Bíblia rotineiro, até mesmo os cristãos se deparam com trechos difíceis de serem compreendidos e relacionados com outros trechos lidos antes. Um versículo difícil que requer o contexto histórico e/ou outras referências bíblicas para ser compreendido e colocado no contexto adequado não é muito difícil de ser encontrado, especialmente para aqueles com uma menor familiaridade com a Bíblia.

Na universidade, se você quiser envergonhar alguns estudantes dos primeiros períodos com questões difíceis sobre resistência dos materiais, não as pergunte para um estudante de artes plásticas – pergunte a um estudante de engenharia mecânica que está em períodos mais avançados. Essa atitude resulta em um debate mais divertido e interessante. Além disso, você pode até aprender alguma coisa. Então, se você é um descrente à procura de uma dificuldade bíblica para embaraçar algum cristão novato, aqui está um conselho interessante: pergunte a um cristão experiente.

Este estudo não pode justificar cada uma das mais de 800.000 palavras na Bíblia, mas pode oferecer bom auxílio para aqueles com textos difíceis e/ou dificuldades específicas em mente. Você também pode consultar o sétimo estágio deste estudo (objeções) onde abordamos questões difíceis sobre a Bíblia.

9.1. CRÍTICA E APARENTES CONTRADIÇÕES

A crítica é a investigação formal de documentos literários. Não é crítica no sentido de denegrir, mas no sentido de análise cuidadosa. Já abordamos a [crítica baixa, ou crítica documental, e a crítica alta](#). Mais três formas incluem a **crítica histórica**, a qual estuda o período e as circunstâncias em que o texto foi escrito, a **crítica literária**, a qual examina o significado das palavras, gramática e estilo do texto, e a **crítica de redação**, focando nos compiladores finais dos próprios evangelhos.

Constatamos que [alguns críticos acreditavam que a escrita não existia antes de 1000 a.C.](#) (e assim teorizavam que nenhum escrito bíblico poderia ter ocorrido antes desse tempo) e acabaram sendo provados como incorretos. Descobertas relativas aos [antigos precedentes de registros escritos da história](#), e o [alto grau de exatidão do processo de transmissão hebraico](#), refutaram os argumentos anteriores em contrário. Mas isso não significa que os cééticos da Bíblia têm de falta de objeções, nem que todas as objeções são facilmente respondidas.

O tipo mais comum de objeção é o paradoxo ou contradição percebida. Por exemplo: “O livro de Marcos diz que Jesus foi crucificado na terceira hora e João indica que seu julgamento ainda estava em andamento durante

a sexta hora – uma clara contradição!” Uma leitura simples dos textos revela que é realmente assim que as passagens estão redigidas. Então, qual é a resposta? Como sempre, a resposta é: **estudo**.

Em primeiro lugar, se a Bíblia fosse fictícia, sujeita a mudanças, uma obra de homens e não de Deus, por que essa “contradição” teria sido deixada na Bíblia tão aparentemente e conscientemente? Por que não foi corrigida há centenas de anos? Ou ontem? O fato de que ninguém o fez, e as palavras originais foram deixadas da forma como estão, por mais paradoxal que pareça a situação, é o próprio grande testemunho de fidelidade das Escrituras.

Em segundo lugar, João, em seu evangelho, cita as horas do dia de forma diferente dos outros evangelhos todas as vezes, e não somente uma vez. Enquanto os registros de Mateus, Marcos e Lucas seguem a tradição hebraica do dia começando ao nascer do sol (6 h como sendo a primeira hora), os registros de João são consistentes com a tradição romana do dia, começando à meia-noite (0 h sendo a primeira hora). A crença de que o livro de João pode ter sido escrito na capital da província romana da Ásia apoiaria isso. Assim, uma vez que, para a compreensão dos evangelhos, os horários de antigamente são ajustados para os horários de hoje, um julgamento em andamento às 6 h não está em contradição com a crucificação seguinte às 9 h.

9.2. OS MANUSCRITOS BÍBLICOS FORAM SENDO ANEXADOS AO LONGO DO TEMPO?

Há casos em que manuscritos bíblicos não foram escritos por um único autor. Deuterônimo, por exemplo, não poderia ter sido escrito por Moisés depois que ele morreu. É bem razoável imaginar que pessoas de confiança foram atribuídas para juntarem as informações e relatos no livro. Com isso em mente, deve-se entender uma coisa: **se determinado manuscrito parecer ter trechos cujo estilo de redação seja diferente, embora isso abra a possibilidade de questionar se o trecho em questão foi anexado, não necessariamente quer dizer que os acontecimentos descritos pelo manuscrito não são reais.**

Para não nos alongar em explicações, vamos considerar um exemplo bem razoável do que poderia acontecer. Suponha que determinado manuscrito bíblico acabou de ser escrito. Então, algum revisor, ou leitor, ou testemunha ocular de determinado evento, após ler a primeira publicação do texto bíblico, diz ao autor: “Espere um instante, faltou algo no seu relato!” Então, por meio de investigação, ou lembrança do evento que faltou, essa pessoa entrega um texto com o relato que faltou e diz: “Aqui está, complete seu relato com isso.” O autor do relato original checa o texto, verifica o relato com testemunhas, com outros relatos, ou com mais investigação e, se o conteúdo for verdadeiro, é colocado junto do relato. Mais tarde, um escriba, ao copiar o livro para preservar sua mensagem, copia do mesmo jeito que o lê, respeitando a diferença de estilos de redação (afinal de contas, seu trabalho é copiar). Então, as cópias de manuscritos chegam a nós da mesma forma como os originais foram escritos e montados – incluindo as diferenças de estilo de redação.

O exemplo acima demonstra como **possíveis anexos em textos bíblicos não podem ser considerados falsos apenas porque aparentes mudanças de estilo ocorrem.** Informações obtidas de arquivos reais e de censos podem muito bem ter sido usadas nos textos bíblicos (isto é, fontes não inspiradas), e isso não significa que a Bíblia seja falsa. Além disso, nada impede que determinado autor mude seu estilo em sua obra.

Mas há mais: se houvesse algum problema com os manuscritos bíblicos, Jesus certamente teria dito. No entanto, ele sempre repreendeu as interpretações e o modo de aplicação das Escrituras da parte de escribas, fariseus, saduceus e mestres da lei. Importante lembrar também que, nessa época, utilizava-se a LXX ou Septuaginta (a tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego). Caso realmente houvesse algum problema com a tradução, certamente Jesus teria detectado os problemas e alertado quanto a isso.

Os escribas eram tidos com grande estima, gostavam de glória pessoal e da importância do trabalho que executavam. É bem possível que alguns fossem até mesmo arrogantes por causa disso. Para eles, **copiar um livro com exatidão era tão digno de glória quanto é glorioso para um restaurador de carros muito antigos restaurá-los para o mais próximo possível dos originais. Da mesma forma, para um escriba, copiar um livro perfeitamente é uma maior glória do que adulterar textos** (adulterar textos seria, na verdade, uma vergonha para eles).

Com isso em mente, seria um prato cheio para Cristo demonstrar aos escribas que, caso os manuscritos tivessem falhas, a glória deles seria falsa. Nesse caso, como se não bastasse a posição espiritualmente errada desses

escribas, eles não serviriam nem sequer para fazer o que deveriam fazer – copiar livros. Mas Cristo não fez isso – **os escribas tinham seus problemas espirituais, mas cumpriram sua obrigação de copiar com sucesso.**

9.3. PROFECIAS ESCRITAS APÓS OS EVENTOS?

Alguns críticos gostam muito de afirmar que as profecias bíblicas foram escritas depois dos eventos. Apresentamos um estudo de caso mais detalhado sobre profecias no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Por enquanto, vamos considerar rapidamente Isaías capítulo 53, o qual descreve o sofrimento do Messias, Jesus Cristo, com uma exatidão surpreendente, especialmente para um livro escrito cerca de 700 anos antes de Cristo.

Alguém poderia dizer que o texto foi escrito depois do acontecimento. Mas esse argumento não procede, uma vez que **sabemos com certeza que Isaías 53 (e todo o Livro de Isaías) já estava escrito na época de Cristo por causa da LXX ou Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento.** A Septuaginta estava completa em 117 a.C. ou antes [74].

9.4. ONDE CONTINUAR ESSA DISCUSSÃO

Se você não estiver familiarizado com supostas contradições ou supostos erros na Bíblia, coleções deles podem ser encontrados na *internet*. Inicialmente, o autor do estudo original (www.provethetibible.net) se perguntava se ele estava disposto a encarar o desafio, mas após uma inspeção mais detalhada, descobriu que **a maioria das páginas de não cristãos caracterizava mais ou menos as mesmas com ou mais críticas tradicionais.** daquelas páginas que o autor tem achado dignas de pesquisa, **nenhuma objeção ainda tem provado estar sem uma resposta bem razoável.**

É claro que a Bíblia é de tal extensão que qualquer número de objeções possíveis poderia ser levantado sobre as dezenas de milhares de versículos. Portanto, se há alguma passagem ou paradoxo que você confrontou, ou se você acredita que é irrespondível, **consulte os muitos livros dedicados a responder a essas perguntas.**

Exemplos de obras que abordam isso são **“Bible Difficulties”** (Zondervan) de Gleason Archer e **“When Critics Ask”** (Victor Books) de Norman Geisler. Ambas as obras fornecem centenas de páginas que dão respostas intimamente detalhadas sobre praticamente todas as acusações concebíveis de crítica. Da mesma forma, há vários recursos na *internet*.

Questões difíceis relacionadas à Bíblia são abordadas no sétimo estágio deste estudo (objeções).

10. OS EVANGELHOS SÃO CONFIÁVEIS? [75]

Os evangelhos do Novo Testamento são a verdadeira história de testemunhas oculares de Jesus Cristo, ou poderia a história ter sido alterada ao longo dos anos? Devemos simplesmente tomar os relatos do Novo Testamento de Jesus pela fé, ou há evidência para a sua confiabilidade?

O âncora da ABC News Peter Jennings estava em Israel transmitindo um especial de televisão sobre Jesus Cristo. Seu programa **“The Search for Jesus”** explorou a questão sobre se o Jesus do Novo Testamento era historicamente exato.

Jennings contou com o parecer sobre os relatos dos evangelhos do professor de DePaul John Dominic Crossan, três dos colegas de Crossan do grupo Jesus Seminar, e dois outros estudiosos da Bíblia. O Jesus Seminar é um grupo de estudiosos que debate as palavras e ações registradas de Jesus e, em seguida, usa grânulos vermelhos, cor de rosa, cinza ou preto para lançar votos, indicando o quão confiável eles acreditam que as declarações dos evangelhos são.

Alguns dos comentários foram impressionantes. Em TV nacional, o Dr. Crossan não só pôs em dúvida mais de 80 por cento dos dizeres de Jesus, mas também negou as alegações de Jesus à divindade, seus milagres, e sua ressurreição. Jennings claramente ficou intrigado com a imagem de Jesus apresentada por Crossan.

A procura pela verdadeira história da Bíblia é sempre notícia, sendo por isso que frequentemente as revistas Time e Newsweek vão em uma busca de uma reportagem de capa para algum personagem bíblico como Maria, Jesus, Moisés ou Abraão.

Isso é entretenimento e, assim, a investigação nunca vai acabar, nem trazer respostas que eliminariam a programação futura. Em vez disso, aqueles com visões radicalmente diferentes são jogados juntos como em um episódio de Survivor, irremediavelmente complicando a questão ao invés de trazer clareza.

Mas o relatório de Jennings se concentra em uma questão em que deveria ser dado algum pensamento sério. Crossan implica que os relatos originais de Jesus foram embelezados por tradição oral e não foram escritos até que os apóstolos estivessem mortos. Assim, eles seriam em grande parte não confiáveis e não conseguiriam nos dar uma imagem exata do Jesus real. Como é que vamos saber se isso é realmente verdade?

10.1. DADOS SE PERDERAM ANTES DOS REGISTROS ESCRITOS?

O que as evidências mostram? Começamos com duas perguntas simples: quando os documentos originais do Novo Testamento foram escritos? E quem os escreveu?

A importância dessas questões deve ser óbvia. Se os relatos de Jesus foram escritos após as testemunhas oculares terem morrido, ninguém poderia verificar a sua exatidão. Mas **se os relatos do Novo Testamento foram escritos enquanto os apóstolos originais ainda estavam vivos, então a sua autenticidade pode ser estabelecida.** Pedro poderia dizer sobre uma falsificação em seu nome: “Ei, eu não escrevi isso.” E Mateus, Marcos, Lucas ou João poderiam responder a perguntas ou desafios sobre seus relatos de Jesus.

Os escritores do Novo Testamento declararam suas prestações de contas de testemunhas oculares de Jesus. O apóstolo Pedro declarou desta forma em sua segunda carta:

De fato, não seguimos fábulas engenhosamente inventadas, quando lhes falamos a respeito do poder e da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo; ao contrário, nós fomos testemunhas oculares da sua majestade. (2 Pedro 1:16, “Nova Versão Internacional”).

Uma parte principal do Novo Testamento corresponde às 13 cartas do apóstolo Paulo às novas igrejas e cristãos. As cartas de Paulo, datadas entre meados dos anos 40 e meados dos anos 60, constituem as primeiras testemunhas da vida e dos ensinamentos de Jesus. Will Durant escreveu sobre a importância histórica das cartas de Paulo: **“A evidência cristã para Cristo começa com as letras atribuídas a São Paulo [...]. Ninguém questionou a existência de Paulo, ou suas repetidas reuniões com Pedro, Tiago e João, e Paulo invejosamente admitiu que esses homens tinham conhecido a Cristo na carne.”**

10.2. MAS É VERDADE?

Em livros, revistas e documentários de TV, o Jesus Seminar sugeriu que os evangelhos foram escritos tão tardiamente como 130-150 d.C. por autores desconhecidos. Se essas datas tardias estiverem corretas, haveria um espaço de aproximadamente 100 anos desde a morte de Cristo (estudiosos colocam a morte de Jesus entre 30 e 33 d.C.) até os escritos. E, uma vez que todas as testemunhas oculares teriam sido mortas, os evangelhos só poderiam ter sido escritos por autores desconhecidos e fraudulentos.

Então, que evidência temos a respeito de quando os relatos do evangelho de Jesus foram realmente escritos? O consenso da maioria dos estudiosos é que os evangelhos foram escritos pelos apóstolos durante o primeiro século. Eles citam várias razões que já estudamos e que vamos rever ao longo deste estudo. Por enquanto, note que três formas primárias de evidências aparecem para construir um caso sólido para as conclusões deles:

- **Documentos antigos de hereges, como Marcião e a escola de Valentino, citando livros do Novo Testamento, temas e passagens;**
- **Numerosos escritos de fontes cristãs primitivas, tais como Clemente de Roma, Inácio e Policarpo;**

- **Cópias descobertas de fragmentos do evangelho do início do segundo século datados com carbono-14.**

O arqueólogo bíblico William Albright concluiu com base em sua pesquisa que todos os livros do Novo Testamento foram escritos enquanto a maioria dos apóstolos ainda estava viva. Ele escreveu:

Já podemos dizer enfaticamente que **não há mais nenhuma base sólida para datar qualquer livro depois de cerca de 80 d.C.**, duas gerações inteiras antes da data de entre 130 e 150 d.C. dadas pelos críticos mais radicais do Novo Testamento de hoje [76].

Em outros lugares Albright coloca a escrita de todo o Novo Testamento em “muito provavelmente em algum momento entre cerca de 50 d.C. e 75 d.C.” [77].

O estudioso notoriamente cético John A. T. Robinson datou o Novo Testamento até mesmo mais cedo do que estudiosos mais conservadores. Ao redatar o Novo Testamento, Robinson afirmou que a maior parte dele foi escrita entre 40 d.C. e 65 d.C. Isso coloca sua escrita tão cedo quanto sete anos depois de que Cristo viveu [78].

Sendo os escritos verdadeiramente do primeiro século, quaisquer erros históricos teriam sido imediatamente expostos por tanto testemunhas do cristianismo quanto por seus inimigos.

Então vamos olhar para a trilha de pistas que nos leva dos documentos originais às nossas cópias do Novo Testamento de hoje.

10.3. AS CÓPIAS

Os escritos originais dos apóstolos eram reverenciados. Igrejas os estudaram, os compartilharam, os preservaram cuidadosamente e os armazenaram como um tesouro enterrado. No entanto, infelizmente, confiscos romanos, uso e desgaste, a passagem de 1.900 anos e a Segunda Lei da Termodinâmica fizeram sua parte. Então, hoje, o que temos desses escritos originais? Nada.

No entanto, o Novo Testamento não é o único com tal destino. Nenhum outro documento comparável da história antiga existe hoje também. **Os historiadores não se preocupam com a falta de manuscritos originais se eles tiverem cópias confiáveis para examinarem.**

Conforme o número de igrejas se multiplicava, centenas de cópias foram cuidadosamente feitas sob a supervisão dos líderes das igrejas. Cada carta foi meticulosamente escrita em tinta ou em pergaminho ou em papiro. E assim, hoje, os estudiosos podem estudar as cópias sobreviventes para determinar suas autenticidades e chegar a uma aproximação muito próxima dos documentos originais.

De fato, estudiosos de literatura antiga inventaram a ciência da [crítica textual](#) para examinar documentos, tais como “A Odisseia”, comparando-os com outros documentos antigos para determinar a sua exatidão. Mais recentemente, o historiador militar Charles Sanders aumentou a crítica textual ao inventar um teste de três partes que analisa não só a fidelidade da cópia, mas também a credibilidade dos autores. Seus testes são os seguintes [79]:

- O [teste bibliográfico](#);
- O [teste de evidência interna](#);
- O [teste de evidência externa](#).

Vamos ver o que acontece quando aplicamos esses testes aos manuscritos antigos do Novo Testamento.

10.4. TESTE BIBLIOGRÁFICO

Este teste compara um documento com outra história antiga do mesmo período. Ele pergunta:

- Quantas cópias do documento original existem?

- Quão grande é o intervalo de tempo entre os escritos originais e as cópias mais antigas?
- Quão bem o documento se compara com outra história antiga?

Imagine se tivéssemos apenas duas ou três cópias dos manuscritos originais do Novo Testamento. A amostragem seria tão pequena que não poderíamos verificar a exatidão. Por outro lado, se tivéssemos centenas ou mesmo milhares, poderíamos facilmente eliminar os erros transmitidos nos documentos.

Então, quão bem o Novo Testamento se compara com outros escritos antigos no que diz respeito tanto ao número de cópias e ao intervalo de tempo a partir dos originais? **Mais de 5.000 manuscritos do Novo Testamento existem hoje no idioma original grego. Muitos desses manuscritos são apenas fragmentos, enquanto outros são livros praticamente completos. Ao contar as traduções para outras línguas, o número aumenta surpreendentemente para 24.000 – datando do século dois ao século quinze.**

Compare isso com o segundo melhor documentado manuscrito antigo histórico, a *Ilíada* de Homero, com 643 cópias [80]. E lembre-se que a maioria das antigas obras históricas têm muito menos manuscritos existentes do que a *Ilíada* possui (geralmente menos de 10). O estudioso do Novo Testamento Bruce Metzger comentou: “Em contraste com esses números [de outros manuscritos antigos], a crítica textual do Novo Testamento está constrangida pela riqueza do seu material” [81].

10.4.1. INTERVALO DE TEMPO

Não é apenas o número de manuscritos que é importante, mas também o intervalo de tempo entre quando o original foi escrito e a data da cópia. Ao longo de milhares de anos de cópia, é possível imaginar que o texto da cópia se desviaria – mas ao longo de cem anos, a história é diferente.

O crítico alemão Ferdinand Christian Baur (1792-1860) uma vez sustentou que o Evangelho de João não foi escrito até cerca de 160 d.C., portanto, não poderia ter sido escrito por João. Isso, se fosse verdade, não apenas teria minado os escritos de João, mas teria lançado suspeitas sobre todo o Novo Testamento também. Mas então, quando um esconderijo de fragmentos de papiros do Novo Testamento foi descoberto no Egito, entre eles estava um fragmento do Evangelho de João (especificamente o Papiro P52: João 18:31-33), datado de cerca de 25 anos depois de João escrever o original.

Metzger explicou: “Assim como Robinson Crusoe, vendo apenas uma única pegada na areia, concluiu que outro ser humano, com dois pés, estava presente na ilha com ele, assim o P52 [a etiqueta do fragmento] comprova a existência e utilização do quarto evangelho durante a primeira metade do segundo século em uma cidade provincial ao longo do Nilo, removido de longe de seu lugar tradicional de composição (Éfeso, na Ásia Menor)” [82]. Achado após achado, a arqueologia tem desenterrado grandes porções do Novo Testamento datadas dentro de 150 anos dos originais [83].

A maioria dos outros documentos antigos têm intervalos de tempo de entre 400 a 1.400 anos a partir dos originais. Por exemplo, “*Poética de Aristóteles*” foi escrito em cerca de 343 d.C., mas a cópia mais antiga é datada de 1100 d.C., com apenas cinco cópias em existência.

Na verdade, existe uma cópia quase completa da Bíblia chamada *Codex Vaticanus*, a qual foi escrita apenas cerca de 250 a 300 anos depois de escrita original dos apóstolos. A cópia completa mais antiga conhecida do Novo Testamento na antiga escrita uncial é nomeada *Codex Sinaiticus*, a qual está alojada no Museu Britânico. Como o *Codex Vaticanus*, é datado do quarto século. *Vaticanus* e *Sinaiticus*, voltando ao início da história cristã, são como outros manuscritos bíblicos antigos: diferem minimamente uns dos outros e nos dão uma boa imagem do que os documentos originais devem ter registrado.

Mesmo o crítico e estudioso John A. T. Robinson admitiu:

A riqueza de manuscritos [do Novo Testamento], e acima de tudo o intervalo estreito de tempo entre a escrita e as primeiras cópias existentes, tornam-o **de longe o texto melhor atestado de qualquer escrita antiga do mundo** [84].

O professor de direito John Warwick Montgomery afirmou:

Ser cético em relação ao texto resultante dos livros do Novo Testamento é permitir que toda a antiguidade clássica deslize na obscuridade, pois **nenhum documento do período antigo é tão bem atestado bibliograficamente como o Novo Testamento** [85].

O ponto é este: se os registros do Novo Testamento foram feitos e circularam de forma tão próxima aos acontecimentos reais, seu retrato de Jesus é muito provavelmente exato. Mas a evidência externa não é a única maneira de responder à questão de confiabilidade – estudiosos também usam a evidência interna para responder a essa questão.

10.4.2. A DESCOBERTA DO CODEX SINAITICUS

Em 1844, o estudioso alemão Constantine Tischendorf estava à procura de manuscritos do Novo Testamento. Por acidente, ele notou uma cesta cheia de velhas páginas na biblioteca do mosteiro de St. Catherine no Monte Sinai. O estudioso alemão esteve tanto animado quanto chocado. Ele nunca tinha visto manuscritos gregos tão velhos.

Tischendorf perguntou ao bibliotecário sobre os documentos e ficou horrorizado ao saber que as páginas tinham sido descartadas para serem usadas como combustível. Dois cestos cheios de tais documentos já haviam sido queimados.

O entusiasmo de Tischendorf fez com que os monges se tornassem cautelosos, e eles não iriam mostrar-lhe mais manuscritos. No entanto, eles permitiram que Tischendorf tomasse as 43 páginas que ele tinha descoberto.

Quinze anos depois, Tischendorf retornou para o mosteiro no Sinai, dessa vez com a ajuda do czar russo Alexandre II. Uma vez que ele esteve lá, um monge tomou Tischendorf para seu quarto e abriu um manuscrito envolto em tecido que tinha sido armazenado em uma prateleira com copos e pratos. Tischendorf imediatamente reconheceu os remanescentes valiosos dos manuscritos que ele tinha visto antes.

O mosteiro concordou em apresentar o manuscrito para o czar da Rússia como protetor da igreja grega. Em 1933 a União Soviética vendeu o manuscrito para o Museu Britânico por £ 100.000.

O Codex Sinaiticus é um dos mais antigos manuscritos completos do Novo Testamento que temos, e está entre os mais importantes. Ele foi de enorme ajuda para os estudiosos na verificação da exatidão do Novo Testamento.

10.5. TESTE DE EVIDÊNCIA INTERNA

Como bons detetives, historiadores verificam confiabilidade ao olharem para pistas internas. Tais pistas revelam motivos dos autores e suas vontades de revelar detalhes e outras características que podem ser verificadas. As pistas internas principais que esses estudiosos usam para testar a confiabilidade são as seguintes [86]:

- **Consistência dos relatos das testemunhas oculares;**
- **Detalhes de nomes, lugares e eventos;**
- **Cartas de indivíduos ou grupos pequenos;**
- **Apresentação de situações embaraçosas dos autores;**
- **A presença de material irrelevante ou contraproducente;**
- **Ausência de material relevante.**

Tomemos como exemplo o filme “Friday Night Lights”. Ele pretende ser baseado em fatos históricos, mas como tantos filmes vagamente baseados em eventos reais, deixa você constantemente questionando: “Será que as coisas realmente aconteceram dessa forma?” Então, como você determina sua confiabilidade histórica?

Um indício seria a presença de material irrelevante. Vamos dizer que no meio do filme o treinador, sem razão aparente, recebe um telefonema informando-o que sua mãe tem câncer no cérebro. O evento não tem nada a ver com a trama e nunca é mencionado novamente. **A única explicação para a presença desse fato irrelevante seria que realmente aconteceu e que o diretor tinha um desejo de que o filme fosse historicamente exato.**

Outro exemplo do mesmo filme. Seguindo o fluxo do drama, queremos que os Permian Panthers ganhem o campeonato estadual. Mas eles não conseguem. Isso passa um sentimento contraproducente para o drama, e imediatamente nós sabemos que está lá porque na vida real os Permian Panthers perderam o jogo. **A presença de material contraproducente também é uma pista para a exatidão histórica.**

Finalmente, **o uso de cidades reais e marcos familiares**, como o Houston Astrodome, nos leva a tomarmos os elementos da trama como história, pois eles são muito fáceis de corroborar ou falsificar.

Esses são apenas alguns exemplos de como a evidência interna leva para perto ou para longe da conclusão de que um documento é historicamente confiável. Vamos olhar brevemente para as provas internas para a historicidade do Novo Testamento. Vários aspectos dele nos ajudam a determinar a sua confiabilidade com base em seu próprio conteúdo e qualidades.

10.5.1. CONSISTÊNCIA

Documentos falsos deixam de fora relatos de testemunhas ou são inconsistentes. Contradição direta entre os evangelhos provaria que eles contêm erros. Mas ao mesmo tempo, **se cada um dos evangelhos dissesse exatamente a mesma coisa, os evangelhos iriam levantar suspeitas de conluio.** Seria como conspiradores tentando chegar a um acordo sobre todos os detalhes de seu esquema. Consistência demasiada torna-se tão duvidosa quanto pouca consistência.

Testemunhas oculares de um crime ou de um acidente geralmente percebem os grandes eventos corretamente, mas os veem a partir de diferentes perspectivas. Da mesma forma, os quatro evangelhos descrevem os acontecimentos da vida de Jesus a partir de diferentes perspectivas. No entanto, independentemente dessas perspectivas, estudiosos da Bíblia são surpreendidos com a consistência de seus relatos e a imagem clara de Jesus. Os ensinamentos são colocados em conjunto como **relatos complementares.**

10.5.2. DETALHES

Historiadores amam detalhes em um documento porque eles tornam mais fácil a verificação da confiabilidade. As cartas de Paulo são cheias de detalhes. Os evangelhos abundam com eles. Por exemplo, tanto o evangelho de Lucas quanto seu livro de Atos dos Apóstolos foram escritos para um nobre chamado Teófilo que foi, sem dúvida, um indivíduo bem conhecido na época.

Se esses escritos tivessem sido meras invenções dos apóstolos, com nomes, lugares e eventos falsos, teriam sido rapidamente percebidos por seus inimigos, os líderes judeus e romanos. Isso teria se tornado o Watergate do primeiro século. No entanto, muitos dos detalhes do Novo Testamento foram provados como verdadeiros por uma verificação independente. O historiador clássico Colin Hemer, por exemplo, identificou 84 fatos nos últimos 16 capítulos de Atos que foram confirmados pela pesquisa arqueológica [87].

Nos poucos séculos anteriores, os estudiosos céticos da Bíblia atacaram tanto a autoria de Lucas como a datação de seu relato, afirmando que ele foi escrito no segundo século por um autor desconhecido. O arqueólogo Sir William Ramsey estava convencido de que eles estavam certos, mas começou a investigar. Após uma extensa pesquisa, o arqueólogo inverteu a sua opinião. Ramsey admitiu: “Lucas é um historiador de primeira categoria [...]. Esse autor deve ser colocado junto com os próprios maiores historiadores [...]. A história de Lucas é insuperável em relação à sua confiabilidade” [88].

Atos dos Apóstolos narra as viagens missionárias de Paulo, listando lugares que ele visitou, as pessoas que viu, mensagens que entregou e perseguições que sofreu. Todos esses detalhes poderiam ser falsificados? O historiador de história romana A. N. Sherwin-White escreveu: “Para Atos, a confirmação da historicidade é esmagadora [...]. Qualquer tentativa de rejeitar sua historicidade básica deve agora parecer absurda. Historiadores romanos há muito tempo deram a ele menos crédito do que o devido” [89].

Desde os relatos dos evangelhos até as cartas de Paulo, os autores do Novo Testamento descreveram detalhes abertamente, até mesmo citando os nomes das pessoas que estavam vivas no momento. Os historiadores têm verificado, pelo menos, trinta desses nomes [90].

10.5.3. CARTAS PARA PEQUENOS GRUPOS

Muitos textos forjados são de documentos de natureza geral e pública. O especialista histórico Louis Gottschalk observou que as **cartas pessoais destinadas a pequenas audiências têm uma alta probabilidade de serem confiáveis** [91]. Em qual categoria os documentos do Novo Testamento caem?

Bem, alguns deles foram claramente destinados a ser amplamente divulgados. No entanto, **grandes porções do Novo Testamento consistem em cartas pessoais escritas para pequenos grupos e indivíduos**. Esses documentos, pelo menos, não seriam considerados os principais candidatos para falsificação.

10.5.4. CARACTERÍSTICAS CONSTRANGEDORAS

Muitos escritores não querem se constranger publicamente. Historiadores têm, portanto, observado que **documentos que contêm revelações embaraçosas sobre os autores geralmente são de confiança**. O que os autores do Novo Testamento dizem sobre si mesmos?

Surpreendentemente, **os autores do Novo Testamento se apresentavam como indivíduos frequentemente pouco inteligentes, covardes e infieis**. Por exemplo, considere a tripla negação de Pedro para com Jesus ou as discussões dos discípulos sobre qual deles era o maior – ambas as histórias são registradas nos evangelhos. Como o respeito aos apóstolos foi crucial no início da Igreja, a inclusão desse tipo de material não faz sentido, a menos que os apóstolos estivessem relatando a verdade [92].

Na obra “The Story of Civilization”, Will Durant escreveu sobre os apóstolos: **“Esses homens dificilmente foram do tipo que poderia ter sido escolhido para remodelar o mundo. Os evangelhos, de forma realista, diferenciam seus personagens, e honestamente expõem suas falhas”** [93].

10.5.5. MATERIAL CONTRAPRODUCENTE OU IRRELEVANTE

Os evangelhos nos dizem que o túmulo vazio de Jesus foi relatado por uma mulher, ainda que no Israel antigo o testemunho de mulheres fosse considerado virtualmente inútil e não fosse nem ao menos admissível em tribunal. A mãe e a família de Jesus são registradas como tendo a crença de que ele tinha perdido a razão (Marcos 3:21). Algumas das últimas palavras de Jesus na cruz são ditas como tendo sido: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mateus 27:46; Marcos 15:34). **E assim vai a lista de ocorrências registradas no Novo Testamento que são contraproducentes se a intenção do autor fosse qualquer coisa além da transmissão exata da vida e dos ensinamentos de Jesus Cristo.**

10.5.6. AUSÊNCIA DE MATERIAL RELEVANTE

É irônico (ou talvez lógico) que algumas das principais questões enfrentadas pela igreja do primeiro século – evangelização aos gentios, os dons espirituais, batismos, lideranças – foram abordadas diretamente nas palavras registradas de Jesus. **Se os seus seguidores estivessem simplesmente gerando o material para incentivar a Igreja a crescer, é inexplicável o fato de que eles não inventaram instruções de Jesus para algumas questões com o pretexto de constranger as pessoas a segui-los, fazendo uso de uma mentira do tipo “o Senhor falou para fazer isso”**. Em um caso, o apóstolo Paulo afirmou categoricamente sobre um determinado assunto que não tinha nenhum ensinamento do Senhor e forneceu o seu próprio (1 Coríntios 7:12).

10.6. TESTE DE EVIDÊNCIA EXTERNA

A terceira e última medida de confiabilidade de um documento é o teste de evidência externa, o qual pergunta: “Registros históricos fora do Novo Testamento confirmam sua confiabilidade?” Assim, o que os historiadores não cristãos dizem sobre Jesus Cristo?

No geral, pelo menos dezessete escritos não cristãos registram mais de cinquenta detalhes sobre a vida, ensinamentos, morte e ressurreição de Jesus, além de detalhes sobre a igreja primitiva [94]. Isso é surpreendente, considerando a falta de outra história que possuímos desse período de tempo. Jesus é mencionado por mais fontes do que as conquistas de César durante esse mesmo período. É ainda mais surpreendente que essas confirmações do Novo Testamento detalham datas de 20 a 150 anos depois de Cristo, bastante cedo para os padrões da historiografia antiga [95]. Veremos mais sobre escritos não cristãos sobre Cristo no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

A confiabilidade do Novo Testamento é adicionalmente confirmada pelos mais de 36.000 documentos extra bíblicos cristãos (citações de líderes de igrejas dos primeiros três séculos), datando tão cedo quanto dez anos após a última redação do Novo Testamento [96]. **Se todas as cópias do Novo Testamento fossem perdidas, você poderia reproduzi-lo a partir dessas outras cartas e documentos, com a exceção de alguns poucos versículos [97].**

Um professor da Boston University, o emérito Howard Clark Kee, concluiu: “O resultado da examinação das fontes fora do Novo Testamento que carregam [...] nosso conhecimento de Jesus confirmam sua existência histórica, seus poderes incomuns, a devoção de seus seguidores, a existência continuada do movimento após a sua morte [...] e a penetração do cristianismo [...] na própria Roma pelo final do primeiro século” [98].

O teste de evidência externa, assim, constrói sobre as evidências apresentadas por outros testes. Apesar de a conjectura de alguns céticos radicais, o retrato do Novo Testamento sobre o verdadeiro Jesus Cristo é virtualmente à prova de manchas. Embora existam alguns dissidentes tais como o Jesus Seminar, o consenso de especialistas, independentemente de suas crenças religiosas, confirma que o Novo Testamento que lemos hoje representa fielmente tanto as palavras quanto acontecimentos da vida de Jesus.

Clark Pinnock, professor de interpretações da McMaster Divinity College, resumiu bem quando disse: **“Não existe nenhum documento do mundo antigo testemunhado por um tão excelente conjunto de textos e testemunhos históricos. [...] Uma pessoa honesta não pode descartar uma fonte desse tipo. Ceticismo em relação as credenciais históricas do cristianismo baseia-se em uma base irracional” [99].**

11. COMO PODEM EXISTIR TANTAS TRADUÇÕES DIFERENTES DA MESMA BÍBLIA?

Houve muitas supostas revelações de Deus. De fato, existiram muitos deuses assim como existiram muitas bíblias [...]. Deuses ocultos – nenhum Deus – tudo o que vemos é a pobre adivinhação do homem. (*E. Haldeman Julius*).

Como obra de valor literário [a Bíblia] é superada por tudo o que foi escrito nos últimos dois mil anos por autores até mesmo de segunda categoria, [...]. Sua concepção do universo é infantil e sua moralidade revoltante [...]. (*Max Nordau*).

Quanto a Jesus de Nazaré, minha opinião de quem você particularmente deseja, acho que o sistema de moral e sua religião, como ele os deixou para nós, é o melhor que o mundo já viu, ou provavelmente verá. (*Benjamim Franklin*).

Depois de considerar a transmissão dos escritos deve ser verificada a questão da **tradução**.

Se estivermos confiantes de que os primeiros documentos são cópias fiéis das palavras originais, uma resposta é necessária a respeito da razão de existirem tantas traduções diferentes que circulam hoje.

11.1. POR QUE NÃO TEMOS UMA SÓ TRADUÇÃO?

Entre as muitas pessoas que não estão familiarizadas com a Bíblia e duvidam de sua credibilidade, há duas explicações populares para as diferentes traduções em circulação hoje:

1. Todas as traduções são igualmente exatas, pois a Bíblia é aberta à interpretação de qualquer maneira.
2. Todas as traduções são igualmente inexatas, pois elas continuam sendo diferentes ao longo dos anos.

Então, qual é a resposta? É evidente que se a Bíblia foi destinada a fazer afirmações concretas, registrar a história de forma exata e transmitir valores absolutos, então ela não pode ser objeto de interpretação completamente relativa. Mas então temos uma série de diferentes traduções, e nenhuma que se destaca como a verdade imutável? Por que não temos apenas uma tradução?

Fossem todas as coisas as mesmas, deveria haver apenas uma tradução da Bíblia. Mas todas as coisas não permanecem as mesmas. **A verdade e a mensagem da Bíblia permanecem imutáveis ao longo dos tempos, mas linguagens e expressões coloquiais não ficaram tão estáticas. Termos, frases e mesmo línguas inteiras caíram dentro e fora de uso.** Se todos fossem bem versados em grego antigo, hebraico e aramaico, a tradução seria muito menos do que um problema. No entanto, uma vez que demandamos uma Bíblia restrita ao dialeto do nosso dia a dia, devemos abordar com cuidado o livro que nos é entregue.

11.2. A NATUREZA DA LINGUAGEM

Cada língua tem sua própria coleção de palavras e regras de gramática. Em grego (a língua original do Novo Testamento), por exemplo:

Um substantivo grego no final da frase pode indicar: (a) se a palavra é singular ou plural, (b) se o seu gênero é masculino, feminino ou neutro, (c) algo sobre a função gramatical da palavra dentro de sua frase, e (d) informações sobre categorias semânticas que podem estar implícitas na palavra [100].

Partes de verbos gregos podem representar não apenas seus básicos “significados de dicionário”, mas também coisas como: (a) quem está realizando a ação, (b) se é apenas uma ou se é mais de uma pessoa que está realizando a ação, (c) quando a ação é realizada, (d) se é um único evento ou um processo, (e) se é um acontecimento real, um comando, ou algo desejado, ou (f) se o sujeito do verbo é um participante ativo ou passivo na atividade. A tradução de uma única palavra grega em outro idioma pode, assim, muitas vezes exigir mais de uma palavra, ou até mesmo uma frase ou mais [101].

A escrita em grego antigo era uma linguagem bastante específica que, por comparação, muitas vezes deixa outras linguagens parecendo bastante ambíguas. Por exemplo, a frase “Eu acho que Pedro pode” transmite ideias diferentes dependendo de qual palavra for enfatizada. Se dissermos “Eu acho que **Pedro** pode”, com **ênfase no nome**, afirmamos a nossa **confiança** em Pedro. Se dissermos “Eu **acho** que Pedro pode”, com **ênfase na palavra “acho”**, afirmamos **dúvida** se Pedro pode ou não.

O grego não sofre dessa mesma deficiência. Assim, o que pode parecer aberto à interpretação em uma tradução em determinada linguagem pode, na verdade, ser um pronunciamento bem claro na forma original. Por isso mesmo quem lê em sua língua nativa precisa de uma tradução que reproduza fielmente a mensagem original em sua plenitude de sentido. Assim, nossa preocupação deve ser saber como avaliar a confiabilidade das traduções para outras línguas.

Além disso, **o estudo do texto do Novo Testamento avançou muito desde a época em que foram feitas as primeiras compilações de manuscritos usadas como base para traduções em outras línguas.** Existem, hoje, mais de 5.000 manuscritos contendo o Novo Testamento inteiro ou parte dele. Alguns desses manuscritos podem ser datados a partir do século 2 d.C., sendo extremamente valiosos para a [crítica textual](#). O texto desses primeiros manuscritos, o [texto crítico](#), difere cerca de 10% (alguns dizem ser 7%) do texto contido nas primeiras compilações usadas como base das Bíblias antigas (as quais eram baseadas em manuscritos mais recentes, nenhum datando de antes do século 10 d.C.), o [texto recebido ou textus receptus](#). A grande maioria dos estudiosos textuais é favorável agora ao texto apresentado pelos manuscritos mais antigos. Sendo assim, **os textos de quase todas as versões**

modernas refletem o texto dos manuscritos mais antigos. Essa é uma das principais razões para as muitas traduções da Bíblia [102].

Outra razão para várias traduções da Bíblia é, como já apontado anteriormente, a existência de algumas discordâncias em relação ao texto massorético, a Septuaginta e o pentateuco samaritano em relação aos números de anos nas cronologias antigas. Os diferentes escribas podem ter tido dificuldade em fazer sentido dos números simbólicos preferidos e sagrados da antiguidade. Examinamos essa questão no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Tipicamente, as traduções modernas se baseiam no texto massorético, o qual é tido como mais próximo do original. Porém, em várias ocasiões, a comparação com a Septuaginta ou com o pentateuco samaritano é útil para estudo.

11.3. DE UMA LINGUAGEM PARA OUTRA

Suponha que você seja um paciente na mesa de cirurgia e seu cirurgião tenha que realizar um determinado procedimento que só é descrito em um livro especial escrito em alemão. Ele então apresenta a você uma pilha de livros, sendo que cada um tem uma tradução diferente do livro alemão, e então ele pede para que você diga qual ele deve usar. Além da possibilidade de perguntar se há um médico que entenda alemão por perto, como você selecionaria a tradução mais exata?

Nesse exemplo, algumas edições podem ser traduções de outras traduções que muitas vezes são tiradas do original. Talvez outras edições tenham sido traduzidas diretamente do livro especial escrito em alemão (o original), mas com a ajuda de dicionários questionáveis e antiquados. Ainda outras traduções podem até ter sido fornecidas por empresas cujas alterações enganosas poderiam soar muito parecidas com o livro original, mas na realidade poderiam ser o suficiente apenas para favorecer o uso de suas próprias especialidades de produtos.

São questões como essas que complicam a seleção da melhor tradução da Bíblia para ler. Quem foi o tradutor? Foi uma pessoa ou uma organização? Quais eram as suas intenções? Fácil leitura? Uma reprodução palavra por palavra do texto original? Apoiar sua ideologia pessoal? E quantos manuscritos antigos foram referenciados? Algumas cópias? Milhares de cópias? Ou nenhuma cópia?

Questões importantes relacionadas às traduções da Bíblia serão abordadas a seguir. É interessante considerar que a tradução da Bíblia para o inglês, por exemplo, teve um início extremamente conturbado, inclusive sendo proibida pela igreja de Roma. Aqueles que leram, escreveram, ou mesmo falaram textos das Escrituras em inglês naqueles dias eram queimados na fogueira. Abordamos a “pré-história” das traduções para o inglês, e as histórias fascinantes do início do cristianismo, as cruzadas, as inquisições e a Reforma no sexto estágio deste estudo (história).

Mas qual é a melhor tradução da Bíblia? A resposta a essa pergunta é “depende”. Tenhamos em mente os conceitos de “melhor” e “pior”. **O que é “melhor” ou “pior” depende de um contexto. Na verdade, a pergunta certa seria algo do tipo: “Qual tradução é a melhor ou a pior para a abordagem em questão?”**

Uma boa escolha da tradução a ser utilizada depende de como a Bíblia vai ser utilizada. Por exemplo, determinada versão da Bíblia pode ser ótima para um estudo bíblico, mas ruim em uma leitura pública para pessoas leigas. Em certos textos, uma determinada versão pode ser melhor do que a outra em termos de entendimento. **Depois que a finalidade do uso da Bíblia estiver definida, torna-se mais fácil escolher uma entre as muitas traduções disponíveis.** Nada impede que sejam usadas mais de uma versão a título de comparação.

11.4. TEXTO RECEBIDO E TEXTO CRÍTICO

A maior diferença entre as várias versões existentes, embora menos visível para muitos leitores, está nos manuscritos que foram utilizados para a tradução do Novo Testamento. Basicamente, temos dois textos de origem: o **texto recebido** e o **texto crítico**.

O **texto recebido**, ou *textus receptus*, é a denominação dada à série de impressões do Novo Testamento, em grego, que serviu de base para diversas traduções dos séculos dezesseis a dezenove. Na verdade, trata-se de uma compilação dos textos contidos nesses manuscritos, de modo a compor um único texto grego contendo todo o

Novo Testamento. Ele é bem semelhante ao **texto bizantino** (também conhecido como **texto majoritário**), mas há algumas diferenças entre ambos.

A primeira compilação desse texto foi executada pelo holandês Erasmo de Roterdã, em 1516, depois de consultar cerca de dez manuscritos, nenhum deles anterior ao século 10 d.C. O texto teve, posteriormente, várias outras edições publicadas, tanto pelo próprio Erasmo como pelos irmãos Elzevir, entre outros. O termo *“textus receptus”* resultou da sinopse de um editor no prefácio latino da segunda edição em grego do Novo Testamento, publicada pelos irmãos Elzevir, na Holanda, em 1633, que diz em latim: *“Textum ergo habes nunc ab omnibus receptum, in quo nihil immutatum aut corruptum damus”*, ou seja, “Tens, portanto, o texto agora recebido por todos, no qual nada oferecemos de alterado ou corrupto”. As palavras *textum* e *receptum* foram utilizadas no caso nominativo para formar *“textus receptus”*, o termo latino que passou a ser aplicado ao texto particular do Novo Testamento grego.

As edições consideradas como as principais representantes do *textus receptus* são a terceira edição do Novo Testamento grego produzido por Estéfano em 1550 e a edição dos irmãos Elzevir de 1633. A fonte das escrituras encontradas em ambas as edições foi, basicamente, a edição de 1516 do Novo Testamento grego preparado por Erasmo de Roterdã. Deve-se ressaltar que, apesar de todas as pesquisas e revisões dos textos gregos nas diversas edições do texto recebido, entre a primeira edição de Erasmo em 1516 e a edição dos irmãos Elzevir em 1633, **há uma diferença de menos de 300 palavras das cerca de 140.000 que compõem o Novo Testamento.**

O texto recebido foi utilizado como base de várias outras traduções da Bíblia para várias outras línguas, e é dele que se originaram a maioria das traduções brasileiras.

O **texto crítico** ou **alexandrino** é o texto do Novo Testamento conforme os procedimentos da [crítica textual](#). Também é conhecido como **texto minoritário**, uma vez que é mais fortemente baseado na minoria dos manuscritos do Novo Testamento atualmente existentes. No entanto, **essa minoria é consideravelmente antiga, datando até do segundo século depois de Cristo.** É comum chamar de “texto crítico” a todas as edições que mantêm semelhanças ao texto mais utilizado atualmente: o “Novum Testamentum Graece”, o texto organizado por Brooke Foss Westcott e Fenton John Anthony Hort no século 19 d.C. (“The New Testament in the Original Greek”), as primeiras edições Eberhard e Erwin Nestle, entre outras. Essas edições se baseiam, em sua maior parte, no texto do tipo alexandrino (uma forma do Novo Testamento grego que predomina nos primeiros documentos sobreviventes, assim como o tipo textual utilizado em manuscritos egípcios coptas).

É importante esclarecer que não há um único texto crítico, uma vez que em diversos trechos há dúvidas do texto originalmente estabelecido. Como há um número menor de manuscritos que o corroboram, o texto crítico deixa claro em suas traduções os trechos que apresentam dúvida devida à degradação do tempo, os quais se tornaram de difícil tradução.

Se comparado ao texto recebido, o texto crítico apresenta várias omissões de expressões e de palavras. Westcott e Hort partiram da premissa que, embora tenha sido baseado em um número menor de manuscritos, o texto é mais antigo e, portanto, mais confiável. O texto recebido foi compilado a partir de um número maior de manuscritos, porém mais recentes, considerando o maior número de manuscritos como indicativo de confiabilidade.

Nos manuscritos posteriores, a partir do século 9 d.C., o tipo textual bizantino se tornou mais comum e permaneceu como o texto padrão da igreja ortodoxa grega, assim como para a maioria das traduções protestantes da era da Reforma. A maior parte das traduções recentes da Bíblia, como a Nova Versão Internacional (NVI), a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) e a Nova Almeida Atualizada (NAA), utilizam o texto crítico como base. Porém, alguns preferem o texto recebido em virtude de ter sido amplamente utilizado desde o século dezesseis até o século dezenove. Algumas traduções atuais, como a Almeida Corrigida Fiel (ACF), usam como base o texto recebido por essa razão.

11.5. TRADUÇÕES DE EQUIVALÊNCIA FORMAL, DINÂMICA, MISTA E PARÁFRASES

Tendo em vista as vantagens e desvantagens das duas fontes, qual delas deve ser considerada como sendo a mais confiável? É difícil dizer, já que ambas possuem bons argumentos a seu favor. Há aqueles que justificam o

texto recebido dizendo que os manuscritos são mais recentes porque tiveram que ser reescritos, já que se desgastavam pelo uso, enfatizando a preferência da igreja primitiva por esses textos. Há também o fato de as igrejas bizantinas serem mais enfáticas em suas doutrinas. Em defesa do texto crítico pode-se dizer que os conteúdos dos textos utilizados vieram de textos mais antigos e, portanto, possivelmente mais próximos dos autógrafos originais.

Há outra questão a ser abordada em relação às diversas traduções da Bíblia disponíveis. As traduções podem ser de **equivalência formal**, **equivalência dinâmica** ou **equivalência mista** (tradução com características formais e dinâmicas ao mesmo tempo). Há também versões que não se tratam de meras traduções, mas de **paráfrases**.

É importante explicar o que significam os vocábulos **tradução** e **paráfrase**. Em termos simples, **a tradução é uma tentativa de colocar em outra língua o que a língua original diz, sendo isso feito de uma forma mais literal**. No caso do Novo Testamento, a tradução tenta colocar, o mais exatamente possível, o que o texto grego original diz. Não há tradução perfeitamente literal já que as regras gramaticais diferem de uma língua para outra, exigindo, por exemplo, alterações na sequência das palavras. A **paráfrase**, por outro lado, se foca na ideia que o autor original quis transmitir em palavras diferentes. Idealmente, ela tenta apresentar exatamente a intenção do autor original. Um exemplo de cada processo irá esclarecer a diferença:

- **Tradução:** “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus” (João 1:1-2 conforme a versão Almeida Revista e Atualizada Segunda Edição);
- **Paráfrase:** “Antes de existir qualquer coisa, Cristo já existia, e estava com Deus. Ele sempre esteve vivo e Ele mesmo é Deus” (João 1:1-2 conforme a versão A Bíblia Viva).

Dessa forma, **enquanto na tradução a ênfase está sobre o que foi dito literalmente, a paráfrase enfatiza o que se acredita ser o significado original**. Existem Bíblias que consistem de paráfrases, apresentando linguagem cujo entendimento se torna muito fácil e, portanto, são indicadas para leigos, crianças ou pessoas com dificuldade de interpretação de textos. Também podem ser úteis para o estímulo da leitura da Bíblia para pessoas que não costumam fazê-lo. Naturalmente, paráfrases tornam-se perigosas se não forem feitas com cuidado, em virtude da possibilidade do desvio do sentido original do texto. Também podem não ser muito interessantes em estudos bíblicos. Um exemplo de versão que se utiliza bastante de paráfrases é **A Bíblia Viva**.

Voltando a falar sobre traduções, **traduções de equivalência formal** são interessantes para estudos bíblicos, uma vez que a tradução é mais literal e fiel em relação ao texto original. Porém, isso frequentemente dificulta a leitura de alguns trechos. Além disso, existe a impossibilidade de traduzir certas palavras e expressões da linguagem original para o português – há vários casos de expressões e palavras que simplesmente não existem em nossa cultura, tornando difícil a realização de uma tradução formal. Como exemplo de tradução de equivalência formal podemos citar a versão **Almeida Corrigida e Fiel**.

Traduções de equivalência dinâmica não são tão literais em relação ao texto original, permitindo uma maior liberdade para tradução de palavras e expressões difíceis para o português atual. A abordagem dinâmica procura comunicar a ideia do original em termos modernos e é mais livre do que a literal, a qual prioriza o uso das palavras mais parecidas com as originais. No entanto, traduções dinâmicas abrem espaço para paráfrases que podem não transmitir o sentido verdadeiro do trecho original. Elas são interessantes para simples leitura e para comparação com outras versões com o intuito de esclarecimento de dúvidas. Um exemplo de versão com esse tipo de tradução é a **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**.

A tradução de **equivalência mista** tenta equilibrar as características das equivalências formal e dinâmica. Naturalmente, possui a vantagem de possuir os pontos positivos das duas formas de tradução. No entanto, da mesma forma, possui a desvantagem de apresentar os problemas de ambas. Um exemplo de tradução de equivalência mista é a **Nova Versão Internacional**.

11.6. BÍBLIAS DE ESTUDO

Há também **bíblias de estudo**, as quais não são outras versões, mas edições de versões já disponíveis que contêm anotações acrescentadas com o intuito de facilitar o estudo. Em termos de confiabilidade, variam muito. Muitas delas, propositalmente, defendem pontos de vista dos seus autores e não exatamente o que a Bíblia ensina. **O uso de uma Bíblia de estudo requer muito cuidado, uma vez que as anotações acrescentadas não fazem parte das Escrituras, ou seja, foram acrescentadas por pessoas falíveis.**

11.7. O QUE REALMENTE IMPORTA

Considerando tudo que examinamos até agora sobre traduções da Bíblia, há pessoas que adotam como base duas versões, uma para leitura e outra para estudo. Alguém poderia usar as versões que considera mais fiéis, tendo em vista o que se propõem suas linhagens. Por exemplo, poderia ser usada para estudos bíblicos a Almeida Corrigida Fiel, que é baseada no texto recebido e tem tradução de equivalência formal e, para leitura, poderia ser usada a Nova Tradução na Linguagem de Hoje, que é baseada no texto crítico e tem tradução de equivalência dinâmica.

Todas as versões da Bíblia têm sua importância, sendo interessante a leitura de mais de uma versão, bem como a comparação entre elas, analisando divergências que possam surgir. Nada impede que um estudioso se volte ao trecho original em hebraico/grego e o analise. A análise de palavras hebraicas/gregas com o uso de suplementos bíblicos (tais como o Léxico de Strong) pode ajudar bastante.

É importante ressaltar o que temos estudado até agora: **pessoas de todas as épocas valorizavam os escritos bíblicos e foram muito cuidadosas ao preservar o conteúdo dos textos.** Os textos eram registrados em materiais perecíveis que se desgastavam com o tempo e com o uso. Portanto, conforme temos acompanhado, [aqueles que acreditavam nesses escritos foram cuidadosos com a criação de cópias para passar o conteúdo adiante para outras gerações.](#) Não temos atualmente nenhum dos escritos bíblicos originais (autógrafos), mas há milhares de cópias bem preservadas, as quais corroboram para estarmos certos de que [o que lemos hoje é o mesmo que foi escrito antigamente.](#) Existem muitos manuscritos nos idiomas originais (o Antigo Testamento foi quase na totalidade escrito em hebraico e o Novo Testamento foi escrito em grego). Existem também traduções antigas feitas em outros idiomas: o Antigo Testamento foi traduzido do hebraico ao grego antes do nascimento de Jesus (LXX ou Septuaginta); o Novo Testamento foi traduzido ao latim nos séculos depois de Jesus (Vulgata). **Nos últimos 500 anos, a Bíblia foi traduzida para quase todas as línguas faladas no planeta.**

Infelizmente, alguns dão ênfase exagerada às questões da confiabilidade dos textos antigos, se apegando excessivamente à existência de algumas divergências entre os manuscritos. Há muitas discussões relativas às diferenças de confiar mais na maioria dos textos (texto recebido) ou nos textos mais antigos (texto crítico). Como examinamos, existem argumentos bons para os dois lados.

Porém, **as áreas de variação consistem em apenas 10% do texto do Novo Testamento** (alguns dizem ser 7%). **Existe concordância total entre todos os tipos de texto em 90% dos casos** (alguns dizem ser 93%). Embora essa questão de textos seja importante e exija discussão, deve ser sempre lembrado que a mesma história básica é contada tanto no texto da maioria como nos outros, e nenhuma doutrina crucial da fé cristã se apoia sobre os 10% (ou 7%) discutíveis [103].

Assim, a sugestão para quem quer conhecer a Bíblia é escolher duas ou três versões e ler. Se você se deparar com algum trecho difícil, compare com outras versões. Com tempo e estudo, o leitor formará suas próprias preferências e vai perceber que podemos conhecer os antigos textos bíblicos em nosso próprio idioma, ainda que algumas versões deixem a desejar em alguns casos.

12. APÓCRIFOS, DEUTEROCANÔNICOS, PSEUDEPÍGRAFOS E NÃO CANÔNICOS [104]

A Bíblia é uma maravilhosa fonte de inspiração para aqueles que não a entendem. (*George Santayana*).

Toda religião, meu amigo, simplesmente evoluiu da fraude, do medo, da ganância, da imaginação e da poesia. (*Edgar Allan Poe*).

O termo “apócrifo” indica, falando de modo bem geral, os livros e trechos que constam na “Bíblia católica”, mas não constam na “Bíblia protestante”. Existem duas categorias básicas de livros que são comumente chamados apócrifos: os livros chamados **deuterocanônicos** pelos católicos (os apócrifos propriamente ditos), os livros **pseudepígrafos** e outros **livros não canônicos**. Os deuterocanônicos resultam em discordâncias entre católicos e protestantes. Os pseudepígrafos alimentam a paixão de certas pessoas, e até da mídia, em contestar as Escrituras. Há também outros livros não canônicos que são simplesmente referidos comumente como apócrifos, embora o melhor termo para eles seja “livros não canônicos”.

Já verificamos que [livros secretos ou textos bíblicos subsequentes, como alegados por várias pessoas e religiões, têm se provado inconsistentes com a Palavra de Deus já confirmada](#). [O cânon da Bíblia já está fechado há muito tempo](#). Livros como, por exemplo, o “[Evangelho de Tomé](#)”, o qual foi escrito, na melhor das hipóteses, 80 anos depois que o último apóstolo morreu, **não podem ser incluídos no cânon quando contradizem o testemunho uniforme de todos os 66 livros da Bíblia**.

Passaremos agora a examinar em maiores detalhes as razões pelas quais os livros não canônicos não estão a par com as Escrituras.

12.1. O QUE SÃO LIVROS APÓCRIFOS

A palavra “apócrifo” é derivada do grego *apókripho* e significa **escondido** ou **oculto**, o que referencia textos que “foram escondidos”. Existem pessoas que dizem que são conteúdos que “precisam ser escondidos”. Surgiram vários tipos de interpretações maliciosas, especialmente uma que diz que “são livros de conteúdo incômodo para a Igreja e, por isso, foram ocultados e esquecidos”.

Na realidade, o que ocorria era que os antigos judeus geralmente respeitaram toda a forma de literatura e dificilmente queimavam livros, preferindo depositá-los em “cemitérios”. Em outras palavras, **eles costumavam “enterrar” os livros que respeitavam, mas não consideravam inspirados**. Por isso, os arqueólogos conseguem, às vezes, encontrar esses documentos. “Esconder documentos” (ou talvez possamos dizer “sepultar documentos”) era, para eles, uma alternativa mais interessante do que a queima desses documentos, sendo que eles eram deixados em lugar isolado para apodrecerem naturalmente [105].

12.2. QUAIS SÃO OS LIVROS NÃO CANÔNICOS?

Vejam os a seguir mais a respeito dos livros deuterocanônicos, apócrifos da LXX ou Septuaginta, pseudepígrafos e uma lista de livros não canônicos.

12.2.1. OS LIVROS DEUTEROCANÔNICOS E O CONCÍLIO DE TRENTO

Em cópias da primeira tradução do Antigo Testamento para o grego, a LXX ou Septuaginta, podiam ser encontrados um total de catorze livros não canônicos em relação à “Bíblia protestante”. Onze desses apócrifos foram aprovados pela Igreja Católica Romana no Concílio de Trento (1545-1563) e passaram a fazer parte da “Bíblia católica”. São os chamados livros deuterocanônicos (assim chamados por serem considerados pelos católicos como livros do “segundo cânon” do Antigo Testamento). O Concílio de Trento buscou suprimir a diferença entre os dois cânones como reação ao posicionamento enérgico dos protestantes [106].

Os deuterocanônicos apresentam escritos doutrinários, históricos e de valor moral, mas a validade de alguns dos seus trechos é contestada. Muitos deles foram originalmente escritos em hebraico ou aramaico, mas preservados ou conhecidos somente na versão grega. Em sua maioria, foram escritos durante os séculos 2 a.C. e 1 d.C. e representam apenas uma porção muito pequena da extensa literatura judaica desse período. São onze os apócrifos aprovados no Concílio de Trento que foram elevados à categoria das Escrituras, fazendo parte da “Bíblia católica”.

Livros históricos:

- **1 Macabeus:** relata a rebelião da família dos macabeus contra Antíoco Epifânio e seus sucessores. Escrito em aproximadamente 140 a.C.;

- **2 Macabeus:** afirma ter sido escrito por Jason de Cirene e abrange parte do mesmo período de 1 Macabeus, opondo-se com fervor ao paganismo grego. Escrito em aproximadamente 100 a.C.

Lendas religiosas:

- **Tobias:** se trata de um conto judaico que relata como Tobias, um judeu reto, se recuperou da cegueira. É uma fábula com ambientação persa. Escrito em aproximadamente 150 a.C.;
- **Judite:** é uma narrativa sobre uma viúva judia bela e devota chamada Judite. Ela salva sua cidade do exército de Nabucodonosor ao decapitar o general sírio Holofernes. Escrito entre 150-100 a.C.;
- **Acréscimos ao Livro de Ester:** essas passagens foram acrescentadas ao Livro de Ester (canônico) em algumas cópias da Septuaginta. Consistem basicamente do seguinte: (a) o sonho de Mordecai/Mardoqueu (antes de Ester 1:1); (b) uma carta do rei ordenando o extermínio de todos os judeus do reino (depois de Ester 3:13); (c) orações de Mordecai/Mardoqueu e Ester (depois de Ester 4); (d) a audiência dramática de Ester com o rei Assuero/Xerxes (acrescentando 14 versículos a Ester 5); (e) uma carta do rei relatando a morte de Hamã, louvando os judeus e permitindo que eles se defendam (depois de Ester 8:12); (f) a interpretação do sonho de Mordecai/Mardoqueu; (g) um comentário final sobre o significado do Purim (após o último capítulo de Ester). Escritos em aproximadamente 115 a.C.;
- **Oração de Azarias e o Cântico dos Três Jovens:** consistem de uma oração eloquente, um relato de livramento miraculoso e um salmo de louvor que foram incluídos no livro canônico de Daniel (após Daniel 3:23). Escritos entre 150-50 a.C.;
- **A História de Susana (Daniel e Susana):** trata-se de uma narrativa sobre como Susana foi inocentada de falsas acusações de adultério por meio da intervenção oportuna do jovem Daniel (aparece antes ou depois do texto canônico de Daniel). Escrita entre 150-50 a.C.;
- **Bel e o Dragão:** consiste de duas lendas que têm como objetivo ridicularizar a idolatria. Daniel prova que os sacerdotes de Bel estão consumindo as ofertas feitas ao ídolo desse deus. Ele também destrói um dragão adorado na Babilônia, alimentando-o com uma estranha mistura que o faz explodir. Daniel é jogado na cova dos leões, onde é alimentado por Habacuque (um dos profetas do Antigo Testamento), que foi carregado por anjos pelo cabelo até a Babilônia. Escritas entre 150-50 a.C.

Livros de sabedoria:

- **Sabedoria de Salomão:** fala da imortalidade, contrastando o destino do justo com o do perverso. Também trata da natureza da sabedoria, narra a história de Israel no Egito e no deserto e também discute sobre origens e males da idolatria. Escrito em aproximadamente 50 a.C.;
- **Eclesiástico:** consiste em um conjunto de aforismos e ditados sapienciais. Escrito em aproximadamente 180 a.C.;
- **Baruque:** afirma ter sido escrita por Baruque, o escriba de Jeremias, na Babilônia. Contém orações e confissões de exilados judeus, com promessas de restauração. Escrito entre 150-60 a.C.

12.2.2. APÓCRIFOS DA SEPTUAGINTA NÃO CANONIZADOS

Nem todas as cópias da Septuaginta incluíram os mesmos livros apócrifos. Dos catorze mais estimados, onze foram aprovados no Concílio de Trento e os outros três foram descartados. São eles: **3 Esdras**, **4 Esdras** e **Oração de Manassés**.

Outros apócrifos esporádicos foram encontrados em algumas cópias da Septuaginta, mas também não foram canonizados: **3 Macabeus**, **4 Macabeus**, **Salmo 151** e **Salmos de Salomão**.

Um detalhe importante: o Conselho de Trento listou **1 Esdras** e **2 Esdras** como parte do cânon bíblico. Esses são os livros que normalmente chamamos, respectivamente, de **Esdras** e **Neemias** hoje. Eles não devem ser confundidos com os pseudépígrafos que apareceram na Vulgata como **3 Esdras** e **4 Esdras**.

12.2.3. LIVROS PSEUDEPÍGRAFOS

Pseudépígrafo significa “falso sobrescrito”, ou seja, **falsa alegação de autoria**. É uma coleção de livros não canônicos que nunca se aproximaram à posição canônica, redigidos por escritores “judeus” e “cristãos” (neste estudo nos referimos a eles com aspas porque **judeus e cristãos verdadeiros não fariam uso de falsa autoria**). O termo “pseudépígrafo” também define todo o livro judaico que possui uma assinatura falsa, que geralmente alega ser de uma grande figura do Antigo Testamento, como Moisés, Enoque ou Abraão, sendo a maioria desses escritos da época entre 250 a.C. e 200 d.C.

Muitos pseudépígrafos foram escritos no segundo século por homens usando os nomes dos apóstolos. Alguns desses escritos foram criados para serem passados adiante como escritos dos apóstolos, embora muitos possam ter sido produzidos como expressão de respeito por eles, ou até como bajulação. Pseudépígrafos podem possuir algum valor histórico, mas **estão repletos de erros e declarações contraditórias em relação aos livros canônicos, além da falsa autoria.**

A seguir demonstraremos alguns exemplos de pseudépígrafos e os temas abordados por eles [107].

1. **Testamentos dos Doze Patriarcas:** série de documentos que afirma ser os “testamentos” dos patriarcas das tribos de Israel. Provavelmente, tal obra foi escrita no século 2 a.C., mas a sua forma atual indica a revisão posterior de um “cristão”. Está evidente a influência do estoicismo nos textos.
2. **Testamento de Salomão:** uma história bizarra na qual Salomão recebe um anel mágico do arcanjo Miguel e o utiliza para controlar demônios. Foi escrita por volta do século 1 e 2 d.C.
3. **Assunção de Moisés/Testamento de Moisés:** trata-se de um texto em que Moisés aparentemente prediz a história de Israel de Josué ao pós-exílio. Acredita-se que tenha sido escrito por volta do século 1 d.C.
4. **Salmos de Salomão:** resume-se em uma coleção de salmos escritos no século 1 d.C. como reação à ocupação romana na Palestina. O livro prediz a suposta vinda de um messias que lideraria os judeus em uma vitória contra os exércitos romanos.
5. **Jubileus:** afirma ter sido escrito por Moisés e faz uma recontagem de Gênesis e Êxodo. Tal obra foi escrita entre o século 2 a.C. e 1 d.C. Apresenta alguns aspectos estranhos, como uma atenção especial para Rebeca e a consideração de que o grande massacre de Siquém (Gênesis 34) foi algo louvável;
6. **1 Enoque:** os místicos antigos eram fascinados por Enoque. O livro é o primeiro de muitos “relatos” sobre a ascensão de Enoque ao céu, porém tal obra é um compósito de textos escritos no século 3 a.C. ao século 1 d.C. A obra possui um caráter fantástico, falando, por exemplo, da “rebelião dos vigilantes”, os anjos que, supostamente segundo Gênesis 6:1-4, tomaram mulheres como esposas. Em outro ponto, Enoque é levado pelo anjo Uriel e vê os portões fora dos quais o Sol e a Lua nascem e se põem.
7. **Testamento de Jó:** nesse livro, Jó é apresentado fazendo uma revisão da sua vida. Aparentemente foi escrito por volta do ano 100 a.C. É possível que seu autor tenha pertencido ao judaísmo chassídico.
8. **Martírio de Isaías:** um livro parcialmente “judeu” e parcialmente “cristão” que sobreviveu apenas em etiópico. Fala sobre o martírio do profeta e, na inclusão “cristã”, mostra uma aparição do diabo e relata a história cristã até os dias de Nero.

Outra obra marcadamente da era cristã é **Paralipômenos de Jeremias**. Existem vários outros textos de judeus helenizados, como **3 Macabeus** e **4 Macabeus**.

12.2.4. LISTA DE LIVROS NÃO CANÔNICOS

A seguir é apresentada uma das várias listas de livros não canônicos [108]. Os escritos aprovados no Concílio de Trento não estão inclusos. A lista não é completa, mas pela sua extensão é possível ter uma noção da quantidade de obras. Muitos são pseudepígrafos e outros apenas livros não canônicos que são muitas vezes referenciados simplesmente como “apócrifos”.

Embora não tenham valor doutrinário, esses livros podem esclarecer alguns aspectos históricos da época em que foram escritos, ou mostrar as ideias de certos grupos heréticos de sua época.

Antigo Testamento:

- Apocalipse de Adão;
- Apocalipse de Baruque;
- Apocalipse de Moisés;
- Apocalipse de Sidraque;
- As Três Estelas de Sete;
- Ascensão de Isaías;
- Assunção de Moisés/Testamento de Moisés;
- Caverna dos Tesouros;
- Epístola de Aristéas;
- Livro dos Jubileus;
- Martírio de Isaías;
- Oráculos Sibilinos;
- Oração de Manassés;
- Primeiro Livro de Adão e Eva;
- Primeiro Livro de Enoque;
- Quarto Livro de Esdras;
- Quarto Livro dos Macabeus;
- Terceiro Livro de Esdras;
- Terceiro Livro dos Macabeus;
- Revelação de Esdras;
- Salmo 151;
- Salmos de Salomão (ou Odes de Salomão);
- Segundo Livro de Adão e Eva;

- Segundo Livro de Enoque (ou Livro dos Segredos de Enoque);
- Segundo Tratado do Grande Sete;
- Testamento de Abraão;
- Testamento dos Doze Patriarcas;
- Vida de Adão e Eva.

Novo Testamento:

- A Hipostase dos Arcontes;
- Ágrafos Extra-Evangelhos;
- Ágrafos de Origens Diversas;
- Apocalipse da Virgem;
- Apocalipse de João o Teólogo;
- Apocalipse de Paulo;
- Apocalipse de Pedro;
- Apocalipse de Tomé;
- Atos de André;
- Atos de André e Mateus;
- Atos de Barnabé;
- Atos de Filipe;
- Atos de João;
- Atos de João o Teólogo;
- Atos de Paulo;
- Atos de Paulo e Tecla;
- Atos de Pedro;
- Atos de Pedro e André;
- Atos de Pedro e Paulo;
- Atos de Pedro e os Doze Apóstolos;
- Atos de Tadeu;
- Atos de Tomé;
- Consumação de Tomé;

- Correspondência entre Paulo e Sêneca;
- Declaração de José de Arimateia;
- Descida de Cristo ao Inferno;
- Discurso de Domingo;
- Ditos de Jesus ao Rei Abgar;
- Ensinamentos de Silvano;
- Ensinamentos do Apóstolo Tadeu;
- Ensinamentos dos Apóstolos;
- Epístola aos Laodicenses;
- Epístola de Herodes a Pôncio Pilatos;
- Epístola de Jesus ao Rei Abgar (2 versões);
- Epístola de Pedro a Filipe;
- Epístola de Pôncio Pilatos a Herodes;
- Epístola de Pôncio Pilatos ao Imperador;
- Epístola de Tibério a Pôncio Pilatos;
- Epístola do Rei Abgar a Jesus;
- Epístola dos Apóstolos;
- Eugnostos, o Bem-Aventurado;
- Evangelho Apócrifo de João;
- Evangelho Apócrifo de Tiago;
- Evangelho Árabe de Infância;
- Evangelho Armênio de Infância (fragmentos);
- Evangelho da Verdade;
- Evangelho de Bartolomeu;
- Evangelho de Filipe;
- Evangelho de Marcião;
- Evangelho de Maria Madalena (ou Evangelho de Maria de Betânia);
- Evangelho de Matias (ou Tradições de Matias);
- Evangelho de Nicodemos (ou Atos de Pilatos);

- Evangelho de Pedro;
- Evangelho de Tomé o Dídimo;
- Evangelho do Pseudo-Mateus;
- Evangelho do Pseudo-Tomé;
- Evangelho dos Ebionitas (ou Evangelho dos Doze Apóstolos);
- Evangelho dos Egípcios;
- Evangelho dos Hebreus;
- Evangelho Secreto de Marcos;
- Exegese sobre a Alma;
- Exposições Valentinianas;
- Fragmentos Evangélicos Conservados em Papiros;
- Fragmentos Evangélicos de Textos Coptas;
- História de José o Carpinteiro;
- Infância do Salvador;
- Julgamento de Pôncio Pilatos;
- Livro de João o Teólogo sobre a Assunção da Virgem Maria;
- Martírio de André;
- Martírio de Bartolomeu;
- Martírio de Mateus;
- Morte de Pôncio Pilatos;
- Natividade de Maria;
- O Pensamento de Norea;
- O Testemunho da Verdade;
- O Trovão, Mente Perfeita;
- Paralipômenos de Jeremias;
- Passagem da Bem-Aventurada Virgem Maria;
- Pistris Sophia (fragmentos);
- Prece de Ação de Graças;
- Prece do Apóstolo Paulo;

- Primeiro Apocalipse de Tiago;
- Proto-Evangelho de Tiago;
- Retrato de Jesus;
- Retrato do Salvador;
- Revelação de Estevão;
- Revelação de Paulo;
- Revelação de Pedro;
- Sabedoria de Jesus Cristo;
- Segundo Apocalipse de Tiago;
- Sentença de Pôncio Pilatos contra Jesus;
- Sobre a Origem do Mundo;
- Testemunho sobre o Oitavo e o Nono;
- Tratado sobre a Ressurreição;
- Vingança do Salvador;
- Visão de Paulo.

Manuscritos de Qumran:

- A Nova Jerusalém (5Q15);
- A Sedutora (4Q184);
- Antologia Messiânica (4Q175);
- Bênção de Jacó (4QPBI);
- Bênçãos (1QSb);
- Cânticos do Sábio (4Q510-4Q511);
- Cânticos para o Holocausto do Sábado (4Q400-4Q407/11Q5-11Q6);
- Comentários sobre a Lei (4Q159/4Q513-4Q514);
- Comentários sobre Habacuque (1QpHab);
- Comentários sobre Isaías (4Q161-4Q164);
- Comentários sobre Miqueias (1Q14);
- Comentários sobre Naum (4Q169);
- Comentários sobre Oseias (4Q166-4Q167);

- Comentários sobre Salmos (4Q171/4Q173);
- Consolações (4Q176);
- Eras da Criação (4Q180);
- Escritos do Pseudo-Daniel (4QpsDan/4Q246);
- Exortação para Busca da Sabedoria (4Q185);
- Gênesis Apócrifo (1QapGen);
- Hinos de Ação de Graças (1QH);
- Horóscopos (4Q186/4QMessAr);
- Lamentações (Apócrifo) (4Q179/4Q501);
- Maldições de Satanás e seus Partidários (4Q286-4Q287/4Q280-4Q282);
- Melquisedeque, o Príncipe Celeste (11QMelq);
- O Triunfo da Retidão (1Q27);
- Oração Litúrgica (1Q34/1Q34bis);
- Orações Diárias (4Q503);
- Orações para as Festividades (4Q507-4Q509);
- Os Iníquos e os Santos (4Q181);
- Os Últimos Dias (4Q174);
- Palavras das Luzes Celestes (4Q504);
- Palavras de Moisés (1Q22);
- Pergaminho de Cobre (3Q15);
- Pergaminho do Templo (11QT);
- Prece de Nabonido (4QprNab);
- Preceito da Guerra (1QM/4QM);
- Preceito de Damasco (CD);
- Preceito do Messianismo (1QSa);
- Regra da Comunidade (1QS);
- Rito de Purificação (4Q512);
- Salmos Apócrifos (11QPsa);
- Samuel Apócrifo (4Q160);

- Testamento de Amran (4QAm).

Outros escritos “apócrifos”:

- História do Sábio Ahicar;
- Livro do Pseudo-Fílon.

12.3. A IMPORTÂNCIA DO CÂNON

O termo “cânon”, em gramática, significa “regra”. Em cronologia, “uma tabela de datas”. Em literatura, “uma lista de obras que podem ser atribuídas a um determinado autor”. Assim, o cânon bíblico pode ser entendido como “os livros cujo autor foi Deus” ou, mais exatamente, as **obras cujos autores foram inspirados por Deus**. Isso implica que [as obras não incluídas no cânon não são reconhecidas como inspiradas por Deus](#).

Por exemplo, se um alguém quer ler sobre Deus, facilita muito ter em mãos uma lista de livros que, com base em consenso, concordância e análise, certamente é como os livros de Deus. Se alguém quiser ler sobre os escritos dos apóstolos de Cristo, seria uma pena acabar lendo, sem saber, o livro de um autor que não foi inspirado por Deus que simplesmente “assinou em nome de um apóstolo” e contradisse o que Deus afirmou.

Cânones literários são importantes porque apenas as obras genuínas de um autor (no caso, o Espírito Santo) podem revelar seu pensamento. Uma inclusão de escritos não inspirados no cânon pode tanto deformar quanto exprimir erroneamente os princípios que Deus deseja transmitir. Se não for possível estabelecer um cânon do Antigo Testamento e do Novo Testamento com rigor, suas autoridades são incertas e o padrão fixo para a fé será comprometido.

O cânon não pode ser determinado unicamente com base na aceitação dos livros. Há obras que foram recebidas prontamente em muitas igrejas, umas poucas obras foram aceitas com hesitação por certas igrejas e rejeitadas por outras, e algumas outras foram mencionadas apenas em datas relativamente tardias, ou então tiveram seus conteúdos realmente debatidos.

Não é verdade que aqueles que analisavam os livros e criavam os cânones eram destituídos de espírito crítico e que aceitavam qualquer coisa que impressionasse a imaginação. A crítica dos antigos não era menos falível do que a crítica dos especialistas modernos. Em verdade, os antigos tinham acesso a registros e a tradições que já pereceram, e seu testemunho não pode ser posto de lado simplesmente por não pertencer ao século atual.

Vejamos a seguir mais informações a respeito do processo de canonização do Antigo Testamento [109]:

1. As antigas leis mosaicas foram preservadas na Arca da Aliança (Deuteronômio 31:9), inicialmente dentro do tabernáculo e, depois, no templo. Elas eram copiadas sem alteração (Deuteronômio 4:2; 12:32) e lidas publicamente a cada sete anos (Deuteronômio 31:10-13).
2. O autor de um escrito inspirado tinha que ser um profeta israelita que falasse em nome de Deus, e o cumprimento das profecias de alcance limitado era fator de autenticação (Jeremias 28:15-17). Por fim, suas mensagens eram guardadas com reverência e obediência.
3. A autoridade dos livros canônicos era reconhecida desde a data de sua composição, e os profetas posteriores frequentemente citavam as obras de seus antecessores como Escritura inspirada (por exemplo, Jeremias 26:18 cita Malaquias 3:12 e Daniel 9:2 alude a Jeremias 25:11-12).
4. Os escritos rabínicos e de historiadores judeus antigos, como Flávio Josefo, dão farto testemunho de que a autoria profética era essencial para que um livro fosse incluído no cânon. A conclusão do Antigo Testamento coincidiu com a cessação da atividade profética antes de Cristo (cerca de 400 a.C.).
5. As testemunhas mais antigas numeravam os livros do Antigo Testamento com até 24 livros, mas isso porque os doze profetas menores eram unidos em um único livro. Além disso, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1

e 2 Crônicas e Esdras e Neemias eram contados como um livro. No final das contas, há uma correspondência bastante antiga dos 39 livros que constituem o Antigo Testamento do cânon judaico atual. Outras listas juntavam Juízes, Rute, Lamentações e Jeremias para formar um cânon com 22 livros e, assim, corresponder ao número de letras do alfabeto hebraico.

6. Os livros do Antigo Testamento eram às vezes divididos em três categorias: a Lei, os Profetas e os Salmos. Tais categorias, comportando os 39 livros do cânon hebraico, já apareceram assim na Septuaginta, e fragmentos de todos eles, exceto Ester e 1 Crônicas, foram encontrados entre os rolos dos pergaminhos do Mar Morto, os quais datam aproximadamente de 150 a.C. a 150 d.C. Jesus e os apóstolos, ao falarem sobre “a Lei e os Profetas”, reconheceram esse mesmo cânon.
7. No [Conselho de Jâmnia](#), alguns livros do Antigo Testamento foram debatidos pelos estudiosos judeus, sob a suposição de que já eram aceitos como canônicos. Ali foram discutidas as aparentes discrepâncias entre os relatos (como entre Ezequiel 40-48 e Levítico), o visível ceticismo de Eclesiastes, o erotismo de Cântico dos Cânticos e a falta de uma referência direta a Deus em Ester. Após análise, esses livros permaneceram canonizados.

Sobre o cânon do Novo Testamento, F. F. Bruce escreveu:

Uma coisa precisa ser afirmada com toda ênfase: os livros do Novo Testamento não se tornaram escritos revestidos de autoridade para a Igreja porque foram formalmente incluídos em uma lista canônica; pelo contrário, a Igreja os incluiu no cânon porque já os considerava divinamente inspirados, reconhecendo neles o valor inato e, em geral, a autoridade apostólica, direta ou indireta [\[110\]](#).

Merrill C. Tenney escreveu:

Primeiro, a inspiração desses documentos pode ser apoiada pelo seu conteúdo intrínseco. Segundo, essa inspiração pode ser corroborada pelo seu efeito moral. Finalmente, o testemunho histórico da Igreja cristã mostrará o valor que era dado a esses livros [os inspirados], se bem que **a Igreja não fez com que eles fossem inspirados ou canônicos – isso estava nos próprios livros.**

[...] todos eles têm como tema central a pessoa e a obra de Jesus Cristo.

Os apócrifos, tanto os “evangelhos” como os “atos”, preocupam-se mais com milagrarías do que com o ensino, e as poucas epístolas apócrifas não passam de mosaicos de trechos extraídos do cânon reconhecido. Em exatidão de narrativa, de profundidade de ensino e do aspecto cristocêntrico, há uma diferença discernível entre os livros canônicos e os que não são [\[111\]](#).

A seguir demonstraremos os critérios de canonização do Novo Testamento [\[112\]](#):

1. O texto deveria refletir a doutrina pura de Cristo e dos apóstolos. Textos que entrassem em contradição com essa doutrina deveriam ser desconsiderados.
2. O cânon deveria incluir os relatos mais antigos e mais fiéis a respeito de Jesus e a respeito da igreja primitiva. Foram selecionados apenas textos de apóstolos ou de pessoas associadas a eles. Os textos que afirmavam ser de autoria apostólica eram analisados cuidadosamente e, se suspeitas quanto a sua autenticidade fossem levantadas, eram descartados. Os evangelhos de Marcos e Lucas foram escritos por um companheiro de Pedro e por um colaborador de Paulo. Os outros evangelhos, cartas, e o Livro de Apocalipse apresentam inquestionáveis conexões apostólicas.
3. Textos que eram populares apenas em uma única região eram considerados duvidosos, enquanto aqueles que nutriam grande aceitação, tanto no oriente quanto em Roma, eram incluídos no cânon. Mesmo que alguns textos apostólicos tenham sido escritos para comunidades locais, seus conteúdos eram rapidamente considerados úteis para todas as congregações.

Textos como “O Pastor de Hermas” e a “Epístola de Barnabé” eram tidos com muita estima pelos cristãos, mas não foram considerados canônicos porque foram escritos muito tarde e não tinham relação direta com os apóstolos ou seus seguidores. Tais textos não continham nenhuma heresia e, portanto, não foram desprezados,

servindo como leitura devocional para muitos cristãos. Assim, é derrubada a alegação de que “os cristãos eram orientados a não ler quaisquer textos que estivessem fora do cânon”.

12.4. A IGREJA CATÓLICA ROMANA SOBRE OS APÓCRIFOS

Os livros deuterocanônicos foram rejeitados pelos judeus como não sendo inspirados e, portanto, como não sendo do Antigo Testamento hebreu. Não foi antes do **século dezesseis** que os escritos apócrifos receberam o reconhecimento oficial por parte da Igreja Católica Romana como sendo “iguais” às Escrituras. No entanto, as igrejas protestantes como um todo, assim como os judeus, rejeitam a inspiração dos apócrifos.

A Igreja Católica Romana, também conhecida como igreja de Roma, favorece escritos apócrifos apoiados em vários pontos, incluindo:

1. Suas aparições na LXX (Septuaginta), a tradução grega do Antigo Testamento.
2. O fato de que a LXX foi aceita pela igreja primitiva.
3. A concordância de Agostinho de que eles estão inclusos no cânon do Antigo Testamento.
4. A consideração da tradição oral de Roma.
5. O entendimento de que a Igreja Católica Romana pode produzir as Escrituras.
6. A análise de que os apócrifos sustentam pontos de interesse doutrinário da Igreja Católica Romana.

Em relação a esse último ponto, **o Concílio de Trento considerou que os apócrifos serviram com alguns pontos para a formulação de determinadas doutrinas.** Assim, com sua oficialização, essas doutrinas seriam sustentadas com mais poder. O Concílio de Trento considerou que as referidas doutrinas, de qualquer forma, são fruto de tradição e da produção escritural da própria Igreja Católica Romana, as quais têm autoridade em si mesmas. Em outras palavras:

- Foi considerado que a Igreja Católica Romana tem autoridade de produzir as Escrituras e foi fortalecida a tradição oral do “cristianismo latino”;
- Os livros apócrifos ajudaram na formulação de algumas doutrinas da Igreja Católica Romana: o **purgatório**, a **justiça das obras** e as **indulgências**;
- Essas doutrinas brotaram a “autoridade escritural” e oral da Igreja Católica Romana;
- Os apócrifos apoiaram conceitos de que a Igreja Católica Romana, em sua vislumbrada “autoridade escritural” e de tradição, estava definindo ao longo do tempo.

Portanto, a aceitação dos apócrifos depende totalmente da validade das doutrinas que consideram a Igreja Católica Romana como uma instituição com capacidade de produção escritural e doutrinária, com ênfase no poder da tradição [113].

Em resposta a isso, vale ressaltar que a única coleção antiga das Escrituras que incluiu obras apócrifas foi a LXX (Septuaginta) e suas traduções derivadas. Os apócrifos nunca contaram com apoio amplo como os livros canônicos do Antigo Testamento. Gleason Archer afirmou:

Mesmo no caso da Septuaginta, os livros apócrifos mantiveram uma existência bastante incerta. O Codex Vaticanus (B) não tem 1 e 2 Macabeus (canônicos, segundo Roma), mas inclui 3 Esdras (não canônico, de acordo com a Roma). O Sinaiticus (Aleph) omite Baruque (canônico, segundo Roma), mas inclui 4 Macabeus (não canônico, de acordo com a Roma) [...]. Assim, verifica-se que até mesmo os três primeiros manuscritos ou a LXX mostram uma considerável incerteza quanto a quais livros constituem a lista dos apócrifos, e que os aceitos pela igreja romana não são de forma alguma fundamentados pelo testemunho dos grandes unciais do quarto e quinto séculos [114].

12.5. OS EVANGELHOS GNÓSTICOS SÃO A HISTÓRIA REAL DE JESUS? [115]

Em 1945, ocorreu uma descoberta no Egito Alto, perto da cidade de Nag Hammadi. Cinquenta e duas cópias de escritos antigos, chamados de “evangelhos gnósticos”, foram encontrados em 13 códices de papiro encadernados em couro (livros escritos à mão). Eles foram escritos em copta e pertenceram a uma biblioteca em um mosteiro.

Alguns estudiosos gnósticos têm ido tão longe a ponto de afirmar que esses escritos recentemente descobertos são a autêntica história de Jesus em vez do Novo Testamento. Mas será que a fé nesses documentos vai se enquadrar com a evidência histórica? Vamos examinar mais profundamente para separar a verdade da ficção.

12.5.1. CONHECEDORES SECRETOS

Os evangelhos gnósticos são atribuídos a um grupo conhecido como “gnósticos”. Seu nome vem da palavra grega *gnosis*, a qual significa “conhecimento”. Essas pessoas pensavam que tinham conhecimento secreto e especial escondido das pessoas comuns.

Conforme o cristianismo se espalhava, os gnósticos misturaram algumas doutrinas e elementos do cristianismo em suas crenças, transformando o gnosticismo em um falso cristianismo. Talvez fizeram isso para manter os números altos de recrutamento e fazer de Jesus um “garoto propaganda” para sua causa. No entanto, para que o seu sistema de pensamento se encaixasse com o cristianismo, Jesus precisava ser alterado, despojado de sua humanidade e sua divindade.

Em “The Oxford History of Christianity”, John McManners escreveu sobre a mistura de crenças cristãs e míticas dos gnósticos:

Gnosticismo foi (e ainda é) uma teosofia com muitos ingredientes. Ocultismo e misticismo oriental se tornaram fundidos com a astrologia, magia. [...] Eles coletaram palavras de Jesus e as moldaram para caber em sua própria interpretação (como no Evangelho de Tomé), e ofereceram a seus aderentes uma forma alternativa ou rival do cristianismo [116].

12.5.2. CRÍTICOS ANTIGOS

As ideias embrionárias da filosofia gnóstica já estavam crescendo no primeiro século, apenas décadas depois da morte de Jesus. Os apóstolos, no seu ensino e escritos, fizeram um grande esforço para condenar essas crenças como sendo opostas às verdades de Jesus, de quem eles foram testemunhas oculares. Observe, por exemplo, o que o apóstolo João escreveu perto do fim do primeiro século:

Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo: aquele que nega o Pai e o Filho. (1 João 2:22, “Nova Versão Internacional”).

Seguindo o ensinamento dos apóstolos, os líderes da igreja primitiva condenaram unanimemente os gnósticos como um culto. O “pai da igreja” Irineu, escrevendo 140 anos antes do Concílio de Niceia, confirmou que os gnósticos foram condenados pelas igrejas como heréticos. Ele também rejeitou os seus “evangelhos”. No entanto, referindo-se aos quatro evangelhos do Novo Testamento, ele disse: “Não é possível que os evangelhos possam ser mais ou menos numerosos do que já são” [117].

Outro “pai da igreja”, Orígenes, escreveu isto no início do terceiro século, mais de cem anos antes do Concílio de Niceia:

Eu sei de um certo evangelho que é chamado de “o Evangelho de Acordo com Tomé” e um “Evangelho de Matias”, e muitos outros temos lido – a fim de que não devamos, de forma alguma, ser considerados ignorantes por causa daqueles que imaginam que possuem algum conhecimento se estão familiarizados com esses.

Não obstante, entre todos esses, nós temos aprovado apenas o que a Igreja tem reconhecido, os quais são **apenas os quatro evangelhos que devem ser aceitos** [118].

12.5.3. AUTORES MISTERIOSOS

Quando se trata dos evangelhos gnósticos, quase cada um dos livros leva o nome de um personagem do Novo Testamento: o “Evangelho de Filipe”, o “Evangelho de Pedro”, o “Evangelho de Maria”, e assim por diante. Mas eles ao menos foram escritos por seus alegados autores? Vamos examinar.

Os evangelhos gnósticos são datados de cerca de 110 a 300 anos depois de Cristo, e nenhum estudioso crível acredita que qualquer um deles poderia ter sido escrito por seus homônimos. No abrangente “The Nag Hammadi Library” de James M. Robinson aprendemos que os evangelhos gnósticos foram escritos por “em grande parte autores não relacionados e anônimos” [119].

O estudioso do Novo Testamento Norman Geisler escreveu: “Os escritos gnósticos não foram escritos pelos apóstolos, mas por homens no segundo século (e posteriores), **fingindo usar a autoridade apostólica para avançar seus próprios ensinamentos. Hoje nós chamamos isso de fraude e falsificação**” [120].

12.5.4. MISTÉRIO VERSUS HISTÓRIA

Os evangelhos gnósticos não são relatos históricos da vida de Jesus, mas em vez disso são dizeres em grande parte esotéricos, envoltos em mistério, deixando de fora detalhes históricos, tais como nomes, lugares e eventos. Isso está em forte contraste com os evangelhos do Novo Testamento, os quais contêm inúmeros fatos históricos sobre a vida, o ministério e as palavras de Jesus.

Em quem você seria mais propenso a acreditar, em alguém que diz “Eu tenho alguns fatos secretos que me foram misteriosamente revelados”, ou em alguém que diz “Eu procurei pelas evidências e história e aqui está algo para que você possa tomar uma decisão a respeito”? Mantendo essa pergunta em mente, considere as duas declarações seguintes, a primeira do evangelho gnóstico de “Tomé”, e a segunda do evangelho do Novo Testamento de Lucas:

Estas são as **palavras ocultas** que o Jesus vivo falou e Judas Tomé o gêmeo registrou [121].

Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo **investiguei** tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um **relato ordenado**, ó excelentíssimo Teófilo, para que **tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas**. (*Lucas 1:1-4, “Nova Versão Internacional”*).

Você acha a abordagem aberta e honesta de Lucas atraente? E você acha que o fato de que seu evangelho foi escrito mais perto dos eventos originais está a favor de sua confiabilidade? Se assim for, isso é o que a igreja primitiva pensava também.

Muitos estudiosos concordam com visão da igreja primitiva de que o Novo Testamento é a história autêntica de Jesus. O estudioso do Novo Testamento Raymond Brown disse o seguinte sobre os evangelhos gnósticos: “Nós não aprendemos um único novo fato verificável sobre o ministério do Jesus histórico, e apenas algumas novas palavras que possivelmente poderiam ter sido suas” [122].

Assim, mesmo que os escritos gnósticos tenham impressionado alguns estudiosos, sua datação tardia e autoria duvidosa não pode se comparar com o Novo Testamento. Esse contraste entre o Novo Testamento e os escritos gnósticos é devastador para aqueles que defendem teorias de conspiração.

O historiador do Novo Testamento F. F. Bruce escreveu: “Não há corpo de literatura antiga do mundo que goze de tamanha boa atestação textual como o Novo Testamento” [123].

12.6. PROBLEMAS COM OS APÓCRIFOS

Como já estudamos anteriormente, [após a destruição de Jerusalém em 70 d.C., o sistema sacrificial judaico foi terminado](#). Yochanan ben Zakkai remontou os líderes religiosos judeus do Sinédrio e, no Conselho de Jâmnia (90 d.C.), eles reconfirmaram os livros do Antigo Testamento para que permanecessem como texto unificador do

povo judeu disperso. **A coleção do Antigo Testamento permaneceu como é desde a sua coalescência entre 400 e 300 a.C. [124]. Livros apócrifos foram excluídos do cânon reconhecido no Conselho de Jâmnia.**

Um dos “pais da igreja”, Jerônimo (345-420 d.C.), considerou em sua tradução, a Vulgata, os apócrifos como parte diferenciada do Antigo Testamento hebraico. A Vulgata foi traduzida do original hebraico, mas antes dela já havia outra tradução em latim, a **Vetus latina**, copiada a partir da Septuaginta. Documentos que não constavam na Bíblia hebraica acabaram sendo incluídos na Septuaginta, e então dali foram traduzidos para a Vetus. **Jerônimo não excluiu esses documentos da Vulgata, mas em vários pontos informou, com várias notas explicativas, que os referidos documentos não eram originais da Bíblia, identificando-os como apócrifos.** É possível que Jerônimo tenha seguido os passos de Orígenes, pois ele já havia declarado, cerca de um século e meio antes, que **os judeus usavam o termo “apócrifo” para denominar seus livros não canônicos, porém apreciados.** Além disso, o estudioso das Escrituras considerou como “apócrifos” documentos não canônicos de origem “cristã”, como “O Pastor de Hermas” [125].

Muitos “pais da igreja” (Orígenes, Atanásio, Crisóstomo e Jerônimo) **raramente citavam os apócrifos e não se sentiam confortáveis com a questão da sua canonicidade.** As primeiras cópias manuscritas da Septuaginta (séculos 4 e 5 d.C.) incluíam alguns dos apócrifos, provavelmente adicionados como literatura adicional. A lista deles não corresponde adequadamente aos livros apócrifos designados no Concílio de Trento em 1546 [126].

O reformador Martinho Lutero contestou uma passagem do livro deuterocanônico de 2 Macabeus (12:45-46) por ser usada pela Igreja Católica Romana para sustentar a doutrina do purgatório e da venda de indulgências. Quando traduziu a Bíblia para o alemão em 1534, Lutero também traduziu os apócrifos, mas os colocou em um suplemento separado do Antigo Testamento. O Concílio de Trento rejeitou as posições de Lutero e declarou livros apócrifos como deuterocanônicos, os quais se encontram nas “bíblias católicas” de hoje. As igrejas protestantes, embora reconhecessem o valor dos deuterocanônicos para edificação particular, os rejeitam como Escrituras.

É evidente que nem todas as cópias da Septuaginta incluíram os mesmos livros apócrifos. Apesar de sua aparência esporádica ao lado do cânon tradicional do Antigo Testamento, a crença de Jerônimo foi que **obras apócrifas ocasionais foram incluídas porque elas eram consideradas edificantes – não porque eram inerrantes** [127]. Edward Young observa o seguinte a respeito dos livros apócrifos:

Tanto Judite quanto Tobias contêm erros históricos, cronológicos e geográficos. Os livros justificam a falsidade e o engano e fazem a salvação depender do esforço humano [...]. Eclesiástico ensina que dar esmolas faz expiação do pecado, e em 1 Macabeus há erros históricos e geográficos [128].

Uma questão muito importante é que **livros apócrifos não alegam ser inspirados por Deus, nem há evidência de que Cristo, ou qualquer um dos apóstolos, consideraram esses escritos com tal autoridade:**

Não há registro de que Cristo ou qualquer um dos apóstolos sequer citaram algo dos livros apócrifos ou que fizeram qualquer referência a eles, embora, sem dúvida, soubessem sobre a existência deles. Há no Novo Testamento cerca de 260 citações diretas e cerca de 370 alusões a passagens do Antigo Testamento; no entanto, entre todas essas citações ou alusões, não há uma única referência, nem por Cristo nem por qualquer um dos apóstolos, em relação aos escritos apócrifos. Eles fizeram citações de todos os grandes livros do Antigo Testamento e, dos menores, de todos exceto quatro [129].

Gleason Archer ainda escreveu:

[...] o testemunho do Novo Testamento é mais decisivo contra a canonicidade dos catorze livros apócrifos. [...] Embora tenha sido apontado que mera citação não estabelece necessariamente a canonicidade, não obstante, é inconcebível que os autores do Novo Testamento poderiam ter considerado os livros apócrifos da Igreja Católica Romana como canônicos e nem sequer uma vez terem citado algo deles ou terem se aludido a qualquer um deles [130].

Até mesmo o endosso dos apócrifos por parte de Agostinho é duvidoso:

Por um lado, ele [Agostinho] jogou sua influência no Concílio de Cartago (397 d.C.) a favor da inclusão de todos os catorze como canônicos; por outro lado, quando um antagonista fez um apelo usando uma passagem

de 2 Macabeus para resolver um argumento, Agostinho respondeu que sua causa deve ser fraca por ele ter que recorrer a um livro que não estava na mesma categoria que aqueles recebidos e aceitos pelos judeus.

A defesa ambígua dos apócrifos por parte de Agostinho é mais do que contrabalanceada pela posição contrária do reverenciado Atanásio (que morreu em 365 d.C.), tão altamente considerado pelo Oriente e Ocidente como o campeão da ortodoxia trinitária. Em sua trigésima nona carta ele discutiu os “livros particulares e seu número, que são aceitos pela Igreja”. No parágrafo 4 ele diz: “Há, então, do Antigo Testamento, vinte e dois livros em número” [alguns livros, como Esdras e Neemias, estavam contidos em um mesmo livro], e ele procede a enumerar os mesmos livros que são encontrados no texto massorético, aproximadamente na mesma ordem que está na Bíblia protestante. Nos parágrafos 6 e 7, ele afirma que os livros extrabíblicos [ou seja, os catorze deuterocanônicos] “não são incluídos no cânon”, mas meramente “atribuídos para serem lidos” [131].

Norman Geisler afirmou que a Bíblia hebraica se formou de modo bastante sólido e coerente, com considerável unidade de critério [132]:

- Moisés escreveu os cinco primeiros livros da Bíblia (a Torá) e eles foram colocados no Lugar Santíssimo (Deuteronômio 31:24-26);
- O Livro de Josué, sucessor de Moisés, foi adicionado à coletânea logo depois da sua morte (Josué 24:26);
- Da mesma forma, os livros de Samuel e dos profetas foram adicionados logo depois de terem sido escritos (1 Samuel 10:25; Zacarias 7:12);
- Daniel tinha uma coletânea dos livros de Moisés e dos textos proféticos até a sua época, incluindo o livro de seu contemporâneo, Jeremias (Daniel 9:2).

Mas e quanto aos apócrifos? Norman Geisler ressaltou que tais livros não pertencem ao cânon original por diversos motivos [133]:

- Ao contrário dos livros do “primeiro cânon”, os apócrifos não têm uma alegação, explícita ou implícita, de que são inspirados por Deus – alguns até mesmo afirmam que não são (2 Macabeus 15:37-39);
- Eles foram escritos entre 250 a.C. e o século 1 d.C., porém, segundo o judaísmo, o Espírito da profecia tinha se afastado de Israel por volta de 400 a.C. (1 Macabeus 9:25; 14:41);
- Flávio Josefo forneceu os nomes e números do Antigo Testamento judaico, correspondendo exatamente aos 39 livros canônicos do Antigo Testamento da Bíblia;
- O judaísmo, produtor dos livros apócrifos, nunca os aceitou na Bíblia hebraica;
- Jesus e os apóstolos jamais citaram os referidos apócrifos como sendo obras inspiradas;
- Muitos “pais da igreja” dos quatro primeiros séculos não aceitaram esses livros como inspirados;
- Jerônimo distinguiu enfaticamente o caráter não inspirado dos apócrifos;
- A aceitação desses livros no Concílio de Trento carece de alguns esclarecimentos. Segundo Geisler, **são os judeus, e não os cristãos, que têm que determinar o cânon do Antigo Testamento.** Tendo isso em mente, **a decisão foi tomada tarde demais (século 16 d.C.) e foi tida pelos motivos errados, como questões doutrinárias e uma oposição enérgica à Reforma.**

12.7. O MAIOR PROBLEMA DE LIVROS NÃO CANÔNICOS

Dentre todos os problemas apresentados em relação aos livros não canônicos, um é de especial destaque: a **presença de trechos que não encontram nenhum fundamento evidente dos livros canônicos, e até mesmo contradizem a doutrina revelada neles. Isso é um problema gravíssimo que exclui a possibilidade de inspiração de qualquer tipo de escrito.**

Uma vez que Deus direcionou suas palavras para serem registradas, essas palavras permaneceram sendo identificadas pelo que poderia ser considerado como a “assinatura de Deus”. Ou seja, registros inspirados têm que exibir as idênticas características de comunicações anteriores que tinham sido recebidas de Deus. Os livros não canônicos simplesmente não possuem essas características.

Uma análise do conteúdo dos apócrifos revela algumas passagens bem complicadas, embora sejam encontradas passagens que ganham sustentação no Novo Testamento, como Sabedoria de Salomão 4:7 e Sabedoria de Salomão 5:16, as quais falam sobre o juízo pessoal após a morte, em concordância com Hebreus 9:27. Eis alguns dos problemas encontrados pelos reformadores:

- Em Tobias 12:15 é dito que sete anjos permanecem diante de Deus e apresentam para ele as orações dos santos;
- Em 2 Macabeus 15:13-14 é dito que um profeta falecido ora pelo povo de Deus na terra;
- Em Sabedoria 8:19-20 e em Eclesiástico 1:14 é informado que os justos são as pessoas que receberam uma alma boa ao nascerem;
- Em 2 Macabeus 12:40-45 é incentivada a oração pelo perdão dos pecados dos mortos.

Tobias 12:15 e 2 Macabeus 15:13-14 não encontram nenhum apoio no Antigo Testamento nem no Novo Testamento. 2 Macabeus 15:13-14 pode ter possibilitado algum apoio ao conceito católico romano de oração para os santos falecidos. Embora aparentemente não sejam detectados grandes problemas nos textos de Tobias 12:15 e Eclesiástico 1:14, reformadores apontaram que existe um problema de interpretação neles. 2 Macabeus 15:13-14, Sabedoria 8:19-20, Eclesiástico 1:14 e 2 Macabeus 12:40-45, sem dúvida, **contrariam o ensino do Novo Testamento sobre a regeneração, a justificação e a vida presente como o período de provação** [134].

Ainda há outros exemplos de discrepâncias dos deutero-canônicos com as Escrituras. Um exemplo é a **prática de magia/feitiçaria no livro de Tobias. Qualquer tipo de magia/feitiçaria sempre foi expressamente proibido por Deus nas Escrituras**. Em Tobias 6:4-8, o anjo ordena a realização de um procedimento no qual a fumaça de um coração de peixe sobre brasas expulsa maus espíritos:

O anjo disse-lhe: pega-o pelas guelras e puxa-o para ti. Tobias assim o fez. Arrastou o peixe para a terra, o qual se pôs a saltar aos seus pés. O anjo então disse-lhe: abre-o, e guarda o coração, o fel e o fígado, que servirão para remédios muito eficazes. Ele assim o fez. A seguir ele assou uma parte da carne do peixe, que levaram consigo pelo caminho. Salgaram o resto, para que lhes bastasse até chegarem a Ragés, na Média. Entretanto, Tobias interrogou o anjo: Azarias, meu irmão, peço-te que me digas qual é a virtude curativa dessas partes do peixe que me mandaste guardar. O anjo respondeu-lhe: **se puseres um pedaço do coração sobre brasas, a sua fumaça expulsará toda espécie de mau espírito, tanto do homem como da mulher, e impedirá que ele volte de novo a eles.** (Tobias 6:4-8, “*Bíblia Ave Maria*”).

Nas Escrituras, pecadores não podem ser justificados por mérito próprio, mas o Livro de Tobias ensina o perdão de pecados por meio de esforços humanos:

porque a esmola livra do pecado e da morte, e preserva a alma de cair nas trevas (Tobias 4:11, “*Bíblia Ave Maria*”).

porque a esmola livra da morte: ela apaga os pecados e faz encontrar a misericórdia e a vida eterna; (Tobias 12:9, “*Bíblia Ave Maria*”).

Há erros históricos nos livros de Judite e Baruque. O Livro de Judite ensina que Nabucodonosor era o rei dos assírios, sendo que, na verdade, ele foi o rei da Babilônia. Baruque diz que os judeus serviriam na Babilônia por sete gerações, enquanto Jeremias 25:11 declara que foram 70 anos.

Ora, no décimo segundo ano de seu reinado, **Nabucodonosor, que reinava sobre os assírios em Nínive**, a grande cidade, fez guerra a Arfaxad, e venceu-os (Judite 1:5, “*Bíblia Ave Maria*”).

Quando chegardes a Babilônia, será para ficardes lá por muito tempo, durante longos anos, **até sete gerações**. Depois disso, porém, farei com que volteis em paz (*Baruque 6:2, “Bíblia Ave Maria”*).

Quanto aos textos pseudépígrafos da era cristã, é importante ressaltar as seguintes considerações [135]:

- Havia paralelos pseudônimos de todos os tipos de literatura do Novo Testamento (evangelhos, Atos dos Apóstolos, epístolas e apocalipses);
- A maioria dos textos pseudépígrafos do período do Novo Testamento veio de fontes heréticas, o que explica muito bem a necessidade de falsificar assinaturas. Doutrinas esotéricas, fora da teologia da ortodoxia cristã, procuravam apoio mediante a teoria de que os ensinamentos secretos haviam sido transmitidos aos iniciados de uma seita, ainda que tivessem sido ocultos de outros. Outro apelo dos pseudépígrafos da era cristã está na sua aproximação cronológica dos autores originais do Novo Testamento;
- O fato de a pseudonimidade ser um fenômeno generalizado no mundo antigo não indica que as igrejas tenham aceitado tranquilamente esse tipo de material. A evidência sugere que uma posição firme foi tomada por ela contra tal prática. Tertuliano chegou a registrar o desligamento de um presbítero da igreja asiática que confessou ter escrito um livro chamado “Atos de Paulo”, demonstrando que essa prática não era aceita pelas igrejas.

Existem livros não canônicos que certamente foram criados com boas intenções, como “**Atos de Pilatos**”. Essa obra apresenta o procurador romano como um simpatizante de Cristo e, inclusive, homenageia a sua esposa. Não obstante, foi rejeitado, o que indica que **os cristãos não estavam preocupados em considerar textos simplesmente por seu conteúdo ideológico e politicamente proveitoso, tendo os critérios teológicos e a peneira de seleção canônica a primazia**. A ausência de textos apócrifos no cânon, mesmo os potencialmente úteis (como Atos de Pilatos), demonstra que **as igrejas não se preocuparam em tomar material conveniente e alterar os pontos teologicamente incoerentes para facilitar a sua aceitação**. Havia muita honestidade e sinceridade nas conclusões dos cristãos da igreja primitiva [136].

Tendo tudo isso em vista, é fato que qualquer escrito que ensine práticas não autorizadas pela Palavra de Deus, revelada nos livros canônicos da Bíblia, não pode ser considerado inspirado por Deus. Esse é o maior problema de todos os escritos não canônicos.

12.7.1. A FALSIDADE DOS EVANGELHOS NÃO CANÔNICOS

Há muito sensacionalismo sobre “textos que a igreja escondeu” que apresentam um Jesus incompatível com aquele que os evangelhos canônicos evidenciam. Na verdade, esses textos não são mais “escondidos”: todos estão disponíveis para leitura e tradução, como “A Biblioteca de Nag Hammadi” (organizada por James M. Robinson), “The Complete Gospels” (organizado por Robert J. Miller), ou “The Other Gospels: Non-Canonical Gospel Texts” (organizado por Ron Cameron) [137].

Eis a declaração de Eusébio de Cesareia (263-340 d.C.), historiador da Igreja, sobre os apócrifos:

Entre os espúrios devem ser alistados ambos os livros chamados “Atos de Paulo” e aquele chamado “O Pastor”, assim como o “Apocalipse de Pedro”. Além desses, os livros chamados “A Epístola de Barnabé” e as chamadas “Instituições dos Apóstolos”. [...] há também alguns que alistam entre esses o “Evangelho de Acordo com os Hebreus” [...]. **Pode-se dizer que esses são todos a respeito dos quais há alguma controvérsia**. Fomos, porém, obrigados a juntar aqui um catálogo também desses para distinguir os escritos verdadeiros, genuínos e bem autenticados, daqueles outros não incorporados ao cânon, os quais são igualmente discutíveis [...]. Assim, teremos condições de conhecer esses livros e os citados pelos hereges sob o nome dos apóstolos [...] **o caráter e o estilo em si [dos livros não canônicos] é muito diferente do caráter e estilo dos apóstolos, e os sentimentos, e o propósito dessas coisas que são neles apresentadas, desviando-se ao máximo da ortodoxia sadia, provam evidentemente serem ficções de homens heréticos** [138].

Seguem breves considerações sobre evangelhos não canônicos [139]:

1. Protoevangelho de Tiago: o título foi sugerido no século 16 d.C. O autor é desconhecido, tendo uma assinatura falsa para atribuir credibilidade.
2. Evangelho de Maria Madalena: foram encontrados dois fragmentos, um copta e outro grego, que resultaram na redação desse escrito. Alguns o têm como um escrito gnóstico. O texto em copta é do século 5 d.C. e o grego é do século 2 d.C.
3. Evangelho de Pedro: a atribuição a Pedro é fictícia. O documento é datado por volta da segunda metade do século 2 d.C., tendo sido originalmente redigido na Síria. Porém, alguns sugerem que a obra tenha sido escrita em Antioquia, na diocese de Serapião. Esse documento é muito fantasioso, com direito até a uma cruz falante.
4. Evangelho dos Egípcios: “pais da igreja” como Clemente, Hipólito e Epifânio identificam tal obra como gnóstica. Tendo um título contestável, é impossível saber quem foram os seus usuários originais. O documento foi redigido por volta da segunda metade do século 2 d.C.
5. Evangelho de Filipe: evangelho gnóstico, apresentando um Jesus substancialmente diferente daquele que nos é evidenciado nos evangelhos canônicos. Os textos preservados em copta datam do ano 300 d.C. ou 400 d.C., mas a datação dos originais, considerada controversa, está entre os anos 120 d.C. e 180 d.C.
6. Evangelho de Bartolomeu: tal evangelho apresenta uma história bastante exótica: Bartolomeu e Jesus dialogando com Belial (demônio). Foi escrito entre o século 2 e 3 d.C.
7. Evangelho Segundo os Hebreus: é o mais antigo dos evangelhos não canônicos, mas teve o seu texto extraviado. Apresenta uma literatura comumente empregada pelos ebionitas e nazarenos. Os nazarenos, provavelmente descendentes de judeus cristãos, migraram para a orla oriental do Jordão antes da queda de Jerusalém, em 70 d.C. Sobre os ebionitas há mais controvérsias: poderiam ser heresiarcas (fundadores ou líderes de seitas heréticas) que tinham esse evangelho para negar a divindade de Cristo, ou um grupo que, embasado na lei judaica, desprezava os escritos e os conceitos cristãos.
8. Evangelho Secreto de Marcos: na reunião anual da Sociedade de Literatura Bíblica, em Nova Iorque, em 1960, Morton Smith revelou que, no ano de 1958, encontrou parte de uma suposta carta de Clemente de Alexandria (150-215 d.C.), no Monastério Mar Saba, na Judeia. O mais intrigante desse material eram as citações de uma versão secreta do Evangelho de Marcos. Só há um problema com tudo isso: vastos estudos dos documentos originais mostraram que tudo não passava de fraude, de uma invenção recente, cujo autor provavelmente fosse o próprio Morton Smith: (a) no texto manuscrito há o que os especialistas em grafologia chamam de “tremor do forjador” – quando a letra não é escrita, mas desenhada na tentativa de imitar um estilo que não é o do autor; (b) comparações entre o documento original e outros manuscritos de Morton Smith evidenciaram sua autoria; (c) temas distintos que aparecem no documento já estavam presentes em obras publicadas por Morton antes de 1958; (d) há mofo e reutilização de folhas outrora impressas – as marcas de mofo impossibilitam que o achado seja do seco deserto da Judeia. Há ainda outras evidências de fraude.
9. O Evangelho de Judas: o códice foi encontrado no final da década de 1970, no Egito. Foi datado, após vastas análises, como advindo da época entre 220-340 d.C. A maioria dos estudiosos o coloca entre 300 e 320 d.C.

A principal consideração destacada aqui é a idade dos documentos. Sendo um material comprovadamente tardio e posterior aos textos canônicos, é altamente improvável termos nele uma base de confiança sobre Cristo, tendo em vista que já havia passado tempo suficiente para serem absorvidos ares míticos e conceitos gnósticos nessa literatura.

12.7.2. ESTUDO DE CASO: O EVANGELHO DE TOMÉ

Provavelmente o “Evangelho de Tomé” é o mais valorizado e famoso dos pseudepígrafos do Novo Testamento. Há muito sensacionalismo sobre esse escrito. Muitos tentam descaracterizar a figura de Cristo apresentada nos livros canônicos se baseando nele. Há até mesmo alguns que dizem que esse documento é mais antigo do que os evangelhos canônicos e, por isso, seria um relato mais fidedigno sobre Jesus.

Por exemplo, os defensores da originalidade e da antiguidade do Evangelho de Tomé, especialmente os representantes do Jesus Seminar com ênfase em John Dominic Crossan, afirmam que o documento “preserva uma tradição pré-sinótica”. Crossan cita Tomé 54: “Bem-aventurados os pobres, porque vosso é o reino dos céus”, vendo ali uma redação mais antiga do que a versão maior do grego de Mateus (que acrescenta “de espírito” depois de “pobres”).

Começemos explicando de onde veio o Evangelho de Tomé. Documentos escritos em copta datados de 350-380 d.C. encadernados em couro (códices) foram encontrados no Egito, próximo a Nag Hammadi, em 1945. Um deles foi de especial atenção por começar a se aludir a Cristo: “Estas são as palavras secretas que o Jesus vivo falou e Judas, o mesmo Tomé, escreveu.” Alguns “pais da igreja” dos séculos 3 e 4 d.C. já haviam comentado sobre um “evangelho” escrito sob o nome do apóstolo Tomé, então se imagina que esse documento seja o referenciado por eles. Craig Evans afirmou:

A obra, contendo um prólogo e 114 dizeres, a maioria atribuídos a Jesus. Após lida e traduzida, mostrou-se muito semelhante a outro documento, encontrado meio século antes em Oxirrinco, no Egito – são três fragmentos de papiro que contêm cerca de 20% do Evangelho de Tomé. Esses documentos gregos foram datados de 200 a 300 d.C. [140].

Bruce M. Metzger afirmou que o Evangelho de Tomé surgiu no século 5 d.C. em uma cópia em copta (traduzida por ele mesmo) que parece ter sido escrita antes, em grego, por volta de 140 d.C. Apesar das divergências, ao seu modo de ver, há algumas citações realmente proferidas por Cristo nesse documento, embora tenham sido acometidas de modificações [141].

Com relação à mensagem da obra, Craig Evans afirmou que se trata de **um escrito esotérico que relata ensinamentos secretos de Jesus reservados aos “discípulos mais aptos”.** O Jesus encontrado no Evangelho de Tomé é diferente do Jesus do Novo Testamento: sua mensagem é esotérica e a profundidade de seu ensino estava guardada apenas para uma “elite espiritual”. Enquanto o Jesus do Novo Testamento exorta para que seus discípulos tenham fé, o Jesus da obra pseudepígrafa estimula os discípulos a encontrarem a “interpretação das palavras” para que eles não provassem a morte. Há uma passagem similar a Mateus 7:7-11, mas com a diferença de que o esforço dos discípulos os traria surpresa, os faria reinar e achar descanso (e isso é totalmente incompatível com o evangelho pregado por Cristo e os apóstolos). **É nítido que o foco do Evangelho de Tomé está no misticismo do conhecimento, e não na fé.** A obra apresenta traços gnósticos bem evidentes. Os gnósticos foram caracterizados pelos “pais da igreja” dos séculos 3 e 4 d.C. como aqueles que “afirmavam ter o segredo ou o conhecimento secreto”. **Ainda que não seja um exemplo de gnosticismo totalmente desenvolvido, o Evangelho de Tomé apresenta fortes elementos dessa filosofia.**

O gnosticismo tende a considerar o Antigo Testamento e o povo hebreu como tendo pouco valor. Alguns gnósticos mais radicais chegaram a dizer que o mundo material é criação de um “deus mau” (referindo-se ao Deus de Israel). Elementos materiais eram considerados maus e, portanto, desprezados. Os elementos espirituais eram considerados superiores e eram atingidos por meio do conhecimento – a salvação não apontava para o perdão de pecados, mas para a libertação do corpo físico por meio de conhecimento. **Para certos gnósticos, a ideia de que o Cristo tenha vindo em carne e osso (coisas materiais tidas como más) e que tenha pregado contra o pecado era estranha.** Já nos primeiros séculos da “era cristã” houve mais de um tipo de pensamento gnóstico. **No primeiro século, o próprio apóstolo João combateu ideias gnósticas em suas epístolas.**

Quanto à data da redação do Evangelho de Tomé, o códice que o continha pode ser datado da primeira metade do século 4 d.C. Na verdade, a maioria dos códices de Nag Hammadi é da segunda metade do século 4 d.C., porém grande parte desses escritos são cópias de obras anteriores. Porém, como existem os fragmentos de Oxirrinco, é possível a consideração do pseudepígrafo como um texto datado entre o início e o meio do século 3

d.C. Um dos fragmentos foi escrito no início dos anos 200 d.C. A maioria dos acadêmicos concorda que o Evangelho de Tomé pode ter sido redigido no meio do século 2 d.C., porém **é praticamente impossível que tenha sido escrito antes de 170 d.C.** Há quatro boas evidências que indicam que o texto é posterior aos escritos bíblicos:

1. **O autor conhece muitos escritos do Novo Testamento.**
2. **Contém material dos evangelhos que acadêmicos consideram mais tardios.**
3. **Demonstra características de redação dos evangelhos canônicos.**
4. **Apresenta conhecimento de tradições tardias, especialmente a tradição cristã oriental da Síria.**

O autor conhece muitos escritos do Novo Testamento. Mais da metade dos escritos do Novo Testamento são citados ou aludidos no Evangelho de Tomé (Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos dos Apóstolos, Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Colossenses, 1 Tessalonicenses, 1 Timóteo, Hebreus, 1 João e Apocalipse). Parece uma colagem desse material e de livros não canônicos. O autor, no geral, interpreta os textos de maneira alegórica, sustentando ideias gnósticas do final do século 2 d.C. As tradições contidas no documento não refletem um cenário que pré-data os escritos do Novo Testamento. Crossan sugere versões hipotéticas anteriores do Evangelho de Tomé, mas não é possível saber se houve uma versão diferente daquela encontrada em Nag Hammadi e em Oxirrincó. A presença das muitas porções do Novo Testamento no escrito aponta para que ele se situe no século 2 d.C.

Contém material dos evangelhos que acadêmicos consideram mais tardios. Há uma boa quantidade de material de Mateus, Lucas e João no Evangelho de Tomé. Tal evidência é interessante tendo em vista que muitos estudiosos suportam Marcos e a suposta “fonte Q” como os documentos mais antigos.

Falemos um pouco sobre a tal “fonte Q”: Mateus, Marcos e Lucas são, por vezes, chamados de “evangelhos sinóticos”. A palavra “sinótico” significa “possível de ser visto em conjunto”. Pode-se colocar lado a lado o conteúdo desses evangelhos e compará-los. Grande parte do material é semelhante. Embora as narrativas possuam suas variações, sua semelhança é de tal ordem que é possível aos leitores concluírem que seu material deve ter uma origem comum. Os estudiosos creem que Marcos foi o primeiro evangelho e que Mateus e Lucas utilizaram o livro de Marcos ao prepararem os seus relatos (o próprio Lucas informa que realizou uma pesquisa antes de escrever seu evangelho). Eles sempre suavizam algumas das expressões mais fortes usadas por Marcos para descrever as emoções de Jesus, além de aprimorar o seu grego um tanto rudimentar.

O Evangelho de Tomé fica numa situação delicada se for considerado como tendo sido escrito primeiro, uma vez que faz uso de documentos que seriam mais recentes. Craig Evans apresentou 24 textos de Mateus, Lucas e João que, de alguma forma, reaparecem no Evangelho de Tomé. Sendo assim, como o documento poderia ser anterior aos evangelhos canônicos se apresenta numerosas evidências que, em sua redação, fez uso dos canônicos, tomando parte, em especial, daqueles que foram escritos por último?

Demonstra características de redação dos evangelhos canônicos. Antes de alguém sugerir que o Evangelho de Tomé é fruto de fatos independentes e mais antigos sobre Cristo, deve-se observar o uso dos textos redigidos pelos evangelistas canônicos. Se o Evangelho de Tomé é mais antigo, por que são encontrados nele características de redação de Mateus e de Lucas? O texto em Tomé equivalente a Mateus 13:24-30 e Mateus 15:13 possui a forma de redação bem similar à forma de redação que Mateus usou. Passagens do pseudepígrafo equivalentes a Mateus 12:50 (Tomé 99) e Mateus 15:11 (Tomé 34b) exibem características de redação de Mateus, mas sabe-se que a forma de redação mais antiga dessas passagens está no evangelho de Marcos. Portanto, se Tomé fosse mais antigo, a forma de redação deveria, teoricamente, se aproximar mais da forma de redação de Marcos, não da forma de redação de Mateus. A combinação “esmolas, oração e jejum” de Mateus 6:1-18 aparece de forma negativa no Evangelho de Tomé (Tomé 6 e 14), refletindo pensamento gnóstico. Os acontecimentos narrados em Marcos 4:22 aparecem em Tomé 5-6, mas ali é feito uso da versão redigida por Lucas. Na verdade, é bem evidente que o pseudepígrafo utilizou características de redação de Lucas em muitos outros textos: Tomé 10 usou Lucas 12:49; Tomé 14 usou Lucas 10:8-9; Tomé 16 usou Lucas 12:51-53 e Marcos 10:34-39; Tomé 55 usou Lucas 14:26-27 e Mateus 10:37.

Defensores da singularidade e antiguidade do Evangelho de Tomé afirmam que a redação mais curta de diversos textos, em comparação com os similares canônicos, indica uma composição mais antiga. Um exemplo muito utilizado é a “parábola dos maus administradores”, narrada nos evangelhos canônicos em Marcos 12:1-9, Mateus 21:33-41 e Lucas 20:9-16, parábola narrada também em Tomé 65. No relato de Marcos, aproximadamente onze palavras são extraídas de Isaías 5:1-7, palavras que, na maioria, não aparecem em Tomé. Assim, Crossan sugeriu que Tomé é mais antigo do que Marcos. Porém, a versão narrada por Lucas, que é mais recente que a de Marcos, tem apenas duas das palavras extraídas de Isaías 5:1-7. Esse é um exemplo de redação mais curta apresentada em uma narrativa mais recente. Portanto, Crossan não pode usar a evidência de que “quanto mais antigo o texto, mais curto deve ser” como prova sólida.

Muitos estudiosos acreditam que o pseudepígrafo apresenta uma versão encurtada e editada de Lucas. Outro exemplo de redação mais curta apresentada em uma narrativa mais recente se repete com a “parábola da pedra rejeitada”, a qual é relatada nos evangelhos canônicos em Marcos 12:10-11, Mateus 21:42 e Lucas 20:17. A versão da narrativa de Lucas é a mais recente e também a mais curta – e é justamente a versão que serviu de base para Tomé 66.

Apresenta conhecimento de tradições tardias, especialmente a tradição cristã oriental da Síria. É notável a afinidade do pseudepígrafo com a tradição dos cristãos orientais da Síria do século 2 d.C., especialmente com o “Diatessarão”. O Diatessarão era a única forma de “evangelho” do Novo Testamento que os cristãos sírios conheciam no século 2 d.C. Trata-se de uma “harmonia evangélica” – uma tentativa de mesclar ou harmonizar os evangelhos canônicos dos quatro evangelistas em uma única narrativa. Foi escrito por Taciano, um apologista e asceta dentre os primeiros cristãos. O termo “Diatessarão”, em português, vem do latim *diatessarōn* (que significa “composto por quatro”, evidentemente os quatro evangelhos). A harmonia de Taciano segue os evangelhos bem de perto no texto, mas os coloca em uma sequência nova e diferente.

Até mesmo alguns dos defensores da redação do Evangelho de Tomé no século 1 d.C. reconhecem que o local onde foi escrito foi Edessa, na Síria oriental. Eles ressaltam que o nome “Judas Tomé” se encontra em outros documentos de origem e circulação síriaca e, entre eles, se encontra o “Livro de Tomé, o Contencioso”. Essa obra já começa lembrando o Evangelho de Tomé: “As palavras secretas que o Salvador disse a Judas Tomé [...]”. Outro entre eles, “Atos de Tomé”, apresenta seu autor como “Dídimo Judas Tomé”, concordando com o prólogo do Evangelho de Tomé. Na versão síriaca de João 14:22, Judas é identificado como “Judas Tomé”, o que indica que a composição do nome era comum na tradição síriaca. Assim, as tradições que serviram de base para o Evangelho de Tomé são do século 2 d.C.

Praticamente desde o início do debate acerca do Evangelho de Tomé, especialistas em síriaco reconhecem seu estilo semítico e, especialmente, síriaco. Os mesmos especialistas também notaram que, em alguns pontos, leituras distintas do pseudepígrafo concordam com o Diatessarão ou com a posterior versão síriaca do Novo Testamento. O estudioso Nicholas Perrin, ao traduzir a versão copta do Evangelho de Tomé para o síriaco e para o grego, supondo que o documento tenha sido escrito originalmente em síriaco, identificou mais de trezentas palavras-chave síriacas que ligam quase todas as 114 divisões do pseudepígrafo. O trabalho de Perrin também demonstrou que o Evangelho de Tomé mostra familiaridade com a ordem e o modo de arranjo do material do Diatessarão, levando o estudioso a concluir que **o Evangelho de Tomé dependeu de forma indireta dos evangelhos canônicos, os quais chegaram ao autor desconhecido (intitulado como Tomé) por meio da obra de Taciano.**

Considerando as muitas ligações do Evangelho de Tomé com os evangelhos canônicos e com outros documentos religiosos síriacos, não é possível apoiar sua singularidade e antiguidade. Em pontos em que o pseudepígrafo diverge dos evangelhos canônicos, ele concorda com os escritos síriacos. Vejamos mais exemplos:

1. Mateus 10:34, do grego: “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas **espada.**”
2. Lucas 12:51, do grego: “Supondes que vim para dar paz à terra? Não, eu vo-lo afirmo; antes, **divisão.**”
3. Evangelho de Tomé 16a: “Eles não sabem que é a **divisão** que eu vim lançar sobre a terra: fogo, **espada** e **guerra.**”

4. Mateus 10:34b, do siríaco: “Eu vim não para trazer paz, mas **divisão** de mentes e uma **espada**.”

5. Reconhecimentos Siríacos 2.26.6: “Eu vim não para trazer paz sobre a terra, mas **guerra**.”

Note que o autor do Evangelho de Tomé deriva “divisão” de Lucas e “espada” de Mateus, ambos presentes na versão siríaca de Mateus. A palavra “guerra” deriva de Reconhecimentos Siríacos, **o que indica que o pseudepígrafo se baseou no siríaco de Mateus e em Reconhecimentos Siríacos**. Mesmo Tomé 54, sugerido por Crossan como sendo uma versão mais antiga do que o texto dos evangelhos canônicos em grego, aparece na versão siríaca de Mateus, encontrada no Diatessarão. O Diatessarão estava disponível para os cristãos siríacos apenas no século 2 d.C.

Alguns sugerem que o Evangelho de Tomé possui uma forma literária capaz de suportar uma data mais antiga, como a suposta “fonte Q”. Mas ele só encontra sentido dentro de uma tradição siríaca do século 2 d.C., não se encaixa na Palestina judaica antes de 70 d.C., e combina muito bem com outras coleções de dizeres, algumas da Síria, que surgiram nos séculos 2 e 3 d.C., como a coleção “Sentenças de Sexto” (originária da Síria do segundo século). Essa coleção coincide em local e em período com o Evangelho de Tomé. Sendo assim, é altamente provável que o Evangelho de Tomé seja apenas mais uma coleção de dizeres siríacos do século 2 d.C.

Craig Evans, baseado em sua pesquisa, concluiu que o pseudepígrafo é do segundo século, especialmente considerando que o Diatessarão não foi escrito antes do ano 170 d.C. Para ele, portanto, faz sentido afirmar que nada que esse documento nos traga é confiável para aprender algo sobre o Jesus histórico [142].

Bruce M. Metzger, por sua vez, considera que algumas das citações do Evangelho de Tomé são, de fato, baseadas em dizeres de Cristo, mesmo que tenham sofrido algumas alterações. Como base ele apontou dois textos conforme apresentados no pseudepígrafo:

1. “Uma cidade construída sobre **alta** montanha e fortificada, não pode estar oculta.”
2. “Deem a César as coisas que são de César e deem a Deus as coisas que são de Deus, **e me deem o que é meu**.”

No primeiro texto, a palavra “alta” foi acrescentada. No segundo, a expressão “e me deem o que é meu” foi acrescentada. No entanto, existem trechos estranhos demais aos evangelhos, como o que diz: “Cortem a madeira, ali estou. Ergam uma pedra, e me acharão ali”, aludindo ao panteísmo. Outro trecho, totalmente incompatível com o Cristo apresentado na Bíblia, diz: “Simão Pedro disse a eles: ‘Maria deveria deixar-nos, pois as mulheres não são dignas da vida.’ Jesus disse: ‘Eu a guiarei para fazer dela homem, de modo que também ela possa tornar-se um espírito vivo semelhante a vocês homens. Pois toda mulher que se tornar homem entrará no reino do céu.’”

A respeito da acusação de que o Evangelho de Tomé foi sumariamente excluído por causa de “concílios da Igreja”, Metzger afirmou:

Não há base histórica para isso. O que os sínodos e concílios fizeram no século 5 d.C. e nos seguintes foi **ratificar o que já tinha sido acatado pelos cristãos** em toda a parte. **Não é certo dizer que o Evangelho de Tomé teria sido excluído por algum decreto do concílio. O certo é que o Evangelho de Tomé excluiu a si mesmo! Ele não estava de acordo com os outros testemunhos sobre Jesus que os cristãos primitivos consideravam dignos de confiança.** [...] O cânon, na verdade, é uma separação decorrente da visão intuitiva dos cristãos [143].

Por fim, Natanael Pedro Castoldi, compilador de muitas das informações utilizadas neste estudo que se referem a livros não canônicos, autor do blog **Entre o Malho e a Bigorna** (<https://entreamalhoebigorna.blogspot.com/>), concluiu:

Se o apócrifo no qual os críticos das Escrituras mais depositaram suas esperanças trata-se de um documento tardio e simplesmente ignorado pelos cristãos primitivos, **não vejo motivos para alarde mediante a propaganda sensacionalista sobre um “Jesus desconhecido”, “uma outra face de Cristo” ou “o Jesus que a Igreja tentou esconder”**. Nem esse e nem nenhum dos apócrifos que hoje estão na moda nos podem servir como referencial de estudo sobre Cristo – isso deve servir, ao menos, para os estudiosos honestos. Com isso

não estou dizendo que devemos evitar o estudo desse material, pois se assim fosse, eu não teria escrito tal artigo – pelo contrário: todos devem ler os documentos apócrifos e compará-los com o material de nossas bíblias! Se assim fosse, teríamos menos gente aterrorizada ou radiante mediante a barulheira que ecoa das periferias e do submundo das pesquisas neotestamentárias.

12.7.3. O EVANGELHO DE BARNABÉ VERSUS A CONFIABILIDADE DO NOVO TESTAMENTO [144]

Será que uma “Bíblia secreta” foi descoberta em uma operação de contrabando Turca contendo a verdade sobre a identidade de Jesus Cristo? De acordo com um oficial turco, um antigo texto encadernado em couro de 1.500 anos de idade, secretamente escondido por 12 anos, poderia ser uma versão autêntica do “Evangelho de Barnabé”.

De acordo com essa “Bíblia secreta”, Barnabé foi um dos doze apóstolos originais de Jesus. No entanto, no Livro de Atos dos Apóstolos, Lucas introduziu Barnabé como um colega evangelizador com o apóstolo Paulo. Em suas viagens, Paulo e Barnabé declararam corajosamente a morte de Jesus, sua ressurreição e senhorio no primeiro século (Atos 13:1-3; 13:33).

Embora o documento intitulado como “Evangelho de Barnabé” contenha grande parte das mesmas informações que os quatro evangelhos do Novo Testamento, é muito diferente no que diz respeito à identidade de Jesus Cristo. Algumas das diferenças significativas que se encontram no livro são:

- Nega a divindade de Jesus;
- Rejeita a Trindade;
- Nega a crucificação de Jesus.

Examinemos o que o Evangelho de Barnabé diz sobre a divindade de Jesus:

Confesso diante do céu, e chamo para testemunhar tudo o que habita na terra, que eu sou um estranho a tudo o que os homens disseram de mim, a saber, que eu sou mais do que homem. Porque eu sou um homem, nascido de mulher, sujeito ao juízo de Deus; que vivo aqui como os outros homens, sujeitos às misérias comuns. (*Evangelho de Barnabé 94:1*).

É evidente que o Evangelho de Barnabé retrata Jesus como negando sua divindade, ao passo que o apóstolo João escreveu claramente sobre Jesus como o Filho de Deus, criador do mundo:

No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito. (*João 1:1-3, “Nova Versão Internacional”*).

Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade. (*João 1:14, “Nova Versão Internacional”*).

Nessas passagens, João afirmou que ele realmente viu Jesus. Mais tarde, ele disse que ele o tocou, viajou com ele e o ouviu ensinar por três anos. Ele fala sobre Jesus como um amigo. Mas o autor do Evangelho de Barnabé não faz tal afirmação.

Ambos os escritos também diferem quanto a crucificação de Jesus. O Evangelho de Barnabé apresenta Judas Iscariotes como aquele que morreu na cruz em vez de Jesus, enquanto no Novo Testamento Judas traiu Jesus e se suicidou.

Esse ensinamento de que Jesus não morreu na cruz é extremamente significativo, uma vez que toda a mensagem cristã é construída sobre a morte de Jesus como o salvador que morreu por causa de nossos pecados e sua ressurreição como a nossa esperança de vida eterna (1 João 5:11-13).

Ambas as mensagens não podem ser verdade, uma vez que o Novo Testamento claramente diz que Jesus morreu na cruz e o Evangelho de Barnabé afirma o contrário. Então, como podemos saber qual Jesus é real?

A melhor maneira de saber a verdade sobre se Jesus morreu na cruz ou não é verificar o registro histórico. Mesmo historiadores seculares estão convencidos de que Jesus tinha realmente morrido na cruz. Analisaremos isso com detalhes no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Outra forma importante para verificar se é o Evangelho de Barnabé ou o Novo Testamento que está retratando acontecimentos verídicos é comparar a confiabilidade dos dois relatos diferentes.

Embora os estudiosos usem vários testes para determinar a confiabilidade de um manuscrito, **o mais importante é se ele é ou não é de uma testemunha ocular. Em um julgamento criminal, o testemunho ocular é sempre considerado muito superior ao testemunho de alguém que não presenciou o crime.**

Assim, como podemos saber se o Evangelho de João ou o Evangelho de Barnabé são de uma testemunha ocular? Uma razão pela qual estudiosos citam para a autoria de João é o fato de os historiadores da igreja primitiva atribuírem a escrita para ele. No entanto, a fim de ter sido escrito por João, seu evangelho deve ter sido escrito durante a vida de João. Se as evidências apontassem para o evangelho ter sido escrito após o início do segundo século, quando João estava morto, tal evangelho obviamente não poderia ter sido escrito por ele.

Da mesma forma, se o Evangelho de Barnabé foi escrito após vida de Barnabé, ele também não poderia ter sido de uma testemunha ocular. No entanto, se qualquer evangelho puder ser rastreado até o primeiro século, a probabilidade de sua confiabilidade aumenta consideravelmente. Então, o que a evidência nos diz? **Para que o Evangelho de Barnabé tivesse sido de uma testemunha ocular, seria necessário que ele tivesse sido escrito durante a vida de Jesus no primeiro século.** Uma vez que não temos os escritos originais tanto no caso do Evangelho de Barnabé quanto do Novo Testamento, precisamos verificar suas datações tanto por evidência histórica quanto por evidências de antigas cópias manuscritas.

Há apenas dois antigos manuscritos do Evangelho de Barnabé diferentes daquele descoberto na Turquia: um manuscrito italiano que data do século quinze ou dezesseis, e uma cópia espanhola de aproximadamente do mesmo período, a qual foi perdida [145]. O texto no manuscrito Turco descoberto está em aramaico. Nenhuma dessas cópias está em grego, a língua de Barnabé e dos apóstolos.

Duas listas de obras não canônicas de cristãos primitivos, uma do quinto século e outra do sétimo século, mencionam “um evangelho de Barnabé”. Se essas obras se referissem ao mesmo escrito, colocariam a escrita do Evangelho de Barnabé entre 400 e 500 anos depois de Cristo, ou antes. Mas isso ainda está há várias centenas de anos depois do primeiro século.

O escrito “Atos de Barnabé” é uma obra não canônica do quinto século direcionada para a igreja de Chipre que, às vezes, é erradamente confundida com o Evangelho de Barnabé.

O único livro do primeiro século atribuído a Barnabé é a “Epístola de Barnabé”, a qual é um escrito não incluído no Novo Testamento. Essa carta do primeiro século fala de Jesus como o Cristo crucificado e Senhor ressuscitado. Há estudiosos acreditam que ele foi escrito por Barnabé entre 70 e 90 d.C.

Porém, se Barnabé escreveu de Jesus como Senhor na sua epístola do primeiro século, por que ele iria, em seguida, escrever de Jesus como um mero profeta no Evangelho de Barnabé? Por que ele iria escrever dois relatos contraditórios de Jesus?

A Epístola de Barnabé é aceita por estudiosos como um relato autêntico do primeiro século sobre Jesus que concorda com o Novo Testamento quanto à divindade de Jesus. No entanto, o Evangelho de Barnabé é um livro completamente diferente, com uma linha de tempo completamente diferente.

As evidências a seguir sugerem que o Evangelho de Barnabé não foi reconhecido como um evangelho do primeiro século pelos primeiros cristãos ou por não cristãos [146]:

- Nenhum escritor não cristão se refere a ele até o décimo quinto ou décimo sexto século;
- Nenhum cristão se refere a ele do primeiro ao décimo quinto século.

- A referência mais antiga a ele foi feita no quinto século, mas está em dúvida.
- Ele cita fatos históricos que não existiam até centenas de anos depois do primeiro século [147].

Escritores como o “pai da igreja” Irineu escreveram extensivamente sobre os documentos anticristãos tais como os **evangelhos gnósticos**, classificando-os como heréticos. No entanto, nem uma das cartas ou documentos de Irineu menciona o Evangelho de Barnabé. Não há simplesmente nenhuma menção a ele a partir de qualquer escritor antigo.

Talvez o maior indicativo de sua datação tardia seja o fato de que o Evangelho de Barnabé descreve a vida medieval na Europa Ocidental, bem como um jubileu de 100 anos, o que não foi declarado até o décimo quarto século. Como Barnabé ou qualquer escritor do primeiro século saberia tais detalhes históricos centenas de anos antes de terem sido declarados?

O Dr. Norman Geisler concluiu: **“A evidência de que esse não era um evangelho do primeiro século, escrito por um discípulo de Cristo, é esmagadora”** [148].

Não só a evidência argumenta contra esse escrito ter sido escrito por Barnabé no primeiro século, mas alguns estudiosos acreditam que é uma falsificação. Um especialista escreveu: “Na minha opinião, pesquisa acadêmica provou absolutamente que esse ‘evangelho’ é uma farsa” [149]. Estudiosos cristãos e seculares não estão sozinhos em seu veredito de que alguém adulterou o texto, de forma fraudulenta, fazendo-o parecer ser o trabalho de companheiro de Paulo, Barnabé.

Voltemos à questão da confiabilidade do Novo Testamento. Podemos mesmo descobrir o Jesus real através de suas páginas? Os livros do Novo Testamento foram escritos em época suficientemente antiga para terem sido escritos por testemunhas oculares? Se assim for, eles devem ter sido escritos durante o primeiro século. Vamos examinar novamente as [evidências](#) e comparar a datação do Novo Testamento com o que temos descoberto sobre o Evangelho de Barnabé.

A história fornece pistas de três fontes primárias em relação à data de origem para os 27 livros do Novo Testamento:

- Testemunho de inimigos da Igreja;
- Relatos dos primeiros cristãos;
- Cópias de manuscritos antigos.

A primeira pista é uma lista parcial dos livros do Novo Testamento feita por inimigos da Igreja chamados hereges. Como “foras da lei da Igreja”, os hereges não teriam se preocupado em concordar com os líderes das igrejas sobre a autoria ou a datação do Novo Testamento. No entanto, dois hereges antigos, Marcião e Valentino, atribuíram os escritos de vários livros e passagens do Novo Testamento aos apóstolos.

Em 140 d.C., o herege Marcião listou 11 dos 27 livros do Novo Testamento como sendo os autênticos escritos dos apóstolos. Mais ou menos na mesma época, outro herege, Valentino, aludiu à uma grande variedade de temas e passagens do Novo Testamento.

Isso nos diz que, em meados do segundo século, muitos livros do Novo Testamento já estavam em circulação por algum tempo. **Mesmo os hereges “foras da lei” aceitaram esses relatos do Novo Testamento como relatos de testemunhas oculares dos apóstolos.**

A segunda pista é o grande número de cartas dos primeiros cristãos, sermões, comentários e credos que se referem a Jesus como o Senhor ressuscitado. Eles pareciam ter sido escritos tão cedo quanto cinco anos depois de sua crucificação. Embora muitos escritos tenham sido queimados sob o édito do imperador romano Diocleciano, milhares sobreviveram.

O número desses documentos é impressionante: mais de 36.000 escritos completos ou parciais, alguns do primeiro século, foram descobertos [150]. Suas palavras poderiam replicar praticamente todo o Novo Testamento, exceto por alguns versos [151].

Como isso se compara com o Evangelho de Barnabé? Já notamos que há apenas duas citações dele antes do século quinze e é duvidoso que essas referências foram para o “Evangelho de Barnabé” em questão. Essas citações podem ter se referido a um dos outros livros com o nome de Barnabé: a “Epístola de Barnabé” ou os “Atos de Barnabé”. **Estudiosos questionam se as referências são ao Evangelho de Barnabé porque não há nenhum outro documento histórico apoiando isso.**

Os primeiros escritos cristãos fora do Novo Testamento eram de homens que conheceram e seguiram Paulo, Pedro, João e os outros apóstolos. Esses líderes das igrejas não foram testemunhas oculares de Jesus, mas aprenderam sobre ele de quem tinha realmente visto e ouvido dele. Significativamente, seus escritos confirmam muitos detalhes do Novo Testamento a respeito de Jesus, incluindo sua crucificação e ressurreição.

Os mais importantes desses primeiros escritos cristãos fora do Novo Testamento são de **Clemente de Roma, Inácio de Antioquia e Policarpo de Esmirna.**

Em 96 d.C., Clemente de Roma escreveu uma longa carta à igreja de Corinto em que ele citou Mateus, João e 1 Coríntios. Alguns acreditam que ele é o Clemente mencionado por Paulo em Filipenses 4:3. Uma vez que a carta de Clemente foi escrita em 96 d.C., esses três livros devem ter sido escritos anteriormente.

Em cerca de 110 d.C., Inácio de Antioquia, um discípulo do apóstolo João, escreveu seis cartas para igrejas e uma carta para um colega bispo, Policarpo, na qual ele se refere a seis das cartas de Paulo.

Policarpo de Esmirna, também um discípulo do apóstolo João, fez referência a todos os 27 livros do Novo Testamento em sua carta à igreja de Filipos (110-135 d.C.).

Portanto, os evangelhos devem ter estado em existência durante o primeiro século, enquanto algumas testemunhas (incluindo João) ainda estavam vivas. Temos visto que **não há referências antigas como essas para o Evangelho de Barnabé.**

Nossa terceira pista é a abundância de manuscritos antigos do Novo Testamento que ajudaram estudiosos a determinar o tempo aproximado que foram originalmente compostos. Arqueólogos descobriram mais de 5.000 cópias manuscritas do Novo Testamento na língua original grega, alguns livros completos, e alguns meros fragmentos. Contando outras línguas, existem mais de 24.000 [152].

Muito claramente, 5.000 contra três é uma enorme vantagem numérica de manuscritos para o Novo Testamento. Além disso, os arqueólogos descobriram fragmentos do Novo Testamento que datam dentro de uma geração ou duas depois de Cristo, em comparação com centenas de anos mais tarde para o Evangelho de Barnabé.

No início do século vinte, um fragmento do Evangelho de João foi descoberto no Egito (especificamente, o Papiro P52: João 18:31-33), datado de cerca de 125 d.C. O renomado estudioso da Bíblia, Bruce Metzger, ressaltou o significado dessa descoberta notável:

Assim como Robinson Crusoe, vendo uma única pegada na areia, concluiu que outro ser humano, com os dois pés, estava presente na ilha com ele, assim P52 [a etiqueta do fragmento] prova a existência e a utilização do quarto evangelho durante a primeira metade do segundo século [...] [153].

A descoberta desse fragmento significa que **dentro de uma geração depois de João escrever seu evangelho, uma cópia dele tinha migrado todo o caminho da Ásia Menor para o Egito.**

Há muitos outros manuscritos antigos datados do final do segundo século ao quarto e quinto séculos. Livros inteiros do Novo Testamento datados de 200-1500 d.C. são preservados em vários museus, como os papiros Bodmer [154].

Como já observado anteriormente, antes dessas descobertas os estudiosos críticos alemães do final do século dezenove e do início do século vinte argumentaram que o Novo Testamento foi escrito por autores desconhecidos no segundo século. Mas essa nova evidência revela que [seus livros foram todos escritos no primeiro século](#).

Vamos revisar algumas evidências que já estudamos. O historiador Paul Johnson ressaltou:

A noção do final do século dezenove e do início do século vinte de que o Novo Testamento foi uma coleção de registros tardios e altamente imaginativos já não pode ser seriamente mantida. Ninguém duvida agora que as epístolas de Paulo ou que os registros cristãos mais antigos sejam autênticos, e ninguém mais os data [os escritos cristãos mais antigos] mais tarde do que os anos 50 d.C. [155].

O arqueólogo William Albright concluiu que todo o Novo Testamento foi escrito em “muito provavelmente em algum momento entre cerca de 50 d.C. e 75 d.C.” [156].

O estudioso de Cambridge, John A. T. Robinson, defendeu datas ainda mais antigas. Ele acredita que a maior parte do Novo Testamento foi escrita entre 40 e 65 d.C. [157]. Robinson baseou sua conclusão principalmente no fato de que todos os livros do Novo Testamento são silenciosos sobre a destruição de Jerusalém. Tal evento-chave certamente teria sido mencionado por eles se tivesse ocorrido antes de seus escritos.

Outra evidência para a datação mais antiga é que as mortes de Pedro e Paulo em cerca de 64-68 d.C. não são mencionadas em nenhum livro. Há uma quantidade incrível de detalhes por escrito sobre as suas vidas no Novo Testamento, mas por que não sobre suas mortes? Em Atos 12, o apóstolo Tiago, irmão de João, foi morto por Herodes, e isso foi relatado. Judas, um dos doze apóstolos, se suicidou, e isso foi relatado. Por que não foi relatada a morte de dois personagens icônicos do cristianismo, como Pedro e Paulo? Isso convence muitos estudiosos que suas mortes ainda não tinham ocorrido na época de escrita dos manuscritos originais.

O consenso da maioria dos estudiosos hoje é que as cartas de Paulo começam no início dos anos 50 d.C. e os evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) foram escritos no início e meados da década de 60 d.C. Estimativas sobre outros livros variam de 40 a 100 d.C., mas o consenso é que todos os escritos do Novo Testamento foram compostos no primeiro século.

Essas conclusões significam que os relatos do Novo Testamento sobre Jesus foram escritos em qualquer momento entre sete e trinta anos após sua morte, quando milhares de testemunhas estariam vivas para se opor aos relatos caso estivessem errados. No entanto, isso não ocorreu.

A evidência para a confiabilidade do Novo Testamento excede a evidência de todos os outros documentos de história antiga. John A. T. Robinson escreveu: “A riqueza de manuscritos, e acima de tudo o intervalo estreito de tempo entre a escrita e as primeiras cópias existentes, o tornam de longe o texto mais bem atestado de qualquer escrito antigo do mundo” [158].

Portanto, o Novo Testamento tem muito mais manuscritos, datados muito mais cedo, do que o Evangelho de Barnabé, como o quadro a seguir demonstra:

Testes de Confiabilidade	Novo Testamento	Evangelho de Barnabé
Data do original	40-100 d.C.	400-1500 d.C.
Cópias mais antigas verificadas	Cerca de 125 d.C.	400-1500 d.C.
Intervalo entre o original e cópias mais antigas verificadas	22-98 d.C.	Indeterminado
Anos depois de Cristo	7-30	370-1.470
Número de manuscritos na linguagem original	Mais de 5.000	Nenhum
Número de manuscritos em todas as linguagens	24.000	3
Citações em outros documentos	36.000	2

Enquanto a “Bíblia secreta” chamada “Evangelho de Barnabé” foi escrita 400-1500 anos depois de Cristo, os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João foram escritos no primeiro século, dentro de uma geração da vida de Cristo.

Enquanto se lê o Novo Testamento, torna-se evidente que os escritores tentaram gravar honestamente a vida, palavras e acontecimentos que envolveram Jesus. Lucas, o escritor tanto do Evangelho de Lucas quanto de Atos dos Apóstolos, colocou desta forma:

Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos **fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas.** (*Lucas 1:1-4, “Nova Versão Internacional”*).

A escrita antiga do Novo Testamento sugere fortemente que podemos saber o que Jesus ensinou e como ele era pelas palavras de quem o conhecia, as testemunhas oculares. Uma testemunha ocular, o apóstolo Pedro, escreveu:

De fato, **não seguimos fábulas engenhosamente inventadas**, quando lhes falamos a respeito do poder e da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo; ao contrário, nós **fomos testemunhas oculares** da sua majestade. (*2 Pedro 1:16, “Nova Versão Internacional”*).

Pedro e as outras testemunhas oculares corajosamente proclamaram “Jesus como Senhor” com o risco de perderem suas vidas. Talvez o legado de seus compromissos inabaláveis seja a evidência mais convincente de que tudo o que o Novo Testamento apresenta é sobre o verdadeiro Jesus, ao contrário do que o Evangelho de Barnabé e outros candidatos a “Bíblia secreta” apresentam.

12.8. A REJEIÇÃO DOS LIVROS APÓCRIFOS NO PRIMEIRO SÉCULO

Embora obras apócrifas possam ser reconhecidas como tendo algum valor histórico, **a autoridade delas foi rejeitada no primeiro século pelo Conselho de Jâmnia, pelo historiador judeu Josefo e pelo filósofo judeu alexandrino Fílon. A rejeição de Fílon é notável porque, se os livros apócrifos tivessem uma aceitação antiga, essa aceitação teria que ter começado em Alexandria – um fato que não pode ser conciliado pelos escritos de Fílon.**

Uma teoria afirma que existiu um cânon judaico em Alexandria, no Egito, que incluía os apócrifos. Os judeus de Alexandria eram fortemente orientados pela comunidade judaica da Palestina, tornando improvável a formação de um cânon diferente. Fílon era o maior escritor de Alexandria e, mesmo tendo feito frequentes citações do Antigo Testamento, não citou os apócrifos nenhuma vez [159].

Não há nem mesmo qualquer suporte para os apócrifos nos primeiros targums (os quais eram, basicamente, notas de sermão, comentários e ensinamentos com base em escritos do Antigo Testamento).

Mesmo sendo os detalhes disputados entre os historiadores, pode não ter havido qualquer aceitação da inspiração dos livros apócrifos até o quarto século. Os antigos “pais da igreja” Orígenes, Atanásio, Tertuliano e Cirilo falaram contra os apócrifos. Como mencionado anteriormente, até mesmo [Jerônimo, tradutor da versão oficial latina Bíblia, a Vulgata, negou a canonicidade dos apócrifos.](#)

Não há evidência de que os judeus ou cristãos do primeiro século consideravam outro livro religioso além dos livros judaicos, inclusive os chamados apócrifos e os numerosos livros pseudepígrafos, como canônicos [160].

12.9. OS APÓCRIFOS HOJE

No ano de 1546, a Igreja Católica Romana pronunciou oficialmente onze apócrifos (os chamados deutero-canônicos) como sempre tendo sido equiparados às Escrituras [161]. Examinaremos sobre a posição de

Roma sobre as Escrituras no sexto estágio deste estudo (história). De acordo com Loraine Boettner, isso foi uma reação da igreja romana para tentar defender práticas que a Reforma acusou como não tendo base bíblica.

Antes da Reforma, os apócrifos foram declaradamente rejeitados pelo próprio Papa Leão X da Igreja Católica, assim como pelo Cardeal Ximenes, Cardeal Caetano, Papa Clemente VII, bem como muitos de seus próprios estudiosos. Hoje, igrejas protestantes rejeitam os apócrifos como não inspirados por Deus.

Quaisquer escritos não canônicos (pseudepígrafos, manuscritos não canônicos do Mar Morto, escritos de Fílon e de Josefo, os *targums* e a literatura rabínica antiga) podem ser úteis de outras formas, em contextos literários, históricos, ou como simples leitura. Porém, **jamais devem ser elevados à categoria das Escrituras.**

12.10. POR QUE A EPÍSTOLA DE JUDAS FAZ REFERÊNCIA A LIVROS PSEUDOEPÍGRAFOS?

Há uma das epístolas do Novo Testamento em que, aparentemente, são citadas obras pseudepígrafas: a Epístola de Judas. Dizemos “aparentemente” porque **é possível que tais dizeres apenas tenham sido transmitidos por tradição oral e Judas, como autor inspirado, os tenha escrito em sua epístola.** Sendo tais dizeres famosos entre os judeus, eles os escreveram em outros livros.

O autor da epístola certamente demonstrou grande conhecimento de tradições judaicas e pode também ter tido bom conhecimento da vasta literatura judaica. Alguns trechos da Epístola de Judas são referenciados a obras não canônicas como o “Testamento de Moisés”/“Assunção de Moisés” e o “Primeiro Livro de Enoque”. Por isso, alguns críticos não aceitavam a canonicidade de sua carta.

Porém, nada impede que um autor inspirado possa fazer uso de tanto documentos históricos quanto textos não inspirados **com a finalidade de ilustrar ou corroborar sua argumentação bíblica, sem com isso estar defendendo a inspiração dos documentos ou referências utilizadas.** Partes das obras não canônicas referenciadas na Epístola de Judas possivelmente foram bem conhecidas na época: Judas pode simplesmente tê-las citado para exemplificar seus argumentos.

Ainda que se considere que Judas tenha citado pseudepígrafos, a citação de certa obra por um autor bíblico não significa aprovação a ela. O apóstolo Paulo, por exemplo, citou ditados de pagãos com o objetivo de corroborar seus argumentos. Quando pregou aos atenienses, o apóstolo citou um dos ditados dos poetas deles para defender sua pregação:

Pois nele vivemos, nos movemos e existimos, **como disseram alguns dos poetas de vocês: “também somos descendência dele”.** (*Atos 17:28, “Nova Versão Internacional”*).

O apóstolo também alertou Tito sobre os cretenses com os quais ele poderia se deparar durante sua tarefa em Creta:

Um dos seus próprios profetas chegou a dizer: “Cretenses, sempre mentirosos, feras malignas, glutões preguiçosos”. Tal testemunho é verdadeiro. Portanto, repreenda-os severamente, para que sejam sadios na fé (*Tito 1:12-13, “Nova Versão Internacional”*).

Assim, **é perfeitamente aceitável que, assim como Paulo, Judas tenha usado coisas bem conhecidas como ilustração para defender seus argumentos.** Pode até ser possível que Judas, como autor inspirado, tenha sido capaz de discernir a verdade no meio da ficção do “Testamento de Moisés”/“Assunção de Moisés” e do “Primeiro Livro de Enoque”. **Judas também pode ter inserido em sua epístola as passagens citadas nesses pseudepígrafos por pertencerem a uma tradição oral bastante consolidada, a qual acabou também sendo escrita nos textos pseudepígrafos.** Por exemplo, nada impede que Enoque tenha realmente dito frases que a tradição oral transmitiu e consolidou desde a antiguidade.

Isso não quer dizer, no entanto, que as obras pseudepígrafas sejam confiáveis. A natureza do Primeiro Livro de Enoque, bem como a natureza de outras obras pseudepígrafas, é de **um composto de escritos de vários autores e épocas, além de apresentar falsa autoria.**

Outra possibilidade interessante é que os pré-gnósticos da época de Judas gostavam de utilizar pseudepígrafos e apócrifos para sustentar suas ideias. **Judas pode simplesmente ter usado material desses livros para combater os falsos mestres com o próprio material que utilizavam.**

13. REFERÊNCIAS

- [1] Adaptado de *Provethe bible.net/T1/Integrity.htm*, acessado em 11/2022. [Retornar](#).
- [2] MacRae, Allan A. "Evidence For Faith", *Probe Ministries Int'l*, 1991, p. 223. [Retornar](#).
- [3] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", *Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI*, 1969, pp. 164-165. [Retornar](#).
- [4] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", *Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI*, 1969, p. 203. [Retornar](#).
- [5] Archer, Gleason L. Jr., "A Survey of Old Testament Introduction", *Moody Press, Chicago, IL*, Rev. 1974, pp. 83-93. [Retornar](#).
- [6] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", *Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI*, 1969, p. 107. [Retornar](#).
- [7] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", *Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI*, 1969, p. 229. [Retornar](#).
- [8] Archer, Gleason L. Jr., "A Survey of Old Testament Introduction", *Moody Press, Chicago, IL*, Rev. 1974, pp. 83-93. [Retornar](#).
- [9] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", *Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI*, 1969, pp. 9-11, 498. [Retornar](#).
- [10] Archer, Gleason L. Jr., "A Survey of Old Testament Introduction", *Moody Press, Chicago, IL*, Rev. 1974, p. 92. [Retornar](#).
- [11] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", *Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI*, 1969, p. 17. [Retornar](#).
- [12] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", *Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI*, 1969, p. 352. [Retornar](#).
- [13] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", *Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI*, 1969, p. 50, 501. [Retornar](#).
- [14] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", *Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI*, 1969, p. 509. [Retornar](#).
- [15] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", *Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI*, 1969, p. 25. [Retornar](#).
- [16] Allis, Oswald T., "The Old Testament: Its Claims and Its Critics", *Baker Book House, Grand Rapids, MI*, 1972. [Retornar](#).
- [17] Archer, Gleason L. Jr., "A Survey of Old Testament Introduction", *Moody Press, Chicago, IL*, Rev. 1974, p. 110. [Retornar](#).
- [18] Johnson, Paul, "A Historian Looks At Jesus", *Speech to Dallas Theological Seminary*, 1986. [Retornar](#).

- [19] Albright, William F., "Toward A More Conservative View", *Christianity Today*, January 18, 1993. [Retornar](#).
- [20] Robinson, John A. T., citado em Geisler, Norman L. & Turek, Frank, "I Don't Have enough Faith To Be An Atheist", Wheaton, IL: Crossway, 2004, p. 243. [Retornar](#).
- [21] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI, 1969, p. 287. [Retornar](#).
- [22] Hall, Terry, "How the Bible Became a Book", SP Publ., 1990, p. 75. [Retornar](#).
- [23] Bruce, F.F., "The Books and the Parchments", Fleming H. Revell and Pickering and Inglis, Ltd., 1950, 1984, p. 89. [Retornar](#).
- [24] Bruce, F.F., "The Books and the Parchments", Fleming H. Revell and Pickering and Inglis, Ltd., 1950, 1984, p. 96. [Retornar](#).
- [25] Bruce, F.F., "The Books and the Parchments", Fleming H. Revell and Pickering and Inglis, Ltd., 1950, 1984, p. 166-167. [Retornar](#).
- [26] Bruce, F.F., "The Books and the Parchments", Fleming H. Revell and Pickering and Inglis, Ltd., 1950, 1984, p. 100. [Retornar](#).
- [27] Bruce, F. F., "The Books and the Parchments", Fleming H. Revell and Pickering and Inglis, Ltd., 1950, 1984, pp. 168-169. [Retornar](#).
- [28] McDowell, Josh, "A Ready Defense", Here's Life Publ., San Bernardino, CA, 1990, p. 45. [Retornar](#).
- [29] McDowell, Josh, "A Ready Defense", Here's Life Publ., San Bernardino, CA, 1990, p. 45. [Retornar](#).
- [30] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI, 1969, pp. 522-523. [Retornar](#).
- [31] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI, 1969, p. 209. [Retornar](#).
- [32] Archer, Gleason L. Jr., "A Survey of Old Testament Introduction", Moody Press, Chicago, IL, Rev. 1974, p. 173. [Retornar](#).
- [33] Davidson, Samuel, "The Hebrew Text of the Old Testament", Bagster & Sons, 1859, p. 89. [Retornar](#).
- [34] Kenyon, Frederick G., "Our Bible and the Ancient Manuscripts", Harper & Bros., 1941. [Retornar](#).
- [35] Geisler, Norman L. & Brooks, Ron, "When Skeptics Ask", SP Publ., 1990, p. 158. [Retornar](#).
- [36] Adaptado de Entreomalhoeabigorna.blogspot.com.br/2014/12/posso-confiar-no-testemunho-oral-acerca.html; Entreomalhoeabigorna.blogspot.com.br/2015/01/a-evidencia-definitiva-do-evangelho-no.html; Entreomalhoeabigorna.blogspot.com.br/2014/10/sobre-os-apocrifos-do-novo-testamento.html; acessados em 02/2015. [Retornar](#).
- [37] Aquino, Felipe, "Ciência e Fé em Harmonia", Cléofas, 2012, pp. 154-162. [Retornar](#).
- [38] Grudem, Wayne & Collins, C. John & Schreiner, Thomas R. & Beckwith, Roger T. (Capítulo 10), Wallace, Daniel B. (Capítulo 12), "Origem, Confiabilidade e Significado da Bíblia", Vida Nova, 2013, p. 113. [Retornar](#).
- [39] "A Bíblia de Estudo Anotada Expandida", Mundo Cristão, 2007, p. 1302. [Retornar](#).
- [40] Orr-Ewing, Amy, "Por Que Confiar na Bíblia?", Ultimato, 2008, p. 45. [Retornar](#).

- [41] Geisler, Norman & Turek, Frank, "Não Tenho Fé Suficiente Para Ser Ateu", *Vida*, 2012, p. 241. [Retornar](#).
- [42] Orr-Ewing, Amy, "Por Que Confiar na Bíblia?", *Ultimato*, 2008, p. 45. [Retornar](#).
- [43] Douglas, J. D., "O Novo Dicionário da Bíblia", *Vida Nova*, 2012, pp. 1008-1009; Drane, John, "A Vida na Igreja Primitiva", *Edições Paulinas*, 1985, pp. 35-44, 103; "Bíblia de Estudo Arqueológica", *Vida*, 2013, p. 1819, 1893, 1899; Ryrie, Charles C., "A Bíblia de Estudo Anotada Expandida", *Mundo Cristão*, 2007, p. 1138; "Bíblia de Estudo Plenitude", *SBB*, 2011, p. 1215; Dowley, Tim. "Os Cristãos", *Martins Fontes*, 2009, p. 13; "Bíblia de Estudo Defesa da Fé", *CPAD*, 2009; "Bíblia Apologética de Estudo", *ICP*, 2011; "Bíblia de Estudo das Profecias", *Atos*, 2005. [Retornar](#).
- [44] Markos, Louis, "Apologética Cristã Para o Século XXI", *Central Gospel*, 2013, pp. 186-189, 223-225; Geisler, Norman & Turek, Frank, "Não Tenho Fé Suficiente Para Ser Ateu", *Vida*, 2012, pp. 249-252. [Retornar](#).
- [45] McDowell, Josh (organizado por Wilson, Bill), "Evidências da Fé Cristã", *Hagnos*, 2006, pp. 86-88. [Retornar](#).
- [46] Strobel, Lee, "Em Defesa de Cristo", *Vida*, 2011, capítulo 2; Evans, Craig, "O Jesus Fabricado", *Cultura Cristã*, 2009, pp. 34-37; Kivitz, Ed René, "Talmidim", *Mundo Cristão*, 2013, p. 7; Ankerberg, John & Weldon, John & Burroughs, Dilon, "Os Fatos Sobre a Bíblia", *Actual*, 2011, pp. 32-34; McDowell, Josh (organizado por Wilson, Bill), "Evidências da Fé Cristã", *Hagnos*, 2006, pp. 81-82. [Retornar](#).
- [47] Rancé, Christiane, "Jesus", *L&PM Pocket*, 2012, p. 24. [Retornar](#).
- [48] McDowell, Josh (organizado por Wilson, Bill), "Evidências da Fé Cristã", *Hagnos*, 2006, pp. 83-85. [Retornar](#).
- [49] Ankerberg, John & Weldon, John & Burroughs, Dilon, "Os Fatos Sobre a Bíblia", *Actual*, 2011, pp. 23-24. [Retornar](#).
- [50] Orr-Ewing, Amy, "Por Que Confiar na Bíblia?", *Ultimato*, 2008, p. 60. [Retornar](#).
- [51] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", *Eerdmans Publishing Co.*, Grand Rapids, MI, 1969, p. 26. [Retornar](#).
- [52] Archer, Gleason L. Jr., "A Survey of Old Testament Introduction", *Moody Press*, Chicago, IL, Rev. 1974, pp. 56-57. [Retornar](#).
- [53] Archer, Gleason L. Jr., "A Survey of Old Testament Introduction", *Moody Press*, Chicago, IL, Rev. 1974, p. 25. [Retornar](#).
- [54] Ankerberg, John & Weldon, John & Burroughs, Dilon, "Os Fatos Sobre a Bíblia", *Actual*, 2011, pp. 23-24. [Retornar](#).
- [55] Orr-Ewing, Amy, "Por Que Confiar na Bíblia?", *Ultimato*, 2008, p. 60. [Retornar](#).
- [56] Shanks, Hershel, "The Dead Sea Scrolls After Forty Years", *Biblical Archaeology Society*, 1990, p. 9. [Retornar](#).
- [57] Bruce, F.F., "The Books and the Parchments", *Fleming H. Revell and Pickering and Inglis, Ltd.*, 1950, 1984, p. 105. [Retornar](#).
- [58] Archer, Gleason L. Jr., "A Survey of Old Testament Introduction", *Moody Press*, Chicago, IL, Rev. 1974, p. 25. [Retornar](#).
- [59] Geisler, Norman L. & Nix, William E., "A General Introduction to the Bible", *Moody Press*, 1968. [Retornar](#).
- [60] Archer, Gleason L. Jr., "A Survey of Old Testament Introduction", *Moody Press*, Chicago, IL, Rev. 1974, pp. 38-39. [Retornar](#).
- [61] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", *Eerdmans Publishing Co.*, Grand Rapids, MI, 1969, p. 229. [Retornar](#).

- [62] Harrison, R. K., *“Introduction to the Old Testament”*, Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI, 1969, p. 231-232. [Retornar.](#)
- [63] Archer, Gleason L. Jr., *“A Survey of Old Testament Introduction”*, Moody Press, Chicago, IL, Rev. 1974, p. 45. [Retornar.](#)
- [64] Harrison, R. K., *“Introduction to the Old Testament”*, Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI, 1969, p. 212. [Retornar.](#)
- [65] Harrison, R. K., *“Introduction to the Old Testament”*, Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI, 1969, pp. 231-232. [Retornar.](#)
- [66] Archer, Gleason L. Jr., *“A Survey of Old Testament Introduction”*, Moody Press, Chicago, IL, Rev. 1974, p. 44. [Retornar.](#)
- [67] Harrison, R. K., *“Introduction to the Old Testament”*, Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI, 1969, p. 224. [Retornar.](#)
- [68] McDowell, Josh, *“Evidence That Demands a Verdict”*, *Here’s Life*, 1979, p. 43. [Retornar.](#)
- [69] Elliot, Raymond (Edited by Philip Wesley Comfort), *“The Origin of the Bible”*, Tyndale House, Wheaton IL, 1992, p. 181. [Retornar.](#)
- [70] Archer, Gleason L. Jr., *“A Survey of Old Testament Introduction”*, Moody Press, Chicago, IL, Rev. 1974, p. 47. [Retornar.](#)
- [71] Kenyon, Frederick G., *“The Bible and Archaeology”*, Harper & Row, 1940. [Retornar.](#)
- [72] Archer, Gleason L. Jr., *“A Survey of Old Testament Introduction”*, Moody Press, Chicago, IL, Rev. 1974, p. 51. [Retornar.](#)
- [73] Hall, Terry, *“How the Bible Became a Book”*, SP Publ., 1990, p. 9. [Retornar.](#)
- [74] Harrison, R. K., *“Introduction to the Old Testament”*, Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI, 1969, p. 229. [Retornar.](#)
- [75] Adaptado de Y-jesus.com/twrj/4-are-gospels-true, acessado em 01/2016. [Retornar.](#)
- [76] Albright, William F., *“Recent Discoveries in Biblical Lands”*, New York: Funk & Wagnalls, 1955, p. 136. [Retornar.](#)
- [77] Albright, William F., *“Toward a More Conservative View”*, *Christianity Today*, January 18, 1993, p. 3. [Retornar.](#)
- [78] Robinson, John A. T., *“Redating the New Testament”*, citado em Geisler, Norman L. & Turek, Frank, *“I Don’t Have Enough Faith to Be an Atheist”*, Wheaton, IL: Crossway, 2004, p. 243. [Retornar.](#)
- [79] McDowall, Josh, *“The New Evidence That Demands A Verdict”*, Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1999, pp. 33-68. [Retornar.](#)
- [80] McDowall, Josh, *“The New Evidence That Demands A Verdict”*, Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1999, p. 34. [Retornar.](#)
- [81] Metzger, Bruce M., *“The Text of the New Testament”*, New York: Oxford University Press, 1992, p. 34. [Retornar.](#)
- [82] McDowall, Josh, *“The New Evidence That Demands A Verdict”*, Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1999, p. 38. [Retornar.](#)
- [83] Metzger, Bruce M., *“The Text of the New Testament”*, New York: Oxford University Press, 1992, p. 39. [Retornar.](#)

- [84] Metzger, Bruce M., *"The Text of the New Testament"*, New York: Oxford University Press, 1992, pp. 36-41. [Retornar](#).
- [85] Robinson, John A. T., *"Can We Trust the New Testament?"*, Grand Rapids: Eerdmans, 1977, p. 36. [Retornar](#).
- [86] McDowall, Josh, *"The New Evidence That Demands A Verdict"*, Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1999, p. 36. [Retornar](#).
- [87] Moreland, J. P., *"Scaling the Secular City"*, Grand Rapids: Baker, 2000, pp. 134-157. [Retornar](#).
- [88] Geisler, Norman L. & Turek, Frank, *"I Don't Have Enough Faith to Be an Atheist"*, Wheaton, IL: Crossway, 2004, p. 256. [Retornar](#).
- [89] McDowall, Josh, *"The New Evidence That Demands A Verdict"*, Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1999, p. 61. [Retornar](#).
- [90] McDowall, Josh, *"The New Evidence That Demands A Verdict"*, Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1999, p. 64. [Retornar](#).
- [91] Geisler, Norman L. & Turek, Frank, *"I Don't Have Enough Faith to Be an Atheist"*, Wheaton, IL: Crossway, 2004, p. 269. [Retornar](#).
- [92] Moreland, J. P., *"Scaling the Secular City"*, Grand Rapids: Baker, 2000, pp. 136-137. [Retornar](#).
- [93] Geisler, Norman L. & Turek, Frank, *"I Don't Have Enough Faith to Be an Atheist"*, Wheaton, IL: Crossway, 2004, p. 276. [Retornar](#).
- [94] Durant, Will, *"Caesar and Christ"*, vol. 3 de *"The Story of Civilization"*, New York: Simon & Schuster, 1972, p. 563. [Retornar](#).
- [95] Habermas, Gary R., *"Why I Believe the New Testament is Historically Reliable"*, *"Why I am a Christian"*, Geisler, Norman L. & Hoffman, Paul K., eds., Grand Rapids, MI: Baker, 2001, p. 150. [Retornar](#).
- [96] Habermas, Gary R., *"Why I Believe the New Testament is Historically Reliable"*, *"Why I am a Christian"*, Geisler, Norman L. & Hoffman, Paul K., eds., Grand Rapids, MI: Baker, 2001, p. 150. [Retornar](#).
- [97] Habermas, Gary R., *"Why I Believe the New Testament is Historically Reliable"*, *"Why I am a Christian"*, Geisler, Norman L. & Hoffman, Paul K., eds., Grand Rapids, MI: Baker, 2001, p. 150. [Retornar](#).
- [98] Metzger, Bruce M., *"The Text of the New Testament"*, New York: Oxford University Press, 1992, p. 86. [Retornar](#).
- [99] McDowall, Josh, *"The New Evidence That Demands A Verdict"*, Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1999, p. 135. [Retornar](#).
- [100] Elliot, Raymond (Edited by Philip Wesley Comfort), *"The Origin of the Bible"*, Tyndale House, Wheaton IL, 1992, p. 236. [Retornar](#).
- [101] Elliot, Raymond (Edited by Philip Wesley Comfort), *"The Origin of the Bible"*, Tyndale House, Wheaton IL, 1992, p. 237. [Retornar](#).
- [102] McDowell, Josh & Stewart, Don, *"Razões Para os Céticos Considerarem o Cristianismo"*, Editora e Distribuidora Candeia, 1ª Edição, São Paulo, 1992, pp. 46-47. [Retornar](#).
- [103] McDowell, Josh & Stewart, Don, *"Razões Para os Céticos Considerarem o Cristianismo"*, Editora e Distribuidora Candeia, 1ª Edição, São Paulo, 1992, p. 49. [Retornar](#).
- [104] Adaptado de Entreomalhoeabigorna.blogspot.com.br/2014/12/posso-confiar-no-testemunho-oral-acerca.html;
Entreomalhoeabigorna.blogspot.com.br/2015/01/a-evidencia-definitiva-do-evangelho-no.html;

Entreomalhoeabigorna.blogspot.com.br/2014/10/sobre-os-apocrifos-do-novo-testamento.html;
Entreomalhoeabigorna.blogspot.com.br/2013/11/uma-analise-dos-apocrifos-parte-1-os.html;
Entreomalhoeabigorna.blogspot.com.br/2013/11/uma-analise-dos-apocrifos-parte-2-os.html; acessados em 02/2015.
[Retornar.](#)

[105] Grudem, Wayne & Collins, C. John & Schreiner, Thomas R. & Beckwith, Roger T. (Capítulo 10), Wallace, Daniel B. (Capítulo 12), "Origem, Confiabilidade e Significado da Bíblia", Vida Nova, 2013, p. 91. [Retornar.](#)

[106] Grudem, Wayne & Collins, C. John & Schreiner, Thomas R. & Beckwith, Roger T. (Capítulo 10), Wallace, Daniel B. (Capítulo 12), "Origem, Confiabilidade e Significado da Bíblia", Vida Nova, 2013, p. 94. [Retornar.](#)

[107] "Bíblia de Estudo Arqueológica", Vida, 2013, p. 2041, 2086; Douglas, J. D., "O Novo Dicionário da Bíblia", Vida Nova, 2012, pp. 1111-1113. [Retornar.](#)

[108] Adaptado de *Universocatolico.com.br*, "Relação de livros apócrifos", acessado em 08/2015. [Retornar.](#)

[109] "Bíblia de Estudo Arqueológica", Vida, 2013, p. 1552. [Retornar.](#)

[110] Bruce, F.F., "Merece Confiança o Novo Testamento?", Vida Nova, 2010, p. 36. [Retornar.](#)

[111] Tenney, Merrill C., "O Novo Testamento, Sua Origem e Análise", Shedd Publicações, 2008, pp. 409-411. [Retornar.](#)

[112] "Bíblia de Estudo Arqueológica", Vida, 2013, p. 2022. [Retornar.](#)

[113] Grudem, Wayne & Collins, C. John & Schreiner, Thomas R. & Beckwith, Roger T. (Capítulo 10), Wallace, Daniel B. (Capítulo 12), "Origem, Confiabilidade e Significado da Bíblia", Vida Nova, 2013, p. 94. [Retornar.](#)

[114] Archer, Gleason L. Jr., "A Survey of Old Testament Introduction", Moody Press, Chicago, IL, Rev. 1974, p. 75. [Retornar.](#)

[115] Adaptado de *Y-jesus.com/more/ggh-gnostic-gospels*, acessado em 01/2016. [Retornar.](#)

[116] McManners, John, ed., "The Oxford History of Christianity", New York: Oxford University Press, 2002, p. 28. [Retornar.](#)

[117] Bock, Darrell L., "Breaking the Da Vinci Code", Nashville: Nelson, 2004, p. 114. [Retornar.](#)

[118] Bock, Darrell L., "Breaking the Da Vinci Code", Nashville: Nelson, 2004, pp. 119-120. [Retornar.](#)

[119] Bock, Darrell L., "Breaking the Da Vinci Code", Nashville: Nelson, 2004, p. 13. [Retornar.](#)

[120] Geisler, Norman & Brooks, Ron, "When Skeptics Ask", Grand Rapids, MI: Baker, 1998, p. 156. [Retornar.](#)

[121] Citado em Robinson, James M., ed., "The Nag Hammadi Library: The Definitive Translation of the Gnostic Scriptures", HarperCollins, 1990, p. 126. [Retornar.](#)

[122] Lutzer, Erwin, "The Da Vinci Deception", Wheaton, IL: Tyndale, 2004, p. 32. [Retornar.](#)

[123] Citado em McDowell, Josh, "The New Evidence that Demands a Verdict", San Bernardino, CA: Here's Life, 1999, p. 37. [Retornar.](#)

[124] Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI, 1969, p. 287. [Retornar.](#)

[125] Grudem, Wayne & Collins, C. John & Schreiner, Thomas R. & Beckwith, Roger T. (Capítulo 10), Wallace, Daniel B. (Capítulo 12), "Origem, Confiabilidade e Significado da Bíblia", Vida Nova, 2013, pp. 91-92. [Retornar.](#)

- [126] “Bíblia de Estudo Arqueológica”, Vida, 2013, p. 1552. [Retornar](#).
- [127] Archer, Gleason L. Jr., “A Survey of Old Testament Introduction”, Moody Press, Chicago, IL, Rev. 1974, p. 76. [Retornar](#).
- [128] Young, Edward J., “Revelation and the Bible”, p. 167. [Retornar](#).
- [129] Boettner, Loraine, “Roman Catholicism”, P.R.P. Co., p. 81. [Retornar](#).
- [130] Archer, Gleason L. Jr., “A Survey of Old Testament Introduction”, Moody Press, Chicago, IL, Rev. 1974, p. 77. [Retornar](#).
- [131] Archer, Gleason L. Jr., “A Survey of Old Testament Introduction”, Moody Press, Chicago, IL, Rev. 1974, p. 77. [Retornar](#).
- [132] Geisler, Norman (artigo), “Bíblia de Estudo Defesa da Fé”, CPAD, 2010, pp. 810-811. [Retornar](#).
- [133] Geisler, Norman (artigo), “Bíblia de Estudo Defesa da Fé”, CPAD, 2010, pp. 810-811). [Retornar](#).
- [134] Grudem, Wayne & Collins, C. John & Schreiner, Thomas R. & Beckwith, Roger T. (Capítulo 10), Wallace, Daniel B. (Capítulo 12), “Origem, Confiabilidade e Significado da Bíblia”, Vida Nova, 2013, pp. 91-92. [Retornar](#).
- [135] Douglas, J. D., “O Novo Dicionário da Bíblia”, Vida Nova, 2012, pp. 1114-1115. [Retornar](#).
- [136] Rancé, Christiane, “Jesus”, L&PM Pocket, 2012, p. 258. [Retornar](#).
- [137] Robert J. Hutchinson, “Uma História Politicamente Incorreta da Bíblia”, Agir, 2012, p. 235. [Retornar](#).
- [138] Eusébio de Cesaréia, “História Eclesiástica”, Livro 3, capítulo XXV, CPAD, 2000, pp. 103-104. [Retornar](#).
- [139] “Bíblia Apologética com Apócrifos”, ICP, 2014, pp. 860-863; Evans, Craig, “O Jesus Fabricado”, Cultura Cristã, 2009, pp. 72-88, 215-219. [Retornar](#).
- [140] Evans, Craig, “O Jesus Fabricado”, Cultura Cristã, 2009, p. 58. [Retornar](#).
- [141] Strobel, Lee, “Em Defesa de Cristo”, Vida, 2011, pp. 74-88. [Retornar](#).
- [142] Evans, Craig, “O Jesus Fabricado”, Cultura Cristã, 2009, pp. 58-70. [Retornar](#).
- [143] Strobel, Lee, “Em Defesa de Cristo”, Vida, 2011, pp. 87-90. [Retornar](#).
- [144] Adaptado de Y-jesus.com/more/gbs-the-gospel-of-barnabas-secret-bible, acessado em 01/2016. [Retornar](#).
- [145] Geisler, Norman & Saleeb, Abdul, “Answering Islam”, Grand Rapids, MI: Baker, 2002, pp. 303-307. [Retornar](#).
- [146] Geisler, Norman & Saleeb, Abdul, “Answering Islam”, Grand Rapids, MI: Baker, 2002, pp. 303-307. [Retornar](#).
- [147] Gilchrist, John, “Origins and Sources of the Gospel of Barnabas”. [Retornar](#).
- [148] Geisler, Norman & Saleeb, Abdul, “Answering Islam”, Grand Rapids, MI: Baker, 2002, pp. 303-307. [Retornar](#).
- [149] Slomp, J. “The Gospel Dispute”, Islamochristiana, p. 68. [Retornar](#).
- [150] Geisler, Norman L. & Hoffman, Paul K., eds., “Why I Am a Christian”, Grand Rapids, MI: Baker, 2001, p. 150. [Retornar](#).
- [151] Metzger, Bruce M., “The Text Of The New Testament”, New York: Oxford University Press, 1992, p. 86. [Retornar](#).

- [152] McDowell, Josh, *"The New Evidence That Demands a Verdict"*, Nashville: Thomas Nelson, 1999, pp. 33-68. [Retornar](#).
- [153] Metzger, Bruce M., *"The Text Of The New Testament"*, New York: Oxford University Press, 1992, p. 39. [Retornar](#).
- [154] Metzger, Bruce M., *"The Text Of The New Testament"*, New York: Oxford University Press, 1992, p. 39. [Retornar](#).
- [155] Johnson, Paul, *"A Historian Looks At Jesus"*, Speech to Dallas Theological Seminary, 1986. [Retornar](#).
- [156] Albright, William F., *"Toward A More Conservative View"*, Christianity Today, January 18, 1993. [Retornar](#).
- [157] John A. T. Robinson citado em Geisler, Norman L. & Turek, Frank, *"I Don't Have enough Faith To Be An Atheist"*, Wheaton, IL: Crossway, 2004, p. 243. [Retornar](#).
- [158] Robinson, John A. T., *"Can We Trust The New Testament?"*, Grand Rapids: Eerdmans, 1977, p. 36. [Retornar](#).
- [159] *"Bíblia de Estudo Arqueológica"*, Vida, 2013, p. 1552. [Retornar](#).
- [160] *"Bíblia de Estudo Arqueológica NVI"*, Vida, 2013, p. 1967. [Retornar](#).
- [161] McDowell, Josh, *"Evidence That Demands a Verdict"*, Here's Life, 1979, p. 366. [Retornar](#).